

300

ANO II

Setembro de 1942

N. 4

# REVISTA BRASILEIRA

(PUBLICADA PELA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

*"Esta a glória que fica, eleva, honra e consola"*

(MACHADO DE ASSIS)



RIO DE JANEIRO

# SUMÁRIO

Págs.

1 — Pastor Angelicus .....	D. AQUINO CORREIA ....	3
2 — O Pão e o Homem (soneto) .	FILINTO DE ALMEIDA ...	6
3 — Crônicas doutro tempo .....	JOÃO LUSO .....	7
4 — Os Jesuitas no Cabo do Norte	SERAFIM LEITE S. I. ...	15
5 — Romance da solteira (con- clusão) .....	JOSÉ VIEIRA .....	31
6 — Aluízio Azevedo e a carica- tura no tempo do império ..	JOSUÉ MONTELO .....	63
7 — Vocabulário médico .....	LEONIDIO RIBEIRO .....	70
8 — Euclides da Cunha e o Barão do Rio-Branco .....	FRANCISCO VENANCIO FI- LHO .....	86
9 — O despertar da Redentora (peça teatral) .....	MARIA EUGENIA CELSO .	103
10 — Que coisa é a linguagem? ..	SÍLVIO ELIA .....	118
11 — Um prêgador baiano .....	LUIZ VIANA FILHO .....	125
12 — A bela Margarida .....	RAQUEL DE QUEIROZ ....	129
13 — Cousas de crítica .....	MOISÉS VELINHO .....	135
14 — Nossos autores prediletos ..	ANTONIO OSMAR GOMES .	139
15 — O Figueirôa do "Diário" ..	ANIBAL FERNANDES ....	144
16 — Duas meditações .....	OLIVEIRA E SILVA .....	147
17 — Velhos livros e novas leituras	MÁRIO SETE .....	154
18 — O "m" na métrica .....	ALFREDO DE ASSIS .....	157
19 — A dança dos Tapuios, folgue- do tradicional goiano .....	RENATO DE ALMEIDA ...	162
20 — Notícias: <i>Informações literá- rias</i> , Peregrino Junior, 170.— <i>Revista das Revistas</i> , Orlando Carneiro, 174. — <i>Academia Brasileira de Letras</i> , 181. — <i>Revista Brasileira</i> , 182.		

A N O II

Setembro de 1942

N. 4

# REVISTA BRASILEIRA

(PUBLICADA PELA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

*"Esta a glória que fica, eleva, honra e consola"*

(MACHADO DE ASSIS)



RIO DE JANEIRO

# REVISTA BRASILEIRA

Publicada pela Academia Brasileira de Letras

Séde — AVENIDA PRESIDENTE WILSON n.º 203,  
Rio de Janeiro

Aparece em Março, Junho, Setembro e Dezembro

Comissão Diretora: RODRIGO OCTAVIO, GUSTAVO BARROSO,  
ALCEU AMOROSO LIMA, JOÃO NEVES e LEVI CAR-  
NEIRO (diretor responsável) — membros efetivos da Aca-  
demia.

---

— A Academia e os Diretores da Revista não se responsabilizam pelos conceitos emitidos nos artigos publicados.

— A Revista publica somente trabalhos inéditos de escritores brasileiros.

— A Revista é impressa na ortografia adotada pela Academia, com a devida vênua dos autores de artigos, que pessoalmente a não observam.

— Será publicado na Revista, mediante a remuneração estipulada, desde que aprovado pela Comissão Diretora, qualquer trabalho literário, remetido ao Diretor responsável, com a prova de identidade do autor.

---

Preço de venda avulsa:

No Rio — 5\$000

Nos Estados — 6\$000

Vendem-se na Academia exemplares avulsos dos ns. 2 e 3 a 6\$000

## PASTOR ANGELICUS

D. AQUINO CORREIA.

*Ego sum Pastor Bonus*

Famosa na história dos Papas, é a profecia de São Malaquias, que, entretanto, note-se desde logo, nada tem que ver com o homônimo santo do Velho Testamento, último dos doze profetas menores.

Trata-se, em vez, do santo arcebispo de Armagh, na Irlanda, grande amigo de São Bernardo, que lhe assistiu à morte em 1148, e lhe escreveu a biografia, sem fazer, contudo, referência alguma à profecia, só muito depois publicada, ao cabo de várias centúrias de anos.

Nada mais é, portanto, êsse documento, do que, quando muito, simples revelação particular, sobre cuja autenticidade discutem ainda hoje livremente os doutos.

Não deixa, todavia, de ser interessante aplicar a cada um dos Papas os dizeres da profecia, que outra coisa não é, senão uma série de 111 legendas, em que teria o autor frisado sendos traços característicos dos Pontífices, desde Celestino II até o fim dos tempos. Assim, para não sairmos do corrente século, fôra aí Leão XIII prenunciado como “luz no Céu”, *lumen in caelo*, quer por alusão à estrêla heráldica das suas armas, quer ao esplendor da sua sabedoria no céu da Igreja; a Pio X fôra prefixado o dístico de “fogo ardente” *ignis ardens*, pelo ardor do seu zêlo apostólico; a Bento XV o de “religião devastada”, *religio depopulata*, por causa da grande guerra, que durante o seu pontificado, iria assolar os centros do catolicismo; a Pio XI, enfim, o

de "fé intrépida", *fides intrepida*, pela intrepidez da fé, com que teria resistido aos maiores assaltos do poder das trevas.

Mas eis que surge nos horizontes tenebrosos dos nossos dias trágicos, a figura branca e luminosa do novo Papa, Pio XII: quem não dissera que lhe assentaria bem algum mote semelhante ao de Bento XV: *religio depopulata*? Ao contrário: sabeis qual a divisa profética que lhe coube? "Pastor Angélico", *Pastor Angelicus*. Signo rútilo de esperança, no horror do caos contemporâneo!

Reproduz assim Pio XII, pela primeira vez, na vasta galeria malaquiana, a doce imagem evangélica do Bom Pastor, podendo repetir com o Divino Mestre: *Ego sum Pastor Bonus*. E que expressiva não é ela, neste momento histórico, em que os homens, mais do que nunca, se transformaram em lobos, uns para os outros, *homo homini lupus*, entredevorando-se na mais universal e feroz das guerras!

Não rebanhos de ovelhas, senão antes alcatéias de lobos, é que lhe toca pastorear: fôsse êle um pastor meramente humano, e muito haveria que duvidar da sua missão; mas se não falha o vaticínio do vidente de Armagh, é um Pastor Angélico, *Pastor Angelicus*, o que hoje empunha o glorioso báculo de Roma.

Extraordinário pegureiro êsse, cujo esplêndido cajado é a palavra, a sua palavra apostólica, que não cessa de prègar *urbi et orbi* as duas grandes virtudes, sem as quais os cordeiros se mudam em lobos, e com as quais se amansam lobos em cordeiros: a justiça e a caridade. Justiça para com Deus e os homens, justiça social e internacional, que equilibra direitos e deveres, mantendo a ordem e a tranquilidade do mundo. Justiça, que Ezequiel já profetizara como distintivo do Pastor Divino, que nela apascenta os seus rebanhos: *pascam in iudicio*. Justiça, que também o Pastor Angélico adotou por lema do seu apostolado, através da letra bellissima de Isaías, que diz ser a paz obra dessa justiça: *opus justiae pax*.

Mas é, sobretudo, pela caridade, que se distingue o Pastor Angélico, verdadeiro anjo de amor, em meio às furiosas erinis desencadeadas hoje sôbre a terra. A caridade é

que o impele a clamar e relembrar ao mundo “aquela afinidade e aquele amor, que deve unir entre si todos os seres humanos”, condenando, ao mesmo tempo, tudo que tende a abalar e enfraquecer essa múltipla unidade. E’ a caridade que o leva a denunciar à face do universo, toda e qualquer autocracia absoluta do Estado, que violando os mais sagrados direitos naturais, escraviza consciências de indivíduos e famílias, nessa idolatria degradante, em que se roja a liberdade ante as aras cruas e cruentas do despotismo.

E os nossos votos, renovados com fervor neste Jubileu Episcopal de Pio XII, os nossos votos são que a voz do Pastor Angélico continue a concitar os povos a essa união fraterna, que preludie aqueloutra unidade, de que fala o Evangelho, “dum só redil, sob um só pastor”: *fiet unum ovile et unus pastor*. E praza aos Céus que nações e governos atendam a êsse apêlo supremo, afim que raie sôbre o mundo, não a paz romana dos Césares, paz das violências e das ruínas, mas a paz romana do Papa, fundada na justiça e na caridade.

Só assim poderá a humanidade exausta encontrar afinal o seu repouso, como predisse o profeta, “na beleza da paz”: *in pulchritudine pacis*.

## O PÃO E O HOMEM PRIMITIVO

FILINTO DE ALMEIDA.

Eram ervas teu único alimento  
Quando a caça nos bosques se fez rara;  
Mas, rijo, um dia te atirou à cara  
Um pequenino grão agudo o vento.

Sôbre a gleba o calcaste aos pés, violento...  
E, grato ao bruto gesto que o plantara,  
Brotou, cresceu, multiplicou-se em seara,  
E veio a ser, mais tarde, o teu sustento:

Inventaras com êle o Pão, — e, ufano,  
Viste a seara crescer cada vez mais,  
Aumentando a fartura de ano em ano.

E abrandado à doçura dos trigais,  
Só então, Homem, te tornaste humano  
E superior aos outros animais.

## CRÔNICAS DOUTRO TEMPO

João Luso.

### OTTO DE ALENCAR

Veio-me hoje à lembrança, logo de manhã, a figura de Otto de Alencar. Por que? A nenhum acontecimento, circunstância ou aspecto poderia atribuir semelhante recordação. Por questão de comodidade minha e alheia, para não dar tratos à incapacidade própria nem importunar qualquer amigo mais ou menos sapiente, admito um puro acaso. O acaso resolve tudo. O autor de *Mademoiselle de Maupin* elevou-o à dignidade onipotente de pseudônimo de Deus. E quantas vezes ao próprio Gautier êle não serviria de providência...

Refugio-me na hospitalidade incondicional do acaso, para pensar unicamente no homem desaparecido há quasi trinta anos e que de repente me faz esta enlevadora visita. Vem tal qual os meus olhos o conheceram e para sempre o amaram. A sua imagem assume a intimidade perfeita duma estada em Teresópolis, no bom tempo em que os veranistas formavam ali uma espécie de família. A bem dizer, Otto de Alencar não fazia parte da família. Quando lá cheguei, levando-lhe duas palavras de apresentação num bilhete do seu grande amigo Francisco Fajardo, encontrei-o sozinho entre os hóspedes do Hotel Higino. Vivia à parte, alheio, calado. Quem lhe obtivesse, em troca da saudação mais efusiva, um "bom dia" ou uma "boa noite", podia se dar por altamente feliz. Os cavalheiros que haviam desistido de o incluir, quer nas partidas de *pocker* quer nas pa-

lestras a horas certas também, denominavam-no "o Filósofo". As mocinhas espevitadas e com prática de arranjar alcunhas logo o tinham crismado "o Urso". Êle, porém, está claro, não sabia disso. Não dava fé, realmente, de nada disso. Passava, em geral de cabeça baixa, parecendo-lhe sem dúvida mais interessantes os desenhos do tapete ou os sulcos da estrada do que as fisionomias daquela gente.

Compreende-se bem a sua reserva. Não vinha do orgulho nem de qualquer sentimento de superioridade. Obedecia a uma simples prudência. Otto de Alencar tinha demasiado talento e sabia de mais para não recear o contacto da vulgaridade. Há numa peça de R. de Flers e G. A. de Caillavet certo personagem entre domjuanesco e irrisório, para quem a presença de qualquer mulher feia constitue uma afronta, um insulto pessoal. A Otto de Alencar de certo a ignorância produzia êsse efeito agressivo. O mestre que podia reger, de fato regeu todas as cadeiras da Escola Politécnica e durante certa época seis ao mesmo tempo; o filósofo-homem de letras cuja erudição abrangia vastíssima biblioteca e que sôbre Auguste Comte escreveu uma obra cheia de revelações e de novas interpretações; o musicista-virtuose, a quem todos os gênios da ópera e da sinfonia eram familiares e que, ao piano, podia traduzir qualquer trecho do *Anel dos Niebelungen* — êste fenômeno, êste monstro da inteligência e da cultura forçosamente receava o convívio tanto dos profanos quanto dos meio-iniciados ou meio-entendidos, igualmente senão ainda mais terrivelmente seus inimigos. Amedrontavam-no as homenagens parvas, os louvores desastrados, piores que insolências, as comparações de favor, com propósito lisonjeiro, e nos quais êle havia de sentir, inconcientes embora, as deformações da paródia e os escárneos da caricatura. E quando não houvesse manifestação expressa e direta do filisteu, do beócio, a presença dêste bastaria para o afligir. Feri-lo-ia em plena sensibilidade a indiferença pela matemática, a física e a química, a astronomia, a filosofia, a poesia, a música, todas as ciências e todas as artes que o apaixonavam e que êle trazia consigo, ciumenta e religiosamente, numa só ima-

gem sagrada, como o duque Fernando III da Toscana levava sempre, em passeios ou viagens, como parcela inseparável do próprio sêr, a Madona de Rafael, que acabou, como se sua espôsa fôra, por lhe tomar o nome.

Longe dos confrades, dos discipulos, de qualquer solidariedade ou qualquer interêsse como êle os entendia, Otto de Alencar tinha que levar, entre os simples jogadores de solo ou valsistas da vilegiatura serrana, uma existência de desterrado. Suspeito aos hóspedes "naturais" do panorama dos Órgãos; guardado à vista pelas sentinelas da futilidade que — diria êle consigo — só esperavam o momento de lhe assestar ao peito a baioneta escarninha, retraía-se, afastava-se, isolava-se o mais possível. Dêsse ostracismo voluntário o fui arrancar — e sabe Deus quanto por isso o contrariei! — com a recomendação magnânima de Fajardo. Sabendo-me, logo à primeira troca de palavras, convalescente de séria enfermidade, logo isso o desenrugou, o desanuviou. Diante da necessidade que eu tinha da sua indulgência, não tardou a conceder-me e antes me deixou perceber que dalgém precisava, êle próprio, por quem se interessar, a quem, mais ou menos, se afeiçoar. Catedrático insigne e jornalista pouco mais que principiante, dali a dois dias éramos quasi camaradas. Chegaram a seguir os estudantes Moses, Herbert e Artur, Moura Muniz, João Magalhães, João Borges, Gastão Teixeira, talvez ainda outros de Medicina, Direito ou Engenharia. Já se palestrava diante do Dedo de Deus, sem ser de mazurcas, namoricos ou cavalhadas. Nem todos êsses rapazes, está visto, trocavam pela nossa a companhia das donzelas dansantes, a quem requestar e das mães ainda por êsse tempo vigilantes, a quem adular. Alguns, porém, aos quais deixo de nomear por motivo que êles agora, e até os outros, ainda vivos, se me lêssem, compreenderiam, ficavam conosco depois de jantar, achando venturosa tal intimidade, no frio, às vezes bem agudo, da varanda. Formámos assim um pequeno grupo à parte, deveras unido, a tal família de verão, mas à nossa maneira. E pouco a pouco, outro Otto de Alencar se nos ia encantadoramente revelando...

Acreditei então, só então, no que me haviam contado Temístocles de Freitas, Carlos de Sousa Ferreira, mais um ou dois camaradas seus, do peito e do espírito. Fóra das aulas e da rua e uma vez em verdadeiro convívio íntimo, tudo o que nele havia ou parecia haver de sombrio, carrancudo, misantropo, se convertia em entusiasmo exultante, júbilo comunicativo, fantasia, anedota. Entregava-se a diabruras de "república" e farças de *atelier*. No entanto, e achando-se embora no meio dos seus amigos, se algum estranho tentava intervir ou fazer-se aceitar, súbitamente aquela intransigência se declarava, e o semblante adorável assumia uma expressão cerrada, dura, em que os estranhos chegavam a ver ferocidade.

Otto de Alencar adorava o piano, mas absolutamente se não sujeitava a tocar diante de pessoas acêrca das quais pudesse desconfiar que o ouviam sem respeito. Já se não tratava então de defender a dignidade da sua pessoa, mas de resguardar a obra criada pelos seus ídolos. Multiplicando os dedos sôbre as teclas, para lá e para cá, exercia o seu culto com emoções variadas. Rezava concentradamente a Beethoven, enternecida ou sonhadoramente a Chopin; e, se lhe vinha o ímpeto de variar, comunicando-se com algum deus menos imponente, menos exigente de ceremonial litúrgico, acamaradava com Grieg, por exemplo, sem deixar de lhe render todas as delicadezas de amator sapiente e requintado. Ora, no hotel de Teresópolis, Otto de Alencar se privava do grande gôzo dos seus nervos e do seu sentimento. Fazia como o devoto ardente que se abstinisse da oração, para não incorrer na mofa ou sequer na desatenção dos ímpios. E duma feita eu o surpreendi acariciando de passagem e como furtivamente o Pleyel do salão. Certa noite, porém, não aguentou mais. Passava das onze horas. Toda a gente se recolhera. Depois de longa chuva, a temperatura descera extraordinariamente. Soprava um vento afiado, de traspassar. Resolvemos ir dormir também. E ao atravessarmos o salão, eis que Otto de Alencar se sacode todo; fixa melhor as lunetas contra os olhos e sôbre o nariz; atira os braços para cima, no jeito

de desafogar das mangas as mãos frenéticas, irreprimíveis; dá volta ao botão da eletricidade e, abancando ao piano, inteiramente às escuras, ataca a todo o pedal a *Cavalgada das Valquírias*.

A primeira impressão por aqueles corredores além devia ter sido de subversão, de cataclismo. Chegaram-nos rumores de corpos estremunhados, espavoridos, saltando dos leitos para fugir, como se as rajadas de acordes wagnerianos abalasses o hotel, ameaçassem derrubá-lo em escombros. Depois, vieram as exclamações concientes, mas ainda de alarme. Vozes burguesas escandalizadas; vozes de solteironas esganiçadas; vozes infantis, de perrice e de susto; vozes suplicantes, dirigidas ao céu para que lhes garantisse o direito ao sono; vozes furibundas, ameaçadoras, perguntando quem era o desafortado a quem não tardariam a punir... Depois, um sussurro confuso. As vozes, ou reconheciam a inutilidade dos seus queixumes como dos seus protestos, ou de fato readormeciam. As sub-deusas guerreiras passavam nas suas montarias em pélo, abrindo pelos ares um sulco largo e alto de harmonias. A música on-deava, espriava-se num ritmo de arremetida inspiradora, abrindo o caminho para a batalha, para a vitória, para a morte. Sentia-se bem, na sala fechada, afogada em trevas, o bater das clinas contra a ventania, o resfolegar das narinas fumarentas, o estufar dos peitorais em febre, o redobrar e regalopar dos cascos, toda a robustez e toda a bravura dos corcéis sob a incitação épica das cavaleiras: Geell, o clamor; Hilda, a coragem; Skeggœld, o golpear dos machados; Rist, o chocar dos escudos; Truda, a persistência; Hlœk, o triunfo; Ragrid, a justiça... Sem sabermos então exatamente, ou sequer aproximadamente, o motivo por que Brunilde recorrera à intrepidez e celeridade das irmãs contra a fúria de seu pai, Wotan, nem por isso aquelas vagas de sonoridade deixavam de nos envolver, nos possuir. Como depois havíamos de confessar uns aos outros, sentíamos o descer duma fôrça imensa e duma indizível beleza sobre a nossa ingênua, débil, pobre sensibilidade. Aquilo nos amarfanhava, nos esmagava, mas ao mesmo tempo nos

enchia de sublimidade. Na nossa mesquinhez avassalada, havia uma espécie incomparável de ventura. Quasi não podíamos suportar a violência da comoção e quiséramos no entanto que jamais aquilo se interrompesse e jamais se transformasse noutra tormento ou noutra júbilo... Calou-se enfim a fantasmagoria de sons. Otto de Alencar reacendeu a eletricidade. E, quando os nossos olhos conseguiram ver, deram com dois hóspedes inseparáveis, velhotes e aduncos ambos, com reputação de agiotes, que tinham vindo imperceptivelmente, com os respectivos cobertores, e agora, no canapé onde permaneciam enroscados, abafados, de bonézinho, só com o bico e as orelhas de fóra, sorriam ao mesmo tempo beata e envergonhadamente, como a pedir perdão do seu diletantismo.

O resultado dessa orgia de arte pronunciou-se bem diversamente de tudo quanto poderíamos esperar. Em vez duma representação de protesto ao excelente Higino; dum êxodo, uma agressão em massa ou o *boycotage* do nosso grupo, o que se produziu foi uma curiosidade imensa das senhoras pelo nosso Paderewski. Queriam vê-lo ao piano, ouvi-lo pessoalmente e de perto. Às primeiras deligências em tal sentido, Otto de Alencar se recusou secamente. Impossível. Depois, a um dos velhos prestamistas vindo como embaixador, a sorrir, a saudar com a fronte nua, a esfregar as mãos rapinantes, deu algumas explicações: Não tocava para auditórios. Não trouxera os seus álbuns nem sabia de cór música alguma de feição a moderar a impaciência, a sofreguidão com que as meninas esperavam o momento de dansar. Não queria fazer concorrência aos saltitadores do teclado nem aos repenicadores do violão. Em suma, não, não e não! As damas, porém, não desistiram, Onde se viu mulher que desistisse? Valeram-se de todas as influências, queimaram todos os cartuchos da persuasão, da exigência, da súplica. E num sábado — como me lembra tudo isso! — depois de jantar, Herbert Moses se dirigiu ao rebelde, exortando-o com argumentos dum prestígio inesperado, que até a nós outros nos convenciam, a atender à solicitação das suas admiradoras. Já naquele

tempo a diplomacia de Moses era irresistível. Otto de Alencar acabou resmungando: "Está bem". E, como quem toma uma decisão suprema, endireitou as lunetas e rompeu para o salão.

Caminhou de cabeça baixa e ombros encolhidos, mas resolutamente, para o piano. Estalaram palmas que êle não agradeceu nem de certo ouviu. Depois, todas as senhoras se immobilizaram nas cadeiras à volta do recinto. Os homens, de pé, seriíssimos. Nós, os da varanda, fomo-nos acotovelar junto a uma das janelas. Tudo suspenso... Ouvir-se-ia o respirar dum anjo. Otto de Alencar ergueu as grandes mãos retezadas, abateu-as com violência; o teclado reboou com singular elasticidade, obedecendo à alma, às duas almas que o penetravam. A melodia desenvolveu-se grave e poderosamente, atingiu a amplitude máxima, depois declinou, sucumbiu em murmúrio... Há uma pausa augusta. Vem depois a surdina de novo motivo que se esboça, se organiza levemente, se demora ganhando relêvo e côr... Surge um brincado de notas, como uma renda que caminha, sùtil, ponto a ponto, tilintando em ouro, desdobrando-se como setim... Nisto, uma senhora diz a outra um segredinho rápido. Ao segredinho sucede uma risadinha, logo contida. Mas é quanto basta. Otto de Alencar ergue-se de repelão, procura-nos com as lunetas acesas, a faiscar; e, tendo-nos descoberto no vão sombrio da janela, exclama num tom ao mesmo tempo colérico e exultante:

— Eu não dizia?

E a passos rígidos, a cabeça alta desta vez, toda a figura marchando como se nada por ali houvesse a que prestar a atenção dum instante, sai do salão para nunca mais lá voltar.

Mas voltou. Em circunstâncias imprevistas, inimagináveis, mas voltou. Outra noite, retirados como sempre, falávamos de Rostand, da *Princesse lointaine* e de Sarah Bernhardt que então, numa *reprise* de êxito superior ainda ao primitivo, emprestava o esplendor da sua interpretação aos alexandrinos de Melissinde — quando, ao lado, dois cavalheiros começaram a exaltar-se, a erguer as vozes,

apaixonadamente. A questão não podia deixar de ser momentosa. Tratava-se com efeito do puro sangue ou do sangue impuro dum cãozinho do tipo denominado *carlindog*, ao qual, no devido tempo, fôra infligida certa desgraça e que, por isso, obeso e triste, vivia dormitando pelas almofadas, pelos tapetes. Aquelas horas justamente o bicho se amorrava a um canto do canapé principal, debaixo do vasto espelho *biseauté*. Um dos cavalheiros, o mais assomado, quis apostar. O outro considerou tal solução impraticável. Apostar, como? A única maneira de se verificar se um *carlindog* era ou não legítimo consistia em o pendurar pela cauda; se o tóto suportasse a prova em silêncio, tornava-se incontestável a raça estreme; se caínhasse, evidenciava-se a mestiçagem. Quem, porém, procederia a semelhante demonstração? O cavalheiro número um, já arrogante, desabusado, agravou o desafio. — Histórias! O que êle queria era o dinheiro casado, ali! Cem mil réis, quinhentos mil réis! Topava qualquer quantia. Quem não tinha coragem para apostar, que não teimasse, que se calasse. Que tal estava! — Não tardariam talvez as vias de fato quando Otto de Alencar, interrompendo o monólogo da entrada da Princesa no segundo ato, se adiantou para os dois senhores, com a larga mão espalmada:

— Um momento.

Entrou, foi direito ao canapé, segurou pelo sacarrolhas da cauda e ergueu quasi até ao lustre o *carlindog* que se revolia, em clamores de martírio. Depois, sem reparar nos guinchos ainda mais dilacerantes de várias damas; nem nos ais duma solteirona, tombando em deliquio; nem na aflição da própria dona que se precipitava, a acolher nos braços o fraldiqueiro estremecido, voltou à varanda e declarou simplesmente aos contendores:

— Não é legítimo.

# OS JESUÍTAS NO CABO DO NORTE

SERAFIM LEITE S.I.

## 1 — A GUIANA E ANTECEDENTES INTERNACIONAIS

Na margem esquerda do Amazonas há uma região, verdadeira e grandíssima ilha, cuja fímbria de água vai do Oceano Atlântico, pelos Rios Amazonas, Negro, Cassiquiare e Orinoco, até se perder outra vez no mar. É a Guiana, que consta hoje de cinco parcelas: Guiana Brasileira, Venezuelana, Inglesa, Holandesa e Francesa. A Guiana Brasileira, que ainda nos mapas do século XIX se chamava Guiana Portuguesa, foi incorporada ao Brasil nos séculos XVII e XVIII e constitue um dos grandes episódios da conquista, mal conhecido ainda, nem por isso menos impressionante, e com os seus aspectos heróicos.

Parte da Guiana foi Capitania de Bento Maciel — *A Capitania do Cabo do Norte* — (1) que descia do mar, desde as fronteiras do Governo de Caiena, pela costa, entrando no Amazonas até Guarupatuba, rematando de novo, pelo sertão acima desconhecido, até fronteiras igualmente desconhecidas. A luta pela posse dêsse vasto território transparece em todos os escritos da época e logo nos primeiros dos próprios jesuítas, Manuel Gomes, Luiz Figueira e Antônio Vieira vibram os rebates e se chama a atenção para os perigos.

Quando os Jesuítas entraram em ação, o vasto territó-

---

(1) Concessão de 14 de Junho de 1637, em Pôrto Seguro, *História Geral do Brasil*, III, 185.

rio do Cabo do Norte era paragem que pleiteavam Portugueses, Franceses, Ingleses e Holandeses. E se, como em todas as missões, o fim era catequético, nesta houve a intenção expressa de encorporar definitivamente essas terras ao grande todo do Brasil.

A 1 de Abril de 1680 recomenda El-Rei que as primeiras Missões, a fazer pelos Padres da Companhia, sejam "da outra banda do Rio das Alamazonas, para a parte do Cabo do Norte", não só para a conversão dos índios, mas também para conservar essas terras na devida obediência e fidelidade (2).

Esta ordem Régia é de 1 de Abril e no dia seguinte o P. Vieira, que não foi alheio a ela, escreve de Lisboa ao Superior do Maranhão: "Quanto a outras missões, em que havemos de residir, com os índios em suas terras, a primeira [que] se deve fazer como Sua Alteza deseja, *pelo que importa à conservação do Estado*, é a do Cabo do Norte, passando a outra banda do Rio das Alamazonas, que segundo as minhas antigas noticias deve ser a nação dos Tecujús. Espera-se que de lá venha muito particular informação de todas aquelas terras, rios e portos, de que se não tem bastante conhecimento, e da distância e lugares em que está a nova conquista dos holandeses, e dos navios que ali mandam e do comércio que têm com os índios, e de que nações estes sejam, e se a dita conquista fica além ou aquém dos padrões, que ali se puseram, no tempo da divisão das terras entre Castela e Portugal; e se se pudessem ver os mesmos padrões, e a forma e inscrição deles, tudo será tão bem recebido como desejado, e de tudo se espera informação dos nossos missionários, a mais exata que puder ser; pelo que importa que vá a este descobrimento a pessoa de maior inteligência e indústria, da qual parece que seria bom companheiro o Padre Conrado, pela arte que tem de debuxar, mandando-se cá um mapa daquele trato de terras, mares e rios, e da navegação e fundo de que são capazes, com o rumo dos ventos, etc. Para esta empresa e as demais irá,

---

(2) Bibl. de Évora, cód. CXV/2-12, 91; Bettendorff, *Crónica*, 425.

com aviso de Vossa Reverência tudo o que fôr necessário, e, de presente, além dos provimentos que de lá se pediram, mandamos neste navio dez quintais de ferro, um quintal de aço, cinquenta dúzias de facas, e quatro maços de velórios" (3).

## 2 — EXPEDIÇÕES DE RECONHECIMENTO E O MAPA DO P. CONRADO PFEIL

Para impedir as comunicações dos estrangeiros com os índios do Estado do Maranhão, estas ordens e sugestões foram prontamente obedecidas. O Superior, P. Pier Luigi Consalvi, nobre romano, fez as explorações indispensáveis e prévias para o estabelecimento de Aldeias. O P. Aloisio Conrado Pfeil, suíço, de Constança, pintor e matemático, debuxou todos os sítios, rios e terras, mapa que levou para Lisboa, em 1685, o Superior do Maranhão, P. Jódoco Peres (Perret), também suíço, de Friburgo, antigo Prof. da Universidade de Dilinga, que o ofereceu a El-Rei: "um grande mapa novo e belo, do grande Rio das Amazonas, delineado e feito pelo P. Aloisio Conrado Pfeil, insigne matemático, para aí ver as terras e rios que tinha, desde o Pará até o marco do Cabo do Norte, pela costa, sita aquem do Rio de Vicente Pinzón, e pelo Rio das Amazonas arriba, até onde chega o distrito destas conquistas do Estado do Maranhão. Alegrou-se Sua Magestade muito com o Mapa e o guardou em seu camarote, onde, diz Bettendorff, o vi depois sobre um bufete" (4).

Onde estará o mapa de Conrado Pfeil, importantíssimo, pois é anterior ao do P. Samuel Fritz, que provavelmente se utilizou dêle, quando se encontrou com Pfeil no Pará quatro anos depois?

Pfeil levantou outro mapa, mais ampliado, de toda a Missão, isto é, de todo o antigo Estado do Maranhão e Grão-Pará, que se enviou para Roma. Jódoco Peres escreve, de

---

(3) *Cartas de Vieira*, III, 434; *Bras.* 9, 315.

(4) Bettendorff, *Crónica*, 345, 346, 402.

Coimbra, ao Geral, a 27 de Agosto de 1685: "Remeto a V.<sup>a</sup> Paternidade o mapa da nossa Missão do Maranhão, feito pelo P. Aloisio Conrado Pfeil, com a exatidão que pôde, depois que comigo foi roubado, pelos piratas, de todos os seus instrumentos matemáticos" (5).

Mas isto era já em 1685. Cinco anos antes, Consalvi, Pfeil e Ir. Manuel Juzarte, português, navegaram o Rio Araguari e mais paragens do Cabo do Norte. Os Franceses tinham cativado alguns escravos. Os Jesuítas pagaram-lhos, e restituíram-nos à liberdade, avisando os Franceses de que se achavam fora da jurisdição de Caiena e que não voltassem a semelhantes proezas; e levantaram uma cruz em Tabarapixi, que viram ainda em 1687 os Padres que ali voltaram, com o Capião-mór do Pará, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho (6).

Com estas informações, podia El-Rei proceder à sua habitual política de fundar fortes nas fozes dos rios, próximos a fronteiras ou contestados, "prova da larga visão conquistadora dos Portugueses" (7). E logo a Côrte urgiu o duplo movimento missionário e militar, do levantamento de Fortes e fixação de Missionários, quer da Companhia quer de Santo Antônio. El-Rei escreve a Gomes Freire de Andrade que faça as fortalezas que entender e que "aos Padres da Companhia de Jesús tenho ordenado que façam uma nova Missão pelo Cabo do Norte, e os achareis com a disposição que costuma adiantar o seu zêlo nas matérias do serviço de Deus Nosso Senhor e meu".

O Governador dividiria êsse território, para demarcação clara de jurisdições, entre os Padres de Santo Antônio

(5) Arch. S. I. Romanum, *Brasilia* 26, 112. "Mitto ad V. P. mapam nostrae Missionis Maragnonensis a P. Aloysio Conrado Pfeil elaboratam accuratione qua potuit; postquam una mecum a pyratis, omnibus suis instrumentis mathematicis spoliatus fuit." Aqueles piratas eram 3 ingleses, 3 holandeses e 3 alemães, que em um navio assaltaram em 1684 outro menor em que o P. Jódoco Peres, Pfeil e mais alguns saíram do Maranhão por causa do *Motim do Estanco*, a caminho de Pernambuco. Bettendorff narra pormenorizadamente os dolorosos termentos que aqueles piratas deram a cada um (*Crónica*, 383).

(6) *Id.*, *Ib.*, 345, 432.

(7) Hélio Viana, *Formação Brasileira* (Rio 1935) 116.

e os da Companhia, “e com o cuidado destes missionários podereis conseguir que os missionários franceses não queiram a prática dos Aruãs e que os índios não busquem a comunicação alheia, esquecidos do próprio e natural do meu domínio” (8). Gomes Freire era diligente: “Tratei prontamente, diz êle, de esquipar canôa que a toda a pressa fosse a buscar o Engenheiro (9), para o que me valí daqueles índios, que os moradores têm casados com suas escravas, e de outros privilegiados até àquele tempo, por serem da Aldeia do Bispo, juntos também aos que Antonio de Albuquerque mandou conduzir da sua Vila do Camutá, lhe fiz aprestar as mais canôas em que êle havia de passar ao Cabo do Norte com os práticos e soldados, que o acompanharam; e, com todo o fornecimento necessário, partiu desta cidade, em *dois de Junho*, levando consigo os Missionários da Companhia, e entre êles o P. Aloísio Conrado, homem insigne nas Matemáticas e Fortificações, a quem persuadí a que quisesse fazer a Vossa Majestade o serviço de se achar nesta função, tanto para observar os sítios convenientes para fortalezas, como para desenhá-las, em caso que o Engenheiro se desencontrasse do Capitão-mór (o que assim não sucedeu), e porque ele dá conta a Vossa Majestade da diligência que fez sobre o que lhe ordenei (de onde voltou a 14 de Junho), o farei eu só da resulta deêla.

“Conferí a sua relação com o Governador Artur de Sá e Mereses e com os Ministros de V. Majestade, chamando também os homens, soldados e práticos, de quem esperava que com acerto votassem nesta matéria, e com a informação do Padre Aloísio Conrado e do Engenheiro, se assentou sem contradição que no Rio Araguaí na boca de seus lagos (porta por onde os Estrangeiros entram de inverno a commerciar com o gentio das Amazonas), se fizesse uma Casa Forte, porque, impedido êste passo às pequenas canoas que o navegam, não fica outra entrada para os ser-

---

(8) Carta Régia, de 21 de Dezembro de 1686, a Gomes Freire de Andrade, em Melo Morais, *Corografia*, II, 146.

(9) Pedro de Azevedo Carneiro, nota de Garcia em Pôrto Seguro, *História Geral do Brasil*, III, 303.

tões mais que a de voltarem a costa; e sem o auxilio dos índios Aruãs (que agora lhe não fica fácil), todo aquele risco das pororocas e correntes lhe será infrutuoso, principalmente fabricando-se a outra fortaleza, que também se desenhou, no sítio de Cumaú, aonde já esteve outra, que as Armas Portuguesas ganharam aos Ingleses. E' terra sádia e capaz de ser povoada, porque tem pasto para gados, é muito fértil de mantimentos e fica perto do Gurupá, tem pôrto de mais de vinte e cinco braças, aonde todos os anos vêm navios franceses à pescaria do peixe-boi.

“Em toda a Costa, que viu o Capitão-mor, se não achou outra baía capaz de se chégar a ela com embarcações. Trouxe notícias de que no Cabo Orange, e no Rio de Vicente Pinzón se podia fortificar, para fazer duas grandes e importantes povoações, mas como as informações dadas por índios pedem boa averiguação, e também, para nos avizinharmos tanto a Caiena, se necessitava de novas ordens de V. Majestade e sempre para conservá-las e socorrê-las era preciso ter feito os Fortes sobreditos, entendí que por ora bastava assegurar, com êles, os sertões, do comércio dos Franceses, e amparar a nova missão que já está introduzida” (10).

### 3 — ESTABELECIMENTO DA MISSÃO E MORTE DOS PADRES ANTÔNIO PEREIRA E BERNARDO GOMES AS MÃOS DOS BARBAROS

Para esta missão partiram, pois, a 2 de Junho de 1687, os Padre Antônio Pereira, natural do Maranhão, o P. Bernardo Gomes, de Pernambuco, e o P. Aloísio Conrado Pfeil, suíço (11). O primeiro, homem de notáveis dotes, o segundo jovem sacerdote, e o terceiro com qualidades exímias de matemático e geógrafo, não porém, no mesmo grau, de missionário.

---

(10) Carta de Gomes Freire, a El-Rei, de 19 de Julho de 1687, *Rev. do Inst. do Ceará*, XXXVI (1922) 182-183.

(11) Bettendorff, *Crónica*, 425-427.

Para a organização do seu mapa, o P. Pfeil, já tinha estado no Cabo do Norte, e foi agora de novo para indicar o melhor local para a futura Aldeia. Como vimos, acompanhou-os o Capitão-mor Antônio de Albuquerque. Passaram o Araguari e chegaram ao Lago Camacari. Dentro desse Lago está a Ilha Camanixari, deserta, apenas então com quatro casas de índios e poucas árvores. Nela os deixou o Capitão-mor e P. Pfeil. Os dois Padres que ficavam naqueles confins, numa situação semelhante à de Nóbrega e Anchieta em Iperoig, não quiseram escolta de soldados para evitar os seus desmandos e maus exemplos aos neófitos que iam catequizar. O Capitão-mor e P. Pfeil voltaram para o Pará não sem passarem antes pela Aldeia de Tabarapixi, de índios Maruanis, lugar ameno onde Pfeil já tinha estado e escolhera para futura residência sua, e onde logo, com ajuda dos soldados, edificou a casa que deixou pronta, exceto na cobertura. Ao que parece também aqui se construiria um Forte.

Ficando, pois, sós e alojados em casa do Principal Macuraguaia, iniciou-se a catequese como em toda parte, pela reação contra a bebedice e a poligamia. Ergueram-se as paredes de uma igreja. Tudo parecia correr bem, quando se meteu a sizânia. E' notável que os martírios da Companhia deram-se quasi sempre nas vizinhanças de estrangeiros: Pero Correia e João de Sousa, no caminho do Paraguai, Francisco Pinto nas proximidades do Maranhão, ocupado por Franceses; aqui, agora, em terras portuguezas, mas de que os de Caiena buscavam apropriar-se.

Os índios, nessas circunstâncias, são perigosos. E' isto uma das suas inferioridades. Não se sobrepôs a ela o Principal Macuraguaia, que sendo amigo dos Padres, nem soube prevenir o perigo nem avisar a tempo, ausentando-se na maior força dele.

Pensavam também os Padres em retirar-se, quando se foram congregando os Oivanecas e adiante, umas mulheres com seus presentes de peixe assado e frutas para o entreter e convencer a que se não retirassem, que aqueles índios

se fariam cristãos. Nisto estavam, quando os índios irromperam e os mataram a ambos.

O Reitor do Pará, Francisco Ribeiro, ao ter notícia dêste successo, transmite-o assim para Roma, ao P. Tirso Gonzáles, eleito Geral havia pouco: "Por feliz principio do govêrno de Vossa Paternidade, oferece a V. P. esta nossa Missão as primícias de dous Mártires, filhos dela, mortos pelos bárbaros gentios da Costa do Cabo do Norte. Já V. P. terá sabido como S. Magestade, que Deus guarde, encomendou com muito encarecimento ao P. Superior desta Missão, P. Jódoco Peres, mandasse novos missionários da Companhia ao Cabo do Norte onde até então não tinham ido nossos, e estava o gentio daquela banda, sem a luz da Fé, e, sendo vassallos de El-Rei de Portugal, se bandeavam com os Franceses de Caiena, que por alí lhes ficavam vizinhos e tratavam com êles seus negócios e lhes vendiam os escravos feitos contra a lei do nosso Rei, e do negócio da Fé se não tratava nada. Uma outra coisa quis o nosso Rei remediar: a Fé que se ensinasse pelos nossos Missionários; e o comércio e mal levados escravos, com fortalezas, que mandou fazer por aquella costa.

Foi eleito, para dar principio àquella Missão o P. Antônio Pereira, o melhor e mais capaz sujeito dela, por sua virtude, mais que medianas letras, o melhor língua de todo o Estado, o mais noticioso da Missão, como quem de menino acompanhou e lidou com o P. Antônio Vieira, que o recebeu na Companhia, e o mais que V. P. saberá das informações que dêste sujeito têm ido aos antecessores de V. P. Tinha êste por seu companheiro um novo sacerdote, por nome Bernardo Gomes, natural de Pernambuco, sujeito de muita virtude. Estando o P. Antônio Pereira com seu companheiro, pacífico, na sua Missão, em uma Aldeia, e mui amado dos seus paroquianos, na ausência que fizeram os soldados Portuguezes a virem buscar aprestos para a nova fortificação (que só tinham ido a ver o sítio, não querendo o P. ficassem com êles soldados, por não ver as ofensas de Deus que semelhantes gente usa nas tais Aldeias), se amotinou o gentio; e, fugindo ao Padre todos os seus doutrina-

dos, o deixaram só. E vendo-se assim, quis passar para outra Aldeia, e estando com o seu fato arrumado, veio outro gentio, que às vezes vinha à dita Aldeia, e deteve o Padre para que se não fôsse, que êles assistiriam com êle, e logo viriam outros muitos. Sossegou-se o Padre, e foi dizer Missa. Estando nela, e ajudando o Padre seu companheiro, deram os bárbaros nele, e com as suas armas que são uns fortes paus, quebraram a cabeça primeiro ao P. Antônio Pereira, revestido e pôsto no altar, e logo a seu companheiro, e quatro índios crioulos, que o Padre levava consigo das nossas Aldeias domésticas. Por onde não ficou ninguém que referisse as circunstâncias, do successo mais que a confissão dos cúmplices, atrás de quem foram os Portugueses, na segunda ida que fizeram àquelas partes, e os alcançaram, indo-se já metendo no amparo dos Franceses” (12).

Êstes Portugueses, o Capitão-mor com boa guarnição de soldados, tinham ido do Pará àquelas paragens antes de lhes constar o morticínio. Iam com o P. Conrado Pfeil para se instalar na Aldeia de Tabarapixí, que êle escolhera. Chegaram a 10 de Novembro. E tratavam já de levantar casa e igreja, quando sobrevieram as primeiras notícias. Averiguadas e confirmadas, enviou o Capitão-mor, a 27 de Novembro, uma escolta de 19 Portugueses e 50 índios para prender os culpados. Foram de sítio em sítio até a Maímáimé [*sic*, mas será Maiacuré?] onde se achavam acolhidos. Da escaramuça resultou que uns fugiram, outros morreram e ficaram prisioneiros 35, entre homens e mulheres. Dos mortos foi o assassino de Bernardo Gomes, como confessou sua mulher, da Aldeia de Cassiporú; entre os presos estavam os matadores de Antônio Pereira.

Feitas as investigações legais, a justiça condenou à pena capital os dois responsáveis imediatos. Os outros degredaram-se para a nova povoação de Icatú, no Maranhão. El-Rei mandou agradecer ao Capitão-mor, Antônio de Albu-

---

(12) Cartas do P. Francisco Ribeiro, do Pará, 10 e 15 de Janeiro de 1688, *Bras.* 26, 164-165v.

querque Coelho de Carvalho, em Carta Régia de 31 de Maio de 1688, “o castigo que deu aos índios de nação Maracunús, que mataram ao Padre Missionário da Companhia, Antônio Pereira, estando revestido para dizer missa e a seu companheiro o P. Bernardo Gomes, e puseram fogo à casa, com o que arderam os corpos, roubando o que acharam, e o mais pertencente à Igreja” (13). A consulta do Conselho Ultramarino, de 17 de Maio, dá razão do agradecimento de El-Rei ao Capitão-mor pela rapidez do castigo, impedindo que os delinquentes passassem a Caiena, “por não ser de utilidade do Estado que os Franceses tivessem tão bons guias naquele sertão” (14). Dois anos depois, deu-se amnistia geral aos índios que ainda andavam fugidos por êsse e outros crimes (15).

#### 4 — CAUSAS E CIRCUNSTÂNCIAS DO MARTÍRIO

Na devassa para averiguar as *causas* da morte dos Padres, apurou-se que foi: “em ódio da fé, e por querer tirar ou proibir as bebedices, amancebamentos, e ritos gentílicos”, que assim se exprime a sentença jurídica da autoridade eclesiástica local (16).

Quanto às *circunstâncias*, variam as testemunhas, mesmo juramentadas (e é mais uma prova da pouca fé que merecem as informações ou testemunhas dos índios não civilizados): uma velha disse que o Padre estava sentado na rêde a ler, e esta é a opinião de Bettendorff que diz tê-la ouvido da bôca da própria velha (17). Mas outro índio disse (e são palavras do auto) “que pelo que representava pelo Sol, seriam oito para nove horas do dia, que nesse tempo estava o dito Padre revestido, pôsto no altar, dizendo missa, porquanto declarou que estava revestido, como velas

(13) Bibl. de Évora, cód. CXV/2-18, f. 124v.

(14) Cf. Rodolfo Garcia, *O Diário do P. Samuel Fritz*, na *Rev. do Inst. Hist.*, 81 (1917) 383.

(15) Bibl. de Évora, cód. CXV/2-18, f. 148.

(16) Bettendorff, *Crónica*, 478.

(17) *Id.*, *ib.*, 428.

acesas, e em livro aberto e o lia; e o seu companheiro, com roupa preta, estava de trás dêle logo, com os joelhos no chão" (18).

O tempo foi provavelmente em Setembro. Como se sabe os índios não têm noção do mês e dia. Contam pela lua. Perguntando o P. Pfeil e os Portugueses a um índio quando foi o morticínio dos Padres respondeu, constante, que na terceira lua, isto é, três meses depois da sua chegada, em Junho, à Ilha de Camunixari (19).

Quanto ao *lugar*, Bettendorff descreve a Ilha, "Camunixari, sita em o Lago Camacari pela altura do Norte 1º,8', comprida de um quarto de hora, e, no demais muito estreita e cercada de outras ilhas muito chegadas a ela; o lago porém terá de largura perto de duas horas, com outros dous lagos, que o estão seguindo" (20).

Mortos os Padres, seguiu-se a orgia do costume. Os selvagens assaram-nos e comeram-nos, exceto alguns crânios, que guardaram para por êles beberem os seus vinhos, e algumas canelas para as suas gaitas e pontas de flexas.

Sobre os destroços dos Padres, e dos seus quatro companheiros, amontoando lenha, botaram fogo a tudo, incluindo as casas; e, depois de enterrar os ossos para desaparecerem os vestígios do seu nefando crime, fugiram para Maímaimé, aonde os foi, enfim, surpreender a justiça.

(18) "Treslado do exame q' se fez por ordem da Jusiça na Cidade do Grão Para a hum Índio de Nação Maraunú sobre as mortes dos Padres Antonio Pereira e Bernardo Gomes, an. 1687", — Torre do Tombo, *Jesuítas*, maço 88. Estas declarações, reduziram-se a auto, nas pousadas do Desembargador e Ouvidor Geral do Estado, Doutor Miguel da Rosa Pimentel, a 24 de Dezembro de 1787. — Pública forma legal e reconhecida (*Bras.* 26, 116-167). Neste e noutros instrumentos judiciais, apparecem os nomes dos índios matadores e cúmplices, criminosos vulgares de que se não ocupa a história.

(19) Bettendorff, *Crónica*, 430. Em "Setembro" no Cabo do Norte, pelo Gentic. — *Livros dos Óbitos*, Bibl. Nac. de Lisboa, Col. Pom., 4, 3-4; Arch. S. I. Romanum, *Historiae Societatis*, 49, 15, 30. Sommervogel, *Bibl.* VI, 493, dá a morte a 30 de Outubro de 1687.

(20) Bettendorff, *Crónica*, 430. Este Lago Camacari, ao menos no nome, deve ser aparentado com o Rio Macari (*Hidrografia do Amazonas e seus afluentes*, de Augusto Octaviano Pinto, II (Rio 1930) mapa n. 15). Mas adverte-nos um Roteiro do século XVIII, existente na Bibl. de Évora, cód. XVI/2-15, n. 15, que o *Rio Macari ou Amacari* as pororocas o levavam a tomar outro curso e a desembocar no mar desde 1727, perto de Macaré (Em Melo Morais, *Corografia*, II, 216-217). Cassaporu é Cassiporé.

O P. Pfeil, guiado por um índio cúmplice das mortes, descobriu os nossos enterrados e os trouxe para o Pará. E, a 2 de Outubro de 1688, collocaram-se em breves urnas, na Igreja de Santo Alexandre, não a actual, mas a anterior, no altar-mor, da banda da Epístola (21).

O P. Bernardo Gomes, Pernambucano, morto na flor da vida, por Deus e pela Pátria — e é esta a sua glória e o seu epitáfio não tem outra história, senão a dos seus estudos, que apenas concluíra, e a do seu fervor (22).

O P. Antônio Pereira, Maranhense, admitido na Companhia pelo P. Vieira, levado na onda do motim de 1661, embarcou para Portugal em Junho de 1662, sendo já Irmão Estudante. Continuou os estudos em Portugal, donde passou à Baía a estudar Teologia (23). Da Baía voltou a Lisboa a ordenar-se, e dali seguiu para o Maranhão em 1674. Ficou prègador e mestre de noviços (24).

Depois foi missionar os Guajajaras, do Rio Pinaré, e trabalhou na Aldeia de Capitiba (25). Em 1679 substitue o P. Veloso no Reitorado do Pará. Por volta de 1682 passa à missão de Guarapatuba e ao Tapajoz (26).

Eleito procurador a Lisboa, em 1684, ficou sem efeito a sua ida, por intervenção do P. Pier Luigi Consalvi (27). Ao ir à Côrte o Superior Jódoco Peres, em 1684, Antônio Pereira assume o govêrno da Missão, como Vice-Superior dela. Pensava o Geral em que êle fôsse Vice-Reitor do Maranhão, mas Jódoco Peres acha que não poderá, pois do Maranhão lhe escrevera o mesmo P. Pereira que desejava ser aliviado do cargo de Vice-Superior, sob pena de sucum-

(21) *Lviro dos Óbitos*, 3-4; Bettendorff, *Crónica*, 478.

(22) Tinha-o trazido de Pernambuco para o Maranhão, em 1680, o P. Pero de Pedrosa (Bett., *Crónica*, 329). Bernardo Gomes estudou e ordenou-se de sacerdote no próprio dia ou na véspera de ir para o Cabo do Norte (*Bras.* 26, 154; Bettendorff (*Crónica*, 425) diz que foi ordenado no primeiro domingo de Junho e logo abaixo, que partiu a 2 de Junho. Ou êsse dia ou a véspera era domingo, ou há equívoco nestas datas.

(23) Bettendorff, *Crónica*, 199, 222.

(24) Arch. S. I. Romanum, *Brasilia* 26, 38, 40; Bettendorff, *Crónica* 303.

(25) *Brasilia* 26, 43v; Bettendorff, *Crónica*, 83, 271.

(26) Bettendorff, *Crónica*, 346.

(27) *Brasilia* 26, 131.

bir e que sendo natural do Maranhão, e morto ao mundo, seria preferível que fôsse reitor no Pará (28).

Antônio Pereira sabia a Língua Geral, como quem a aprendeu na infância, e nela compôs um "Catecismo para instrução dos meninos nos rudimentos da fé com exercício quotidiano de manhã e de tarde" (29).

Era valente, e, pelo seu trato, estimado de todos. A sua virtude, notável. Vieira refere-se a êle duas vezes, uma ainda em vida do P. Antônio Pereira, quando se tratou de ir uma expedição ao Rio Parnaíba, para a qual se oferecera, e se não efetuou por circunstâncias alheias à sua vontade: "E' o P. Antônio Pereira, bem conhecido por suas virtudes, e neste Colégio de Santo Antão [de Lisboa], aonde se veio ordenar; e acabados os seus estudos de Teologia, tornou para o Maranhão, donde é natural: é muito prático na lingua da terra, e de seu zelo e valor tenho eu boas experiências por me haver acompanhado pelo Rio das Amazonas e outros, em ocasiões não menos arriscadas" (30).

A outra vez foi em 1691, já depois da morte do P. Antônio Pereira: "Nas terras do Cabo do Norte permitiu [Deus] que matassem ou martirizassem o maior sujeito que lá tínhamos. Era português e de maior idade"... (31). "Português", ainda que nascido no Brasil, porque então tudo era o mesmo; "de maior idade", isto é, com tino e com o sentimento pleno da responsabilidade, e, por isso, o maior missionário do norte do Brasil, no seu tempo, diz Vieira. E com Vieira ficamos.

## 5 — A CRUZ DE 34 PALMOS...

A ida dos Padres ao Cabo do Norte tinha sido por ordem régia de 21 de Dezembro de 1686 ao Governador

---

(28) *Ib.*, 131v.

(29) Cf. Sommervogel, *Bibl.*, VI, 493.

(30) "Informação que por ordem do Conselho Ultramarino deu sobre as coisas do Maranhão ao mesmq Conselho o Padre Antonio Vieira", *Obras Várias* (Lisboa 1856) 216.

(31) *Cartas de Vieira*, III, 618-619.

Gomes Freire, que repartira essas Missões entre os Padres da Companhia e os de Santo Antônio. Pensou o Governador Artur de Sá e Meneses em anular essa ordem, mas El-Rei escreveu-lhe em 24 de Março de 1688, e dizia que em vista da informação do mesmo Gomes Freire: "vos encomendo muito e mando, como por esta faço, que não consintais se altere a dita repartição e que continueis e façais continuar a observância dela" (32).

Nestas circunstâncias sucedeu ao P. Pereira, como Superior da Missão do Cabo do Norte, o P. Aloísio Conrado Pfeil, que fundou a sua residência a 12 horas do Forte. Dedicou-a ao Santo, seu onomástico, S. Luiz Gonzaga. Ali estava só, entre os sicários, que poucos meses antes foram comparsas e cúmplices da morte dos Padres, quando a 28 de Junho de 1688, chegou ao Araguari o Vice-Governador de Caiena, Pedro de Ferrolles, vindo pelos lagos interiores, com três capitães e trinta soldados, em três canoas. Estava ausente o Capitão-mor Antônio de Albuquerque. Os Portugueses espantados com tal visita, e temendo que elles quisessem tomar a fortaleza, mandaram chamar o Padre Missionário à sua Aldeia para se avistar com Ferrolles. Explicou este que vinha para tratar e discutir com o Capitão-mor a posse daquelas paragens. Houve de parte a parte as cortezias da praxe e o Padre de tal modo se houve que salvou então a Fortaleza e a terra, retirando-se Ferrolles para Caiena, onde foi criar dificuldades aos Padres Franceses que lá estavam (33).

Quando os Jesuítas foram à Missão do Cabo do Norte em 1687, o Superior escreveu do Maranhão ao Geral da Companhia que proibisse aos Padres de Caiena viessem a territórios portuguezes, por ser contra a vontade de El-Rei de Portugal (34). Ferrolles levou isso a mal. O certo é que quando Francisco de Sousa Fundão retomou a Fortaleza de Macapá em 1697 já lá encontrou o Jesuíta francês P. Cláu-

---

(32). *Anais do Pará*, I, 93.

(33) Carta de Pfeil, de 27 de Fevereiro de 1691, *Bras.* 9, 364v. Cf. Joaquim Caetano da Silva, *L'Oyapoc et L'Amazon* (Paris 1861) 27.

(34) *Brasilia* 26, 154.

dio de Lamousse que, por serem então os Jesuítas os únicos Missionários de Caiena, tinha vindo a acompanhar os índios da expedição francesa. Pelas condições da capitulação voltou para Caiena (35).

Transformadas assim aquelas terras em campo de contestações e de futuras batalhas, não era possível a catequese. Os índios ora se punham dum lado, ora de outro. Entre tantas flutuações, perigos e contrastes, a Missão não prosperava. Aliás Pfeil, homem de ciência e leal à Corôa, mas sempre em discrepância com os Padres Portugueses e Brasileiros, revelou-se menos apto para obra estável, e largou a Missão do Cabo do Norte, que ficou a ser, depois de 1693, da jurisdição dos Padres de Santo Antônio (36).

E recomeçaram as lutas e deu-se a invasão dos Franceses que chegaram ao Amazonas, tomando a fortaleza de Macapá, como dissemos, e também a do Parú, logo retomadas pelos nossos, e transformadas, no dizer de Bettendorff, em "matadouro de índios e brancos" (37). Contudo todo êste sangue, derramado, não ficou inútil, a começar pelo primeiro, dos dois Padres Antonio Pereira e Bernardo Gomes.

Numa capelinha de folhagem celebrou missa votiva, em honra de Santo Inácio, o P. Pfeil em 1689. E ergueu duas cruces. A que elevou no sítio, que fôra túmulo de Antônio Pereira, media 34 palmos de altura, e alí ficou erguida para

---

(35) Bettendorff, *Crónica*, 623, 628. Varnhagen narra uma incursão de Ferrolles, a 30 de Junho de 1685 com pormenores tão semelhantes que dir-se-ia a mesma (Pôrto Seguro, *HG*, III, 302). Mas o autógrafo de Pfeil é claro e em 1688 era efetivamente Missionário no Cabo do Norte. Supomos que êste forte, de que a residência do P. Pfeil distava 12 horas, é o que ficava na bôca no Rio Batabouto, que menciona Ferrolles no seu *Rapport*, referente a êsse mesmo ano de 1688, e ao qual alude Artur Viana, *As Fortificações da Amazônia*, nos *Anais do Pará*, IV (1905) 248.

(36) "Não é bem passar em silêncio a Missão do Cabo do Norte que ainda que dela se tirou pouco fruto nos acreditou tanto com a feliz morte dos Padres Antonio Pereira e Bernardo Gomes. Foi em seu lugar o P. Aloísio Conrado, religioso de grande zêlo das almas; mas como dêstes índios se não esperava fruto algum, e ser de grande detrimento aos Missionários, os largou totalmente e se occupou em outras missões aonde fez maior fruto." O P. Pfeil passou dalí para a Missão do Rio Negro, *Carta Anua de 1696*, escrita por Miguel Antunes, *Bra.* 9, 428.

(37) Bettendorff, *Crónica*, 48, 627-628, 671.

o céu, na serenidade da floresta (38). E' certo que ainda levou tempo a reconhecer-se a fecundidade daquele sangue e os efeitos daquela cruz. Ainda os gloriosos filhos de S. Francisco ali trabalharam muito, ainda as guerras da Europa repercutiram na Colônia, ainda se sucederam os *Tratados*. Só a 1 de Dezembro de 1900, com o admirável Barão do Rio Branco, se terminou a contenda (39). Mas a cruz alta, de 34 palmos, cravada em 1689 no sertão de Camunixari tinha lançado raízes há muito e tomado posse definitiva do Cabo do Norte para a Terra de Santa Cruz (40).

(Capítulo inédito do III tomo da *História da Companhia de Jesus no Brasil*, a sair).

(38) Bettendorff, *Crónica*, 462.

(39) Cf. J. Capistrano de Abreu, *Capítulos de História Colonial* (Rio 1928) 267-268; José Carlos de Macedo Soares, *Fronteiras do Brasil Colonial*, Cap. IV, *Fronteiras entre a Colonia Portuguesa e a Francesa* (Rio 1939) 105-108; Fernando Antonio Raja Gabaglia, *As Fronteiras do Brasil* (Rio 1916) 305-311. O laudo final foi dado pelo governo da Suíça. Suíço era o P. Pfeil que erguera aquela cruz dos Jesuítas. Mera coincidência histórica evidentemente. Mas, a quem quiser interpretar os fatos históricos à maneira de Boussuet, fica livre o caminho para ver nessa coincidência alguma coisa mais...

(40) Mais tarde, nas *Instruções Secretas* de 31 de Maio de 1751, a Mendonça Furtado, recomendava-lhe a Côrte que abrisse novas missões no Cabo do Norte, e que nas terras, não expressamente dadas a outras comunidades, preferisse os Padres da Companhia e lhes entregasse os novos estabelecimentos. (Cf. Lúcio de Azevedo, *Os Jesuítas no Grão-Pará*, 422). Resolução que não se chegou a efetuar. O "Maranhão conquistado a Jesus Cristo e à Corôa de Portugal", atribuído ao P. Bento da Fonseca, ms. da Bibl. de Évora, Cód. CXV/2-14, n. 1, consagra o capítulo VI ao Cabo do Norte e faz um bom resumo da resposta que o próprio Bento da Fonseca deu às razões de La Condamine que confundiu o Rio Vicente Pinzón com o Rio Araguari. O Autor invoca sobretudo o Tratado de Utrecht de 1713, mas faz outras importantes considerações históricas (Cf. Melo Morais, *Corografia*, II, 213-215).

## ROMANCE DA SOLTEIRA

(Continuação)

JOSÉ VIEIRA.

*Resumo dos números anteriores:* — Solteira sem noivo, a futura dona de Sítio descreê mais de casar, depois que passou pelo engenho fazendeiro do sertão, amigo dos seus, com um filho homem já de moça pedida. Nesse estado deprimente, Sinhá vai, com os pais, passar na cidade, onde êles têm casa, a festa dos padroeiros. Lá, vê, todas as tardes, passeando com notáveis da terra, o novo médico, que, encontrando-a nas novenas, a olha de impressionar. Porém disso não passam. Fazendo, pelo São João, a adivinhação dos nomes, sai a Sinhá o de um escravo do engenho. Ela volta da cidade segunda vez decepcionada. Vendo, ao chegar, o negro; depois, tendo-o perto de si a todo momento, a sua irritação torna-se tanta, que o faz pôr no tronco. Vadio, o escravo piorara na ausência dos senhores. Mas, Sinhá arrependera-se do castigo injusto. Arrependida, ante o desavergonhamento de Elias, resolve casá-lo com a sua mucama. Nessa fase, vem o escravo a saber quem a mandou pôr no tronco. Adorando a senhora-moça, toma-se de desgosto e foge de Sítio.

### XVIII

Tocando para a missa, o sino da capela alegrava tanto o domingo, que os negros se esqueciam da escravidão. Ocupados com padre Antônio e o pai de Nana, os senhores não se lembravam dêles. Sinhá mesma estava contente. No quarto com a moça, ajudando-a a despír a montaria, tinha-a na cabeça como a tinha nos olhos, e nem pensava em Elias ou em Rita, — na pobre Rita, que sofria ali perto, de fazer pena. Nana chegara de manhã cedo, sem a mãe, que estivera doente e não se achava ainda de poder montar. Dadas as notícias frescas da cidade, feitos os agrados

do proprietário que recebia o hóspede com as maneiras de nobreza antiga, as duas abandonaram a sala como desaparecendo, tão satisfeitas saíram.

Pelo pátio varrido, cruzando a bagaceira, os escravos vinham vindo, — cara, mãos e pés lavados, na roupa branca de algodão passada nágua. Sorriam à toa; pareciam donos de si. Menos Catota e Narciza, as negras novas falavam umas com as outras, muito anchas, os braços nús pendendo do cabeção e as saias redondas tornando todas gordas. O sino a chamar e êles subindo para o templezinho, onde aguardariam os senhores com as visitas, que, afinal, passaram, não sem solenidade, entre duas alas de olhos alvos respeitosos nos rostos de tisna e cinza. D. Ana e Sinhá vinham no luxo de quando iam ouvir missa na Matriz — seda e muito ouro; André do Rêgo, de preto — o paletó de “pano fino” fechado no alto sob as pontas da gravata de laço a dar, a barba e o penteado do Imperador, grave e poderoso. Marido e mulher com padre Antônio, João Marinho logo atrás, Sinhá mais Nana fechando o préstito.

Dita a missa, o grupo desceu para perto da entrada, onde era a pia e onde os do engenho recebiam os sacramentos. No quarto, Nana só tivera tempo de contar da viagem: que partiram de madrugada; que foram, de casa, apanhar padre Antônio, e um bocado da doença da mãe. Assistiam aos casamentos retomando a disposição da chegada — risonhas e doidas por tagarelar. A dois passos delas, na frente das negras que se chegavam para cá, Rita punha os olhos no povo, aparentemente, como espiava, no alpendre da cozinha, esfolar-se um carneiro: tão entretida, que a bôca se abriera, assim ficando. Mas o que ela via estava longe e estava dentro de si. Via Elias, pelos matos, fugindo sempre; via-se, a si, infeliz, qual se andasse por muito longe, não fugindo como o noivo mas, pior, perdida. Os dois pares casando, e ela, de só faltar dizer: “Triste do outro... Triste de mim”... Sinhá com a moça de fora, alegres ambas; ela, apertando o coração, para não cho-

rar. Quando os dois casais se ajoelharam, Sinhá segredou a Nana:

— Êles casando e nós... nada.

Nana limitou-se a sorrir, de modo que se diria escondido. Porém, nesse instante, Sinhá lembrou-se do casamento que inventara, arranjara e não se fazia como os dois outros. Faltava, ali, Elias com Rita — o par da sua vontade, do seu capricho. Pondo à margem o motivo de o escravo fugir, Sinhá realizou, à face de padre Antônio impondo a estola sôbre as mãos dos dois casais, a presença de Elias e Rita casando ao lado dêles. Realizou o noivo vistoso, a mão da mucama na sua, o vigário abençoando-os, e ela, não feliz como êles, — não feliz, só, por não ter a mão na mão de um noivo com quem fôsse viver toda a vida. Mas nem Elias nem Rita casavam, nem ela tinha, ao menos, alguém para casar. Compondo e decompondo o sonho impossível, Sinhá findou por cair em desânimo tamanho, que Nana a achou séria demais para a ocasião. "Sinhá anda por longe"... — foi o que disse consigo, por associação, pois começava a andar *por longe*, olhando aqueles casamentos. Se, de repente, lhe perguntassem onde estava, a filha de João Marinho responderia: "De corpo, estou aqui; de alma, na cidade".

Os dois casamentos eram bodas de assistentes ausentes: ausente Sinhá, ausente Nana, ausente João Marinho, êste, de cuidado na mulher; ausentes, mesmo, André do Rêgo e d. Ana, que não se impediam de irar-se, ao murmúrio do latim de padre Antônio, ainda, pelo desaparecimento de Elias. E havia, além destas, outras ausências: Narciza, Catota. Acabada a cerimônia foi que tudo mudou. Padre Antônio acercou-se da pia. Em volta, já um arco de madrinhas esperava com os seus embrulhos de pagãos. O senhor de Sítio tinha empenho em ver as crias da senzala provarem o primeiro sal. Nesse instante, não eram escravos, ou o eram para, entrados na religião, crescer protegidos do Céu e, assim, melhor servir. Só no ato do batismo — uns seis futuros Elias, Catota, Narciza ou Rita — a catadura se lhe abrandou.

Divertindo Nana, os batizados divertiram Sinhá. Os pequenos cativos sempre eram crianças, e ela achava-lhes graça no choro estridente de quando o vigário molhava as cabecinhas pontudas quasi sem cabelo. Ao sair da capela, mais ainda, ao se sentar à mesa do almoço dos seis com comida para vinte, era, de novo, a Sinhá da chegada de Nana, e mais alegre esteve ao dirigir-lhe a palavra padre Antônio dispensando os assuntos da cidade e da Igreja:

— Quando a teremos, agora, lá, Sinházinha?

— Agora, sr. vigário, com a moagem tão perto?

— Sinházinha é precisa no engenho durante a moagem, senhora dona?

— Precisa não sou, mas, mamãe sendo, eu hei de estar junto dela.

— E' um pensamento de filha amorosa, que o Senhor tomará em conta e todos aprovam, Sinházinha; mas Manguape está com saudade da senhora — moça de Sítio.

Precavido, padre Antônio parou aí, pois prosseguir fôra aventar ficasse d. Ana sem a filha, no engenho, e com ela, sòzinha, na cidade. Menos governada, Nana perguntou:

— E, quando ela se casar?

Respondeu André do Rêgo:

— Mesmo que seja um moço de fora, nessa época, há-de querer estar em casa.

— Se os outros — ajuntou o vigário — vêm cá, na botada do engenho!

Sinhá beliscava Nana por debaixo da mesa, e não foram adiante, padre Antônio desviando a conversa para a moagem, lida e recompensa. Contudo, levantados do almoço, indo o pai com os homens para o copiar, ela levou Nana a seu quarto, que era o refúgio das confidências. Lá chegada, antes de cada uma sentar-se em sua rêde — a rêde onde as moças, nos dias de festa, tratavam de amores ou cantavam as modas em voga — exclamou:

— Nana, você p'ra que foi dizer aquilo lá na mesa?

— Que teve isso, Sinhá?

— Eu fiquei acanhada, com padre Antônio presente.

— E você não terá de casar? Até, foi bom: você já sabe que, se casar com um moço de fora, no tempo da moagem, vem ficar com d. Ana.

Sinhá aceitava a obrigação, mas descreia do motivo:

— Casar, eu, minha filha?!

— E quem ha-de ser?

A herdeira de Sítio calou-se. Dessa vez, Nana portou-se como o vigário e pôs-se a falar da doença da mãe. A mulher de João Marinho caíra doente logo depois do São Pedro. Cousa exquisita: uma dôr de cabeça, uma morrinha, uma agonia na batata das pernas, e não tardou um febrão que pôs tonta a família. Houve-se de chamar médico. (Sinhá ajeita-se na rêde.) *Seu Elias...* (Ela se firma quanto pôde entre as varandas descidas, aqui, com uma voadá pelo desconhecido onde o escravo vagasse) *Seu Elias* teve a idéia e João Marinho aquiesceu. Vem o doutor, e não lhe falta o que fazer. Aquilo demorou dias. Que febre p'ra custar a passar! Já se andava desanimado e João Marinho queria chamar o dr. Manuel Carlos, por ser mais velho e com maior prática. (Neste ponto, Sinhá aliviou-se de um pêso no coração. Desejava saber qual dos médicos da cidade haviam chamado e não ousava. Foi, então, o novo!) Já *seu Elias* estava para concordar se chamasse dr. Manuel Carlos, quando a febre baixou. Nana louvou o doutor com entusiasmo e devoção. Com o poder de Deus, êle lhe salvara a mãe. Em boa hora *seu Elias...* (Ainda uma vez, *seu Elias!*)

— Lá em casa, hoje, dr. Joaquim é um santo milagroso.

Sinhá deliciou-se com a narrativa. Mas o nome do jovem médico recordou-lhe o recuo dêle nas novenas da Matriz: ei-la caída na realidade não boa de reviver. Felizmente, Nana viera cheia de casos da cidade: da doença da mãe saltou para as moças e namoros. Já a isolada de Sítio se distraía, volta a amiga ao doutor. Que todas, a gente mais rica, o pretendiam, embora, até à partida, não soubesse de nenhuma para quem êle olhasse. Isso, porém, não desfez o secreto despeito acordado, afastado e de novo

desperto. Nana fala com insistência não menos insinuante por ser ingênua:

— Mamãe diz: “Dr. Joaquim é que estava bom p’ra casar com Sinhá.”

— Comigo, Nana, havendo tanta moça da cidade atrás dêle?

— E qual é a que o pode merecer mais do que você, Sinhá?

— Mas as outras estão perto, e eu...

Retombava na decepção das novenas. Nana:

— Também, você, sempre socada aqui no engenho!

— Como é que eu hei-de estar lá, minha filha, com papai e mamãe aqui?

— Vai de passeio. Vai: passa uns dias com a gente; volta; vai outra vez.

— Eu bem que ando precisando disso, Nana.

— E, porque não vai?

Neste ponto, o orgulho dos Rêgo aflorou na alma triste de Sinhá, e o abatimento fez-se reação. Não. Ele recuou quando ela se chegava: nunca! Com delicadeza outro tanto dos seus, para não falar mais no moço, recorreu à necessidade, não sabida, de estar com a mãe, na fase de moagem à porta, e interessou-se por Nana, a seu ver, como ela, sem noivo. E quanto Sinhá errava! O nome de Elias ouvido na noite de São João provocara Nana, e ela descobriu que desde algum tempo *seu* Elias a amava. As três sílabas escutadas ao arder da fogueira valeram por três velas. Retornando aos dias, aos fatos recentes, ela compreendeu que o modo de o rapaz lhe falar, — o não a olhar falando-lhe e olhá-la muito ao ouvi-la, demonstrava afeição, o feliz estar do que ama e respeita, do que ama e não ousa. Depois, as atenções dêle para a mãe doente. Quando lhe aceitaram a idéia de mandar-se vir médico, prontificou-se a ir chamá-lo, decidido, prestes como um filho.

— O que não se esperava, Sinhá, era que êle trouxesse dr. Joaquim em vez de dr. Manuel Carlos.

Sinhá pergunta:

— E você gosta dêle, Nana?

— Sinhá, p'ra dizer a verdade, quando eu descobri que *seu* Elias gostava de mim, também descobri que gostava dêle. Sem saber.

Durante a doença da mãe, tiveram oportunidades de conversar, e já haviam combinado sôbre o pedido.

— Pedido?

— Nós combinámos que seja em setembro, no aniversário de papai.

— Já assim?

— Mamãe acha que casamento é prato p'ra ser comido quente. Diz que conhece bastante *seu* Elias; que o tem como nosso amigo; que o estima. Demais, no armazem, ele é a mão direita de papai, e papai quer-lhe bem.

Sinhá dava a essa pequena história trivial a sedução dos contos de Mãe Chica.

Nana montou a cavalo, de regresso, descansado o jantar, pelas cinco horas. Houvesse dormido em Sítio, iria até tarde, tendo o que narrar e explicar a respeito de *seu* Elias; Sinhá a escutaria sem sono enquanto a noite durasse.

Vendo Nana partir com o pai e padre Antônio, André do Rêgo a cavalo, para os deixar no limite da propriedade, a senhora-moça de Sítio sentiu-se tão só, que a mãe lhe falava e ela via as palavras em lugar de as ouvir. Ao achar-se livre, porque d. Ana logo teve o que fazer. Sinhá não soube manter-se desacompanhada. Ficou de se julgar numa casa-grande sem gente e num engenho sem escravos. Desta forma desamparada, socorreu-se da mucama. O seu grito no corredor chamando-a continha mesmo um pedido de socôrro. Rita estava detrás da cozinha, separada das outras, com Mãe-Chica. Ouvida a voz da senhora, correu para ela.

## XIX

Seis léguas entre o engenho e a cidade faziam, num extremo, Nana feliz, no outro, Sinhá sem sorte. Nana, em Mamanguape, quasi noiva; Sinhá, em Sítio, nem sequer podendo pretender o bom partido. Sinhá invejava Nana, —

ela e as outras. Foi com estes pensamentos que a senhora-moça de Sítio transpôs os primeiros dias após a missa de Sant'Ana. Via Rita, ouvia-a, dava-lhe ordens, sem o abalo da fuga do escravo, mas sem melhor disposição. Só depois de muito sentir-se abaixo da filha de João Marinho, que, a escolher, desejaria ser ela, a filha de André do Rêgo tornou ao caso do engenho, de novo com êle se afligindo.

As conversas da casa-grande nasciam, morriam, em tórno dos preparativos da moagem, marcada para agosto. André do Rêgo levava as manhãs e as tardes em vistorias e providências que alcançavam a roda d'água, a moenda, a fornalha, as taxas e as fôrmas; em idas aos partidos, recomendações ao feitor, detenções na cocheira — ativo e minudente como se a roda d'água já estivesse rodando e a moenda espremendo cana. Mandava portador à cidade, escrevia a João Marinho, fazia compras. Nesse acôcho de trabalhos, o desaparecimento de Elias atravessava-lhe o espirito sem se fixar, como um anum no vento. Uma manhã em que êle desmontava para o almôço, Sinhá perguntou-lhe se soubera do escravo.

— Soubesse, não teria falado, minha filha? A terra enguliu êsse negro. Já, até, despachei recado para as obras da estrada de ferro.

Em Sítio, a caça ao fugitivo obtivera uns rastros no caminho do rio. Êsses, porém, paravam, antes de ser úteis, a uns dez palmos da descida para a corrente, como se, to-pando com a água, Elias criasse asas, voasse. A dificuldade para obter uma pista aumentou na margem contrária, erguida em ribanceira, não oferecendo passagem e extendendo-se com a crosta formada pelas cheias, sêca de sol. Sob os araçazeiros, os cumatís e os pequenos arbustos, a várzea, dura e áspera como pedra, desnorteava os rastejadores. “Dizer que Elias se afogou?” — suspeita o caçador que distinguia o sexo de alguns bichos pelas pègadas. O feitor repetiu tal suposição na casa-grande. Quando Rita contou isso a Mãe-Chica, a negra velha abespinhou-se:

— O moleque ia livrar-se do cativo p'ra se matar? Sois boba. Êle anda por aí.

Sinhá escutou uns e outros, fez reflexões, que nada aclaravam, e findou entregando-se a compaixão sombria como a de Rita. A mucama arrumava o quarto mais muda do que d'antes: ela traduzia-lhe o mutismo por condoimento, e também se condoía. Rita, pondo a coberta na cama, os olhos morosos no pano; a senhora, consolando-a. Sinhá dizia: "Êles hão de trazê-lo. Tem confiança. Está-se procurando por toda parte. Nem as obras da estrada de ferro escapam." Ela, que, quanto Rita, não acreditava na volta de Elias. Nada obstante, Sinhá sonhava essa volta; as duas sonhavam-na. Vez por outra, vendo, da janela, a noite chegar, olhava para os matos já em sombra como se o irmão de leite pudesse rebentar de uma moita, com o feixe de lenha.

Um depois do jantar, o tempo convidava, ela saiu com a mucama pela estrada dos comboios e carros nos meses da moagem. Caminhavam pisando pelos antigos passos do escravo, e só êle visionavam nas bordas do arvoredo ou, defronte, nos descampados. Nesse passeio, entrou em Sinhá que Elias fugira por coagido, preferindo o deboche com as negras à existência calma do que tem sua mulher e com ela vive bem. Havendo sido isso, que se fôsse e não viesse mais cá! que se sumisse para sempre! Começava a integrar-se na irritabilidade fácil dos Rêgo, aponta diante dela o pai. Vinha lento, detido, a pensar, a sesudez do recolhimento crítico velando outro homem — o André do Rêgo interior. As canas por pouco que não rachavam, de maduras. Êle estava contente.

— Porque não mandou selar seu cavalo, minha filha?  
— perguntou, ao poder ser ouvido — Vir a esta distância a pé!

— Distante assim, papai?

— Você sabe quanto já andou?

Depois da fuga de Elias, ela não se tinha lembrado de montar. Virou-se a meio, procurando a casa-grande. A estrada fazia uma volta; ela, de onde estava, apenas via as barrigudas do oitão. O pai diz:

— Não me recorda de ter tido canas mais bonitas, minha filha.

Pôs a vista no canavial estendido à direita, na várzea imensa sob o sol já vermelho mas brando. Olhando com o pai, Sinhá lembra-se de Nana.

— A botada vai ser sempre mais cedo êste ano, papai?

— Tem que ser. Se não, como dar vencimento ao que aí está? — Media, avaliava, as canas. — Nas chuvas de janeiro, devemos estar com tudo, pelo menos, quasi tudo, moído.

Da parte da várzea não plantada por ser leite do rio nas grandes cheias, chegava o grito das jaçanãs cruzando a lagoa. Era um vai-vem de pequenas bolas fulvas, na luz do poente, por sôbre a água brilhante que parecia queimar. As jaçanãs voavam não muito longe das vacas de leite subindo do pasto. E o magote dos negros saídos do eito, jurava-se que as ouvia como um toque de descanso, no sossêgo da tarde. Pai e filha tiraram-se do quadro animado para o canavial tranquilo debaixo do céu sereno. Mas tudo dizia fartura, à margem da mata que separava Sítio das outras terras e senhores. André do Rêgo reentrou em si — dono e pai:

— Estas cousas hão-de um dia ser suas, minha filha.

Sinhá recusa, fiel à sua nenhuma vocação para, como dizia quando só pensava nos seus, “enterrar-se” em Sítio.

— Que êsse dia tarde o mais que puder, papai.

— Seja como fôr, tem de vir.

— Será melhor que não venha, porque, sem papai e mamãe vivos, nada do que está aquí valeria p’ra mim.

— Você formará família amanhã, minha filha — outra família — como sua mãe e eu formámos a nossa. E’ a lei do Mundo.

— Formar família, como, papai?

— Casando.

Sinhá sorriu com melancolia irônica:

— Casando...

— Pois, não ha-de casar?

— Eu, papai?

- Quem será senão você?
- Dia de São Nunca.
- No seu dia.
- Esse, não chegará.
- Como não chegará, minha filha?
- Não vejo meio.
- Vejo eu.
- Só se fôr com os olhos de papai.
- Com os olhos de todos.
- Menos os meus.
- Então, andam embaciados.
- Também pode se dar.

Rita para trás, Sinhá estava gostando do diálogo, esquecida de ser entre pai e filha; e, pôsto não se alegrasse, confortou-se na confiança dêle, que, à vista do canavial promissor, concebia tudo de bom.

— O que ha-de merecer você, minha filha, está por aí e talvez ande perto.

A profecia de Mãe-Chica transposta em figuração próxima... O moço médico da cidade veio à mente de Sinhá. Porém, esgotada a fé nos prínceses de cavalo rudado, tão pouco ela esperava do doutor da Matriz.

- Eu cuido que, para mim, papai, casamento...
- Virá, a seu tempo.
- Pode ser, mas, pelo que está...
- Que é que está?
- Nada. Eu não vejo nada.
- Esfregue seus olhos, minha filha.
- Tenho esfregado, e nem assim.

— Não se deve desesperar — disse o pai retomando a rédea, para marcharem. Entretanto, ficou ainda, pondo os olhos na escrava, mais afastada de humildade que de caminho.

— O noivo que ias ganhar, não contes mais com tal ingrato, mulher. Mas tua senhora te dará outro.

Rita, nunca a tratara daquela forma o senhor. Embevecida pela conversa, ouvindo o que a seu respeito ouvia, não se tinha em si.

— P'ra mim, *sinhó*, tanto faz casar como não casar. O que eu queria era servir Sinházinha, ir p'ra onde ela fôsse.

— Bem podes casar e servi-la da mesma forma.

— Isso, só Sinházinha casando primeiro.

— Pois tua senhora se casa, tu terás teu marido, e os dois a servirão.

Sinhá pondera:

— O marido da vontade dela, êsse, foi-se embora.

O pai bota o cavalo a andar:

— Não contemos mais com êle, minha filha. Não contemos mais com êsse vadio.

Ao lado do animal, que ia devagar, continuaram falando. Sinhá:

— Mas papai contava tanto...

— Já lá vão três semanas. Passado êsse tempo, não creio.

— Elias servia tão bem...

— Servia bem enquanto vigiado. Saído de perto de nós, era p'ra fazer o que nenhum outro se atrevera ainda a fazer.

Sinhá calou-se. Rita seguia-a aprovando o senhor, porém sempre penalizada.

— Se êle nos tivesse estima — conclue André do Rêgo — não fugia no momento em que você cuidava de lhe dar estado, minha filha. — E, sôbre uma pausa: — Que o mal que lhe fizerem, onde ande, seja o que lhe íamos fazer.

Sinhá aceitava as razões do pai. A êste fim, voltou a apiedar-se do escravo. Chegada à casa-grande, mandou Rita chamar Mãe-Chica. A negra velha chegou tremendo ao pé da janela, perdido, com a perda do hábito, o gôsto de alí se pôr às ordens da senhora-moça. Sem explicação para o refugio em que a mantinha, Sinhá perguntou-lhe se tivera novas do bisneto. Não o fez para saber, que nada saberia: perguntou para ouvi-la como a ouvia d'antes.

— Sinházinha sabe?

— Mãe-Chica crê que êle torne?

Mãe-Chica meneou a cara murcha nos ombros descarnados, negativamente. Parecia ajuizar de um morto. "Quem vai não torna". A velha cabeça sêca dizia isto.

## XX

Na alcova espaçosa abrindo para a sala, Sinhá em seu quarto, o engenho a dormir sob os astros sem conta e, cá dentro, a lamparina de azeite, na banca preta do canto, ao pé do oratóriozinho: os donos de Sítio conversavam a última conversa do dia, que era a mais importante e mais demorada. Ao lado um do outro, na cama larga que o cortinado abrigava — docel branco e leve com um antigo laço azul no alto da abertura, André do Rêgo e d. Ana concebiam, discutiam, resolviam, os problemas da propriedade e dos escravos, como os do casal e da filha. A experiência e o poder armava-os de decisão que os fazia tudo julgar, do leito sossegado, como, de seu trono, o govêrno de um reino. Expressiam-se com a franqueza de quem fala a si mesmo, que o marido apreciava e a espôsa recebia por homenagem. Já saíam da ceia e do têrço com saúde na alma, prontos para tratar das cousas terrenas.

— Esta menina precisa casar — propõe André do Rêgo.

D. Ana:

— Marido p'ra ela tenho eu pedido nas minhas orações.

— Não é só pedir. Deus ajuda melhor os que fazem da sua parte.

— Fazer, nisto, o quê?

— Ir procurando.

— Procurando, onde?

— Onde houver.

— E há?

— Que se veja, não há; mas pode achar-se.

D. Ana procurava. Tocada do isolamento da filha, depois das orações, meditando, punha o espírito em correição; o espírito é que não via moço capaz de se lhe entregar o destino da moça, tão ligado ao do engenho. Porque,

noivo para Sinhá devia ser um que, não deshonrando a casa, promettesse conduzi-la qual fazia o descendente do senhor já osso e pó na ábside da capela. Pela festa de São Pedro, vendo chegar, à tarde, no largo da Matriz, com o juiz e o escrivão, o moço médico, bem que d. Ana pensara nele. Se não falou a Sinhá foi para não a inquietar, que o moço era um novato, e o marido hesitava em casá-la com homem formado. Doutor, em engenho, satisfazia si se tinha mais de uma. Nos casos como o dêles, seria pôr a casa em risco. O genro de Sítio devia ser o moço criado nos partidos, sabendo plantar e cortar cana, indo à cidade nas festas, porém mais a negócio que a festa. Êsse, na redondeza, não se encontrava: e o exemplo dos médicos casados com filha de senhor de engenho tentava como enfeite, como luxo, da família, não como continuação de trabalho e riqueza. D Ana observa:

— Conhecer o que, casando, vem ajudar, não se pode.

— Algum que eu tenho visto — concorda André do Rêgo — o mais que faz é ver trabalhar.

— Mas — pergunta d. Ana — si só aparece mesmo um dêses, ela fica sem casar?

— Não é isso o que eu digo. Entretanto, não se perde por esperar.

— Moça deve casar cedo. Não vê quantas, por aí, se casam meninas? — opõe d. Ana.

— Ela não passou do tempo.

— Por não estar fora de tempo, não vamos entregá-la ao tempo.

D. Ana confirmava a condição do casamento das moças de engenho com doutor, porém não desprezava o partido que podia tornar-se único. Prendendo nos pés a ponta da coberta grossa, para fechar os olhos, disse por fim:

— O que se deve é estar alerta.

— Alerta eu estou — fez o marido — também se acomodando<sup>3</sup> para dormir.

O dia seguinte engolfou o casal nas preocupações da casa, multiplicadas pelas da moagem. Até que se botasse o engenho, não se tratou mais de casamento, na alcova de

conselho. Sinhá é que apenas nisso pensava. O pai voltando da várzea suado e circunspecto, a mãe ferroando as negras como si fôsse chegar alguém; ela mesma ajudando e mandando, que os arranjos da hospedagem, no dia da botada, até certo ponto, lhe cabiam: em tudo metia a idéia de casamento. E a sua pouca esperança era, como fôra sempre, maior que a da mãe. Como d. Ana, de Pindobal à outra banda do rio, além da cidade, e a Cunhaú e Goianinha, na outra Província, não descobriria senão dr. Joaquim, — o que valia nada ver, pois êsse fugira dela quando todas o queriam. Tanta ausência de esperança tirava-lhe o apoio interior que enche a vida e equilibra o Mundo; e a dona futura de Sítio, ajudando, arrumando, sentia-se tão sòzinha, tão sem ninguém, como a torta feia da senzala.

Tida com d. Ana a conversa do deitar, André do Rêgo à mesa, atentou mais na filha. Até agora, comendo com a mulher e ela, falava não deixando de cuidar do engenho; agora, fazia assunto da botada do engenho como pretexto para chegar aos arranjos da casa-grande, e, através êles, a Sinhá. Pronta a vibrar como um violão afinado, Sinhá compreendia e, em lugar de se alhear, qual intentava o pai, encontrava-se mais consigo. Enquanto êle ia falando, era tanto a senhora-moça sem apêgo íntimo, que quasi o não ouvia. Dar Sítio tantos mil pães de açúcar: belo resultado; mas não ter ela marido nem noivo em Sítio cada vez mais rico, valesse muito para o pai, para a casa, para contarem, nada modificava e não a consolava do seu vazio de solteira sem noivo. Gostava que o pai se alegrasse com o acréscimo de fortuna, que viesse gente a Sítio no dia da botada, mas, dentro de si, no coração, isto só ganharia valor pleno se das conversas da mesa participasse outro, que tivesse seu cavalo na estribaria, para correr as terras de Sítio, de manhã e de tarde, como terras meio suas. Êsse, ela não possuía e não sabia se viria.

Predisposta pela vinda de Nana, que se avizinhou, a solicitude de André do Rêgo fizera do entristecimento pe-

rene de Sinhá estado que, reconhecido pelo pai, ela achava o mais penoso. O pai interveio na sua inquietação de moça quando ela soubera que o médico retraído era o desejado da cidade e estaria perto de escolher uma qualquer. A assistência doméstica, encontra-a despeitada sôbre o abatimento constante e envergonhava-a. Como se o pai soubesse; como se ela repetisse na filha moça o carinho com que marchava na alcova, embalando nos braços a criança de outrora. Sinhá indispôs-se contra tudo que se movia em volta de si. Já não era Sítio deserto que a desatinava: era Sítio atividade nos preparativos da botada e Sítio carinho nas conversas da mesa, por ela tidas como propositais. Sítio sol, safra, compensação, desadorava-a mais ainda que Sítio chuvoso, com as canas pequenas e o rio alagando a várzea. Poucas vezes como naquelas vésperas felizes Sítio ajudara tanto a herdeira dos bens de duas gerações a se ver num engenho sem vizinhos, pobre ser ao desamparo. Como sair, não diria da casa, mas, como libertar-se do seu cativo, tão rico exteriormente quão misero na pessoa? Nana obtivera o auxiliar do pai. Outras, que ela conhecia, noivavam, casavam. As não prometidas contavam com um dr. Joaquim, para pretender e esperar. Ela, em Sítio, nada possuía, com cousa alguma contava, porque não era possuir e contar a esperança vaga do "virá a seu tempo", mesmo partindo do pai. Ser solteira sem noivo, era-se em toda parte. Esperar, porém, em Sítio, como ela esperava, — esperar desesperando, Sinhá não conhecia posição mais dura e mais triste. O pai satisfeito, a mãe integrada, os negros penando, enchiam seu tempo sem mais apêlo à sorte; ela, tinha as horas de um preso, em seu engenho que os de fora diziam bonito, que o pai por nada trocaria e que a mãe não sabia deixar. Verdade era que uma irmã de d. Ana ficara solteira e não aceitara vir para Sítio com uma cidade à mão. Ficando solteira, preferiu acabar lá por cima, onde nada mais lhe viria. Entre ela e a parenta, ressaltava a diferença que a tia se grudara à fazenda do sertão sêco quasi velha, enquanto a sobrinha achava-se ainda longe da fase em que se recebe como bom o que resta da

vida no fim. Ela estava na idade de casar e sem razões para crer que casasse. Sinhá convenceu-se de que ia fannar-se no isolamento não conhecido pelas da cidade. Nana e as outras tinham a rua com o seu comércio, os transeuntes; tinham a convivência, os fatos, as festas, os amores, felizes ou infelizes; ela, que lhe tocava, na solidão do engenho? Moça sòzinha em Sítio, assistia à faina da propriedade e à satisfação do pai, que ela não partilhava senão no seu afeto de filha e findava por a entristecer mais. Quando os da cidade iam deitar-se com as impressões, mesmo más, do dia passado em movimento, ela saía do têrço rezado com as escravas para se enrolar na coberta passada pelas mãos de Rita chorosa, ouvindo o carão da várzea. Só, no quarto friorento, certas noites, o carão lhe tirava o sono. Ela a pensar em Nana, nas outras, no doutor esquivo, todos distantes, e a gralha da várzea assombrando-lhe a insônia, da cêrça do engenho. Carão! Carão! Carão! Eis o seu piano noturno, a sua serenata do largo da Matriz, o seu baile do sábado. O grito do carão na noite erma vibrava-lhe os nervos insofridos, e, vez por outra, ela se ajoelhava na cama, rezava, para acalmar-se e dormir.

Convencidos de que a filha precisava casar, a André do Rêgo e d. Ana bastava-lhes isso. O pai punha nos deveres da afeição procurar-lhe noivo, fazia por a distrair à mesa e voltava tranquilo ao partido; a mãe pedia a Deus, advogava-lhe a causa na conversa da cama e fechava os olhos brigando em mente com as negras; mas nenhum percebia o drama do ser que, perto de ambos, se sentia mangrar sem recurso ou apêlo. Sem a bruxa suscitadora de sonho para se alentar e sem mais crença em suas histórias, nos dias de maior desânimo, Sinhá puxava a mucama para junto de si. Rita mexericava dando novas. Catota e Narciza viviam cochichando com o velho preto tropeiro. Narciza era encontrada com outras negras, também, falando ao ouvido, para, depois, altear a voz e rogar pragas, não se sabia a quem. Mãe-Chicha zangava-se à toa com a gente moça. Sentada no pilão, passava tardes inteiras na cozinha, reprovando o que via, de modo a temerem-na mais.

Depois da fuga do bisneto, era um azucrim, de tirar a paciência. Não queria ver Catota nem Narciza. À noite, pegando-se sem alguém, enquanto os senhores ceavam, arrastava-se para o oitão da casa, na banda do curral, e, voltando-se contra a mata, benzia-se, tornava a benzer-se, rezava alto, caía em silêncio, punha-se, de repente, a resmungar, a gesticular, chamando, chamando... Dela Rita, Sinhá é que poderia dizer. Rita só falava provocada; e Sinhá mais de uma vez a viu arrumar-lhe a cama com os olhos molhados. Sinhá não ignorava que as pragas de Narciza, as idas dela e Catota a Pai-João, as rezas, resmungos e acenos de Mãe-Chica, as lágrimas de Rita provinham da fuga de Elias, e, em seu isolamento, tinha ainda mais pena do escravo. Se não se acusava, em certos instantes, Sinhá sentia a falta do negro, na casa-grande, como a de um do seu sangue. Quem diria por onde andava o pobre, naquelas semanas de azáfama no engenho? Talvez que com o corpo ferido, faminto, quasi louco, pelos desertos do mato. Sinhá lastimava o escravo admirando-o. Admirava-o, porque, descontente, revoltado, em Sítio, libertara-se de Sítio. Libertar-se... Sair de Sítio degrêdo, mesmo fugindo! Ah, pudesse ela, também fugiria. À idéia de evasão, Sinhá sonhava uma existência agradável, na qual tivesse o que não tinha. Casada, em Sítio que fôsse, vendo o marido apear para o almoço; vendo-o, de novo, montar, à tarde, descansada a janta; depois do têrço, junto dêle, tomar a bênção ao pai e à mãe e irem os dois para o seu quarto, sem outro cuidado senão êles mesmos... Ou, então, morarem na cidade uma parte do ano, vindo para Sítio durante o plantio, durante a moagem e nos dias grandes da casa. Imaginou Zeca Jácome desmanchando o noivado lá em cima é, uma noite, batendo, com o pai, à porta de casa-grande; Rita indo ver quem era, e serem êles, vindo pedí-la. A mãe, não cabendo em si, de contente; o pai, satisfeito, por ter a quem deixar o engenho, amanhã, confiante; ela, Nossa Senhora das Mercês, que felicidade! Mas, rezado o têrço, o que lhe restava era o grito do carão na várzea, assombrando a noite...

## XXI

“Só mesmo muita amizade faz alguém se abalançar a êste fim do mundo” — dizia Sinhá consigo, ao ver apontarem os primeiros chapéus na subida do páteo. Se eram as seis léguas de caminhos maus, apesar de o pai mandar alargar trechos e trechos, entupindo buracos da chuva, desbastando ramagens, todos os fins de inverno! Sinhá tinha descido com André do Rêgo e d. Ana, ao aviso de os viajantes haverem passado a porteira. Dois escravos aguardavam, ali próximo, com tamboretas, para o desmontar das damas. Mais para trás, estava Rita — olhos e ouças na senhora. À medida que os bustos emergiam, Sinhá ansiava, como assustada, espantando-se da viagem, que, para ela, sempre foi sacrifício. O rosto logo a mostrar-se mais entre os cavaleiros e cavaleiras havia de ser o da mãe de Nana — gordona e pálida no cavalo baixo escolhido de propósito, não obstante, lépida, falante, qual se conservasse o corpo e a idade da filha. Não tendo vindo, pela doença, no domingo de Sant’Ana, d. Irinéa comparecia à botada dobradamente alegre, como André do Rêgo notava sem entusiasmo porém lisonjeado. Ainda montada, ela soltava exclamações de rediviva: que não morrera, que estava pronta para outra; e dava notícias, pedia-as, de forma que sòmente depois de atendê-la André do Rêgo e d. Ana puderam olhar para os mais.

Eram umas oito pessoas, além dos três obrigados. Mas, vistas essas, enquanto um escravo se chegava com o tamborete para d. Irinéa, Sinhá relanceou os olhos no grupo promíscuo. Padre Antônio, que vinha para, no outro dia, dizer missa e benzer o engenho, fitou-a sorrindo o sorriso de honraria à casa inteira. Confusa, ela vai andar para beijar-lhe a mão antes de se dirigir às duas moças companheiras de Nana — uma vizinha do largo da Matriz e a filha do exportador de algodão amigo do pai, com quem havia de dar! Seria mesmo dr. Joaquim, ou estava fora

de si naquele mover de fisionomias conhecidas mas só raramente juntas? E era êle realmente, era êle.

D. Irinéa acabava de descer, ajudada por André do Rêgo e o marido, e ergue a voz, dando como porte e côr em meio à algarada dos cumprimentos, mais sentidos que ouvidos:

— Aqui, é dr. Joaquim Coelho, d. Ana.

Dr. Joaquim apropinquava-se descobrindo-se, quasi sem jeito — êle, na cidade, expedito e tão falante quanto a sua apregoadora.

— Vem trazido por nós — explica d. Irinéa —, que eu queria que êle conhecesse coronel André e d. Ana. — E, golpeando o casal num olhar — E' uma pérola. Quanto a mim, devo-lhe a vida. Abaixo de Deus, a êle devo ter escapado de ir para debaixo da terra e estar, hoje, aqui.

Ainda mais acanhado, dr. Joaquim humildou-se:

— Bondade de d. Irinéa, sr. André do Rêgo. Bondade e mais nada. Eu sou como os outros: faço o que está em mim.

André do Rêgo interessava-se, com a amabilidade de dono da casa, mas com a segurança de quem nunca adoecia e não precisava de médico para os escravos, que se curavam com mezinhas do mato, com purgas, emplastos, benzeduras.

— Vi o doutor em Mamanguape.

Dr. Joaquim ouve e apresenta-se a d. Ana, que, tendo-o ante si, o revia, igualmente, na lembrança.

— Senhora dona...

— Eu também: quando o doutor subia para a casa de padre Antônio, de tardezinha, com o dr. juiz.

Padre Antônio, que acabava de fazer uma graça para as moças, ouvindo seu nome dito por d. Ana, assumiu o ar dos sermões gratulatórios:

— E' quem está me endireitando a carcassa, nos meus achaques, que, com o poder de Deus, não são ainda muitos.

A presença do moço médico, que não viera antes a Sítio, antepôs-se, para logo se sobrepôr à dos demais, embora, nas seis léguas vencidas ao fim da tarde serena, hou-

vessem-no alfinetado com a malícia jovial das viagens de muitos a cavalo, em que até o padre e os velhos entram na troça. Mas, de todos, o ser mais tocado pela importância reconquistada do médico foi Sinhá. Êle! O esquivo da Matriz! Êle! No engenho! Deu-lhe a mão, de súbito, sem calor como uma pata de gia. O moço prendeu-a um momento, e nenhum dos dois soube articular a mais tola saudação. (D. Irinéa dilatava-se de regozijo compensador.) Cumprimentada a moça, dr. Joaquim volta-se para André do Rêgo, ocupado em atender a vários, porque, desmontados, todos falavam sem trégua. Êle, centro dos homens; d. Ana, com d. Irinéa — um canário, do muito que vinha dizer; Sinhá, cercada de Nana e das outras.

Passada a comoção do encontro com o moço, Sinhá mudara, da macambúzia das vésperas, numa Sinhá imaginosa e expansiva — a Sinhá que haveria de ser quando tivesse o que desejava. O contentamento que invernara desde a última vinda de Nana. Apertada a mão de todos, André do Rêgo convida para subirem.

Já escravos tomavam conta dos animais e Rita se escafedia pelo oitão, demandando a cozinha. Ao contrário da senhora-moça, Rita ia tristonha. Em tudo o que se passava, ela via o noivo fugido, nas outras vezes, avançando o tamborete e, depois, tirando a sela dos cavalos, com a boa vontade de moleque que fizesse aquilo por folia. Sabia que os arreios dos hóspedes iam ficar no quarto do porão pela senhora destinado aos dois, quando casassem... Isso lhe esfaqueava o coração, naquele falatório de festa.

Subidos, os homens couberam a André do Rêgo, como d. Irinéa a d. Ana e as moças a Sinhá. D. Irinéa fez-se de casa, o que era seu costume em Sítio. Quis saber de Rita, de Generosa, de Mãe-Chica, e foi entrando, não sem infringir a severidade do trato da casa aos escravos.

— Estás servindo bem a tua senhora?

Perguntou isto a Rita. A mucama baixou a cabeça, nada dizendo, por estar perto de d. Ana.

— E tu, Generosa? Ainda coses bem?

Costura melhorzinha, fizera p'ra o casamento de Rita, que não se realizaria...

— Vou fazendo o que minha senhora manda, *siá* dona Irinéa.

Mãe-Chica. Essa, chamada. Rita a trouxe, quasi como quem empurra.

— Boa noite, *siá* d. Irinéa.

— Como vai, Mãe-Chica?

— Por aí, feita crueira, que não presto mais p'ra nada.

D. Irinéa volveu-se para d. Ana:

— Elias, êsse, nada?...

— A terra abriu-se para êsse negro, d. Irinéa.

Mãe-Chica, súbitamente, com a tremadura que andava lhe dando mais a meúdo:

— Deus Nosso Senhor levou-o, *siá* d. Irinéa. O que eu magino é que êle não esteja vivo. Estivesse vivo, tinha de me ouvir, que não há hora em que eu não chame por êle.

— Chama, chama, que êle pode vir — esperança-a d. Irinéa.

Para d. Ana, o que dizia a negra velha era caduquice. Mandou-a para dentro.

Antes da lauta ceia que d. Ana e Sinhá prepararam, André do Rêgo levou os homens ao engenho — ao casarão de quatro águas, onde a moenda, amarelinha, de limpa, esperava a cruz de cana descascada que, benzida por padre Antônio depois dela, iniciaria a moagem. Por nada êle se dispensaria de, na véspera da botada, examinar, ainda uma vez, a sua fábrica; e, junto com a última vista de olhos da praxe, obsequiou os de fora. Havia-se cortado cana de mais, para o primeiro dia. Porém o senhor de Sítio era dos prevenidos de “mais val que sobre do que que falte”. Pirâmides verdes de compridas canas erguiam-se do chão varrido e nem por isso limpo. A luz vermelha das candeias de azeite, negros semi-nús suavam conduzindo do páteo as que um carro de bois retardado descarregara já de noite. André do Rêgo pôs-se a falar da faina que começaria na manhã seguinte. Tarefa para que lhe sobrava

gosto mas que exigia muito. Só o seu hábito de desde moço o ajudava, em obrigação tamanha.

À sua vez de pronunciar-se, na série de elegios a Sítio e às suas safras, principiada por João Marinho, dr. Joaquim disse com convicção que salvava a simplicidade do juízo:

— E que bonitas canas dão as suas terras, sr. André do Rêgo!

— Não são ainda as maiores nem as melhores. Nós temos um partido a que nenhum outro se iguala.

— Dá-se muito isso.

— O doutor já viu algum dêsses?

— Eu sou neto de senhor de engenho; criei-me vendo plantar cana.

— Então, tem prática.

— Prática, não digo, mas conheço.

André do Rêgo perguntou si o avô dêle vivia.

— Vive e com bastante saúde, graças a Deus.

— Longe daqui?

O moço respondeu por um rodeio, à feição de certos velhos:

— A dificuldade da viagem torna maior a distância, porque se ha-de passar dois rios.

O proprietário de Sítio compreendeu bem ser um dos antigos engenhos da várzea da Paraíba; mas, quanto ao avô do jovem, achava-se em trevas:

— E quem é seu avô?

Dr. Joaquim:

— Não tem ouvido falar em Belarmino Coelho?

— Sei, sei.

Àquela hora, na sala de jantar da casa-grande, d. Irinéa acompanhava d. Ana, que completava com demãos e as suas breves ordens a uma das escravas copeiras o arranjo da mesa da ceia. Não propriamente ajudando, no entanto, com uma espécie de colaboração de dona de casa, a solícita mãe de Nana intervinha, ao mesmo tempo, narando e julgando. Concluída a história da doença, pôs nas

nuvens pela segunda vez o salvador. Pouco afeita a divagações, d. Ana perguntou o que lhe convinha saber:

— De que gente é êle?

— Isso, eu não sei, minha amiga.

Que o moço se fizera amigo da casa, na sua doença; dizia ter um irmão padre, uma irmã casada, mãe muito bôa; que o pai exportava açúcar p'ra Pernambuco; tudo sem dar nomes.

— E, como veio para a cidade?

— Por conselho do pai.

Até saírem, de manhã, para a missa, dr. Joaquim recebeu, a par de padre Antônio, as honras maiores da festa. Entretanto, Sinhá não chegou a falar-lhe. Nem êle, correspondendo às atenções de André do Rêgo e d. Ana, em seu respeito de início, pôde depôr-lhe aos pés uma rosa de cortezia. A filha do exportador de algodão dirigiu-lhe a palavra na mesa, que foi quando, segundo o costume, todos se encontraram mais juntos. Sinhá invejou-a, havendo de se limitar a observar. Dr. Joaquim não era bonito. Calado, tornava-se muito sério. Ao sentir-se mais à vontade, calou-se menos. E, no engenho, quando a moenda começou a rodar, falou com d. Irinéa como se fôssem parentes. Mas expandiu-se assim, provocado por ela; porque, por si, só abriu a bôca em tom de brincadeira com João Marinho. Sinhá colheu das suas observações a novidade, que, em Sítio, não era de perder, e, na companhia das moças, recalçando o despeito pela familiaridade da outra com o companheiro de passeio, esteve comunicativa quanto mandava o dever de pessoa da casa.

## XXII

Nana passou uns dias em Sítio — o bastante para satisfazer Sinhá e não inquietar *seu* Elias, que já regulava o coração, como quem acertasse o relógio, pelos modos da namorada. Puderam, então, as duas, conversar a gôsto. Tendo menos o que referir, Sinhá não chegou a tocar no

que lhe importava essencialmente e era a sua vida mais íntima. Mas nem assim Nana partiu às escuras quanto ao estado de desesperança da amiga. Na noite em que as que regressaram dormiram no engenho, reunidas todas, desmontaram e reconstruíram o Mundo pela planta do que aspiravam. Tagarelaram tanto, na assembléiazinha de livres sonhos, que, de manhã, d. Irinéa dizia a d. Ana, mesmo diante delas: “Essas quatro, eu digo que não pregaram olho esta noite. Conversavam!” Na exclamação, prolongou a tónica pelo espaço de um binário. “Eu dormia, acordava, e elas falando. Só curica!” E d. Ana, agradada por vê-las alegres em sua casa: “Ah, moça, ajuntando-se, vira jandaia em roçado de milho.” Sós, Nana e Sinhá falaram pelas quatro. Não paravam senão para almoçar e jantar, ainda aí, se André do Rêgo tomava a palavra; quando iam ao engenho, para a visita beber “garapa” aparada na moenda — um caldo fresco espumoso que adoçava, até, a alma — ou quando passavam por alguma escrava mais de dentro de casa — Veneranda, Rita, a fiandeira, já alquebrada, arco humano sôbre o fuso que os dedos rodavam, ligeiro e certo, à luz da candeia. No encontro com Mãe-Chica, Nana crivou-a de perguntas garotas: “Cadê o princês, Mãe-Chica? Tem sonhando com êle? Êle vem mesmo ou não vem?” A bisavó de Elias respondia com evasivas do ressentimento retraído, que só a senhora moça decifrava. “Princês ’stá galopando nas nuvens, *siá* d. Nanninha.” “Oh! nas nuvens?! Logo nas nuvens, Mãe-Chica?!” Ela: “Galopando nas nuvens, a mando de Nosso Senhor Jesus Cristo.”

Esgotados os romances leves da cidade, os episódios grotescos que, lá, abundavam, a filha de João Marinho apeou no seu caso, que contou por meúdo; e, saindo dêle, deu pasto à malícia, não fundamental mas necessária como desafôgo. Sinhá achava graça, pedia mais, em silêncios recamados de riso, até que se fechou, — fechada, de a outra, como se diz, ficar de pulga na orelha. Deu-se isso ao pronunciar Nana o nome de Dada — a filha do exportador de algodão. Dada era uma das que cercavam dr.

Joaquim e que a cidade não se admiraria viesse a casar com êle.

— Se dr. Joaquim gosta mesmo dela — comenta Nana advertida pelo que notara — arrenego-lhe do gôsto!

Aludia à gordura da moça.

— Uma saca de lã daquelas!

— Não é tão gorda assim, Nana.

Contestava discordando de si, pois, não sendo das que vão engordar muito, via a gordura da outra mais grossa do que na verdade. Nana jurava que Dada viera à botada, mais por o médico ter decidido vir que por outra razão. Sem levar em conta que a moça era das com quem Sinhá melhor se dava. Sinhá indaga:

— E, como ela soube da vinda dêle?

— Lá em casa. Perguntando quem vinha, quem não vinha, não se havia de esconder. E, mesmo, eu preferia que ela viesse, que seria mais gente.

Sinhá:

— Na mesa, até, no engenho, eu vi: não tirava os olhos dêle.

Nana:

— Mamãe diz que, aquilo, é só êle pedir.

Sinhá, jogando fora:

— Que casem quando quiserem, e sejam felizes!

Aquí foi que Nana percebeu tudo a fundo, — pelo tom brusco com que a outra falou. Disse, para confortar:

— Sinhá, pode ser que nem venham a se casar.

— Se já estão de ela olhar para êle diante de papai e mamãe.

— Ora! que tem isso?

Evitando discutir, Sinhá, todavia, insiste:

— Papai e mamãe ali, e ela o olhando.

— E, êle, olhava?

— Com certeza, se acanhou.

Sinhá abrigou-se na pobre história de Elias, falando como simples testemunha dos fatos. Contou o casório do escravo, despejando em Rita a pena que tivera dêle. Pena, remorso e inveja. Porque Elias saíra de Sítio e ela ficara,

com os mesmos anuns voando lentos e gritando por sôbre as canas, e os mesmos carões gritadores assombrando a noite. Revendo Rita depois do que ouviu, Nana ia interrogá-la, à ligeira, qual fizera com Veneranda e Mãe-Chica, mas súbita piedade embargou-lhe o movimento, e o mais que fez foi parar para vê-la passar no corredor com uns panos dobrados parecendo lençóis.

— Êles sofrem como nós, Sinhá.

— Sofrer, Nana, até os bichos sofrem.

\*

\* \*

Na opinião de Sinhá sòzinha de novo, dr. Joaquim viera a Sítio mandado pelo Destino, para a dissuadir. Que não pensava mais nele, não pensava; mas, indo à cidade e vendo-o, não haveria de esquecer que êle a olhara muitas vezes, dando idéia de amor, à voz dos benditos, na Matriz, onde tantos noivados começavam. E o Destino mandou-o para provar que êle, não só se retraira, como já escolhera a sua. A desprezada, que se lembrasse de outro ou se acabasse no degrêdo de Sítio, vendo cana crescer e garapa cozinhar. Outro... Onde haveria êsse outro? Do engenho cercado de mato, formigado de escravos, não via outro nenhum, não sabia de outro. Mentiria se negasse que, descobrindo a cabeça do moço na caravana, julgou fôsem findar seus anseios de solteira. Quando o viu descer do cavalo no pátio da casa-grande, supôs fôsse renovar-se a flama das novenas de junho; que, vindo a Sítio, revendo-a, falando-lhe, êle findasse pedindo-a. Porém dr. Joaquim veio a Sítio com a sua escolhida, em cavalgada de namorados, distraindo no campo os amores da cidade. E Dada não tinha culpa. Ninguém tinha culpa. Viviam perto um do outro: ela o ganhou. A isolada é que era sem sorte, no isolamento sem remédio.

\*

\* \*

O engenho em moagem infundia atividade, como, de fogo morto, infundia desânimo. Dentro e fora da casa-grande, senhores, escravos, animais, trabalhavam; tudo trabalhava. Parecia que os matos e os do caminho ajudavam os cavalos e carros, na lida geral em que André do Rêgo dormia tarde e d. Ana rezava mais cedo o Ofício de Nossa Senhora. A moça desesperançada incorporou-se à labuta do engenho. Sinhá, porém, trabalhava como quem se acolhesse, como quem se refugiasse. Descida do curral, de manhã, dado banho no papagaio, atribuía-se tarefas que nunca foram suas; e, como d. Ana, não descansava. Assim afogava os sonhos da que crera nos contos de Mãe-Chica. D. Ana informava ao marido:

— Ela, que não mostrava inclinação...

André do Rêgo recordou a conversa da estrada:

— Zela por o que ha-de ser seu. Foi bom eu lhe dizer.

D. Ana:

— Tomou mesmo gôsto. Chega fico admirada.

— Terá havido algum comêço entre ela e êsse doutor que aqui veio?

— Que eu visse, não; mas, d'aí, quem sabe?

André do Rêgo:

— Tem jeito de um bom partido.

— D. Irinéa gaba-o muito.

Dedicando-se mais aos trabalhos domésticos por desilusão da cidade, nunca Sinhá mandou para lá tanto mel. Mel para d. Irinéa, mel para o largo da Matriz, mel para Fulano, para Sicrano, mel, até — êsse por honra da firma — para Dada. No meio das cargas de açúcar, entre os dois sacos húmidos, quem olhasse do páteo veria descer ao caminho uma fieira de potes novos em folha, a tampa de bagaço fresco, muito branco, coroando o barro rosado.

\*

\* \*

Decorridas umas seis semanas da botada, na volta do combóio do sábado, com os papéis e encomendas enviados por João Marinho, chegou carta de Nana.

— Está vendo, mamãe? — exclamou Sinhá acabando de ler na lauda azul um rôr de notícias.

— Que é que houve?

— *Seu Elias* pediu Nana.

A mãe:

— Eu sempre esperei isso.

Saboreou a nova; depois:

— Sonsa.

— Sonsa, não, mamãe.

— Você sabia, minha filha?

— Que êle pedia já, não, mas sabia.

Contou a adivinhação da fogueira. Tendo ouvido com as imaginações do seu tempo de solteira, d. Ana perguntou:

— E, p'ra você, minha filha, não se disse um nome, não?

— O mesmo d'ela.

— Pode haver outro Elias.

— Houve: o d'aquí do engenho.

D. Ana toma a referência por queixa na decepção:

— O seu dia chegará, minha filha.

— Por São Nunca.

— Chegará, como o de Nana, como o de tantas.

— Como o de Rita...

\*

\* \*

Sinhá resolveu professar. Diria adeus ao Mundo e entraria para um convento. Dessa resolução por diante, a ajuda aos encargos da casa diminuiu. Ajudava na metade do feito até ao dia em que, falando com Veneranda, abriu-se-lhe na memória o claustro do recolhimento visto, em menina, num cosmorama. A reminiscência restou-lhe no espírito com a fôrça de uma visão, e ela não se dominou mais. Iria para o convento, sim. Sítio, cá, ocupasse e consolasse os pais, para quem era tudo. Rezaria onde esti-

vesse, para que o engenho lhes fôsse, sempre, tudo. Não ambicionando riquezas, nada querendo do Mundo, rezaria por êles. Enquanto envelhecessem, ela os aproximaria do Céu, onde os três se encontrariam.

Na hora do comêço da tarde em que d. Ana tomava a madorna do calor grande, Sinhá apanhava na banca do oratório a chave da capela e ia-se, com Rita, às vezes só, varrer, espanar, arrumar, orar. Ajoelhava no altar; descia, de volta, os dois degrauzinhos, vinha vindo pensativa, parava na ábside, invocava os avós, apoiava-se neles. Reentrando na casa-grande, sentia-se tão leve, tão aliviada, tão sua, que ia ocupar-se feliz. D. Ana, que lhe seguia os passos, primeiro, estranhou, depois, interpretando, pensou compreender: a filha pegava-se com os santos. Ela fizera promessas a São Gonçalo, a Santo Antônio; Sinhá faria as suas. Desejosa de casar, pedia aos que tudo podem; era justo. Deu para mais assiduamente rogar ao Céu o que a Terra não dera.

Estavam nos fins da moagem. À noite, Sinhá vinha para a janela, e a mãe não tardava. Ficavam as duas olhando para fora, ao cheiro da bagaceira, doce e embebedor, aos rumores do engenho. Tocava-se fogo na palha das canas cortadas. As fogueiras alastravam-se despedindo fagulhas em nuvens de cinza e ouro vermelho, Sinhá via-as alteadas, crescendo, extinguindo-se, qual se fôsem cenário da eternidade. Ela assistia àquilo desde menina. Até ali, o fogo da várzea fazia-a esquecer-se de si. Eram extensões ardentes, labaredas grossas extinguindo-se no espaço e que ela não podia manter nos olhos como as dos toros de São João. Quando ia pensar numa cousa firmando a vista nelas, as largas línguas de fogo deformavam-se, morriam, consumindo-lhe os pensamentos. Hoje, os incêndios do canavial acendiam-lhe o coração, e ela revia, demoradamente, sua vida de mortos anhelos. Naquele ano, as queimadas da cana queimavam-se por despedida. Lembrando-se, em lugar de se esquecer, Sinhá achava belas as fagulhas da várzea; e revia comovida os partidos verdes com os pendões côr de rosa dos dias sem sol. Sentia saudades. O espetáculo da

última queimada de Sítio solidão, de Sítio degrêdo, onde os sentimentos tombavam inúteis como os frutos da mata sòzinha de pássaros, hoje, dava-lhe saudades. Saudade do pai. Saudade da mãe. Saudade, mesmo, do engenho. E Rita, que, perdendo a senhora-moça, não teria mais, na vida, encôsto certo! Rita. Pobre de Rita. Podendo, levá-la-ia consigo.

D. Ana, que, com ela, olhava o fogaréu voltada para dentro de si, recordou:

— Vovó Ninha dizia: “Da primeira vez, o Mundo acabou-se com água. Agora, os pecados do povo são tão grandes, que Deus há-de acabá-lo com fogo.

Sinhá lera e relera a *Cartilha*, e anteviu o fim da Terra entre chamas, ardendo como a palha da várzea, imagem do seu destino, do fim de seu mundo. Quis falar qualquer cousa, por comprazer; não achou o que dizer.

Na alma, o seu voto estava feito; faltava-lhe o voto litúrgico. Êsse apressá-lo-ia. O Natal aproximava-se. Depois da missa do engenho, com a presença de padre Antônio, na ceia, faria a revelação. E os pais haveriam de ouvi-la, de a aprovar. André do Rêgo atravessou o páteo. Vinha cear, rezar o têrço, para tornar à lida. Ela e d. Ana entraram.

### XXIII

Perto do Natal, um domingo de tarde, dois galos brigavam no oitão da casa-grande, Mãe Chica apreciando. Picavam na crista um do outro, e puxavam como para arrancar. A negra velha, já sem reações a não ser as do instinto, assistia atoleimada. Os assaltos da briga refletiam-se-lhe nos olhos sem lhe esquentar o sangue. Agarrada com as mãos ossudas à japecanga amarela de uso, seus movimentos únicos eram os das aspirações mais fundas. Mas, passa-lhe no olhar uma sombra. Ela ergue a cabeça: um vulto. Fita: um cavaleiro. Moço, chapéu de palhinha, roupa azul, ganhava a subida como os que, havendo corrido, não têm pressa ao chegar. Um moço tão

vistoso ganhando a subida naquela hora quieta!... Estaria ela trespvairando? O cavaleiro apresentou-se num bonito alazão com arreios brilhantes, esporas de prata, as feições recolhidas. Parecia visagem. Pois, gente viva, de tal modo, quem poderia ser? A bruxa de Sítio pensou no príncês dos seus contos, no príncês desejado, no príncês de Sinhá, hoje, sòmente visto nas nuvens, como dissera a Nana. O moço passa por ela. Passou sem saudar. Isso a fez vê-lo importante; na importância, antipático. Seria mesmo o príncês da senhora-moça? Esquecendo os galos, saiu atrás dêle, trôpega, e ia atraída. Via-o pelas costas, no páteo, já deffrontando a capela. Mãe-Chica duvida e quer crer; quer alegrar-se. Porque era, realmente, um moço ao jeito dos que ela prometia à senhora. Quer crer, e crê descrendo, confusamente. Dr. Joaquim parou no ponto onde, da primeira vez, descera, diante do copiar, mas quasi no degrau da escada. Pára e bate palmas. As vidraças achavam-se descidas. O sol escondia-se lá longe. Estava tudo morno, deserto de sêres, tirando Mãe-Chica e os galos. Mãe-Chica se chegava ainda, a japecanga esquecida na mão como esquecera os bichos. A cara de Rita aparece na janela, — uma Rita pasmada — ela, que já vira, que conhecia, o moço; tão pasma, que só faltou gritar para dentro, gritar por Sinhá...

FIM

## ALUÍZIO AZEVEDO E A CARICATURA DO TEMPO DO IMPÉRIO

JOSUÉ MONTELO.

A caricatura viveu uma idade de ouro no jornalismo turbulento do Império.

A liberdade então atribuída à imprensa criou o terreno propício ao desenvolvimento dessa arte — arte diabólica em cujos movimentos Bergson encontrou levantado o demônio que o anjo derrubara.

A liberdade da imprensa viera no primeiro império e aumentara no segundo, graças ao regime parlamentar e ao espírito liberal do monarca. Pedro II concedeu atuação ampla e livre ao jornalismo durante todo o seu longo governo. E o jornal, abusando dessa regalia, empreendeu as campanhas que solaparam os sustentáculos da monarquia.

Os panfletários foram rudes e violentos. Sobre a cabeça do Imperador choveram os doestos mais torpes. Basta que se recorde um exemplo. No ardor da campanha abolicionista, José do Patrocínio chegou a escrever períodos como êste, ferindo em cheio o Bragança no poder: “A família Bragança se divide em dois ramos: os brancos e os idiotas”.

Na Câmara, os senadores em oposição pareciam porfiar entre si o pronunciamento da apóstrofe mais atrevida contra as instituições vigentes. Nas praças públicas, os oradores populares lançavam objurgatórias audazes no poder e às

leis, em tiradas sonoras como bombos de feira. Nas esquinas de ruas ou nos cafés combatia-se a monarquia a golpes de sarcasmos. E todas essas vozes rebeladas se reuniam, numa formidável massa coral, e eram difundidas atroadoramente através das “cem buzinas da imprensa” — na expressão de Oliveira Viana.

Em tal ambiente a caricatura aflorou como um elemento natural. Chegou para completar a obra destruidora. E agiu desordenadamente, num furor pânico, zombando e troçando, rindo e maldizendo, sem restrições ou censuras oficiais, zurzindo os políticos e os grandes homens, ridicularizando idéias, costumes e tradições.

Pelos elementos de que dispõe, a ação da caricatura na luta contra o Império deve ter sido mais intensa que as dos escritores de combate entrincheirados na coluna do jornal.

Na verdade, enquanto o artigo de fundo ou a crônica dirigia-se a uma massa semi-intruída — a caricatura, numa ação mais ampla, falava ao mesmo tempo à elite à patuléia, ao ignorante e ao letrado. Nada escapou à sua desabalada perseguição de escândalos e bandalheiras. Atroou como um halali de guerra. E isso porque a fôrça da caricatura como arma de combate deriva de três fatores maravilhosamente coligados: intenso poder de sátira, possibilidade de oferecer uma percepção imediata e instantânea dos objetivos visados, e universalidade de linguagem. Esses três elementos, reunidos, a transformam num perigosíssimo instrumento de luta. E aí está porque essa forma alegre do desenho teve uma atuação da mais alta importância no solapamento da monarquia.

A sua história entre nós tem raízes distantes.

Não está ainda esclarecida a data em que surgiu no Brasil o primeiro periódico de caricaturas. As opiniões são variáveis, e a falta de documentos dá largas à imaginação dos fazedores de história.

Há quem aponte, para o caso, o ano de 1855, quando apareceu o *Brasil Ilustrado*. Outros historiadores recuam essa data para 1832, ano em que foram publicados, no Rio de Janeiro, *O Martelo* e a *Cegarrega*. Max Fleiuss, numa

síntese da história da Imprensa Brasileira, publicada por ocasião do centenário da Independência, localiza, entretanto, em 1834, com a *Mutuca Picante*, o aparecimento, no Rio de Janeiro, do nosso primeiro jornal ilustrado de caricaturas.

A data precisa nos parece, no caso, uma questão ociosa. Porque até certa época, os periódicos aparecidos não passaram, em suma, de pasquins brejeiros, sem arte apreciável e de ação circunscrita a pequenos fatos jocosos de vida de bairro. Esses jornalecos se chamavam: *O Capadócio* (1835), *O Carapuceiro da Côrte* (1840), a *Lanterna Mágica* (1844)...

E' em 1845 que sai, pela primeira vez, no Rio, *O Charivari*, revelando já alguma preocupação de sátira fina e feito com certa arte. O título do novo periódico revela a existência de um modelo: fôra surrupiado ao famoso hebdomadário com que em Paris, a partir de 1832, Philipon e Daumier, dois grandes caricaturistas, feriam em cheio costumes e medalhões políticos.

Mas é de 1860 o esplendor da caricatura no Império. Nesse ano Henrique Fleiuss, há pouco chegado ao Rio de Janeiro, publica a *Semana Ilustrada*. A idéia cai em chão fecundo. Cria-se uma febre de jornais de caricaturas no Brasil — e esse gênero facêto do desenho viveria aqui, até pouco mais de 1880, a sua idade de ouro.

Grandes desenhistas estrangeiros, como Joseph Mil, Augusto Off, Angelo Agostini, Fleiuss, Borgomainerio e Rafael Bordalo Pinheiro, transportados para a capital brasileira, povoam, por esse tempo, de malícia, gênio e jovialidade, as páginas de nossos periódicos ilustrados.

A sombra illustre desses mestres, numerosos brasileiros se fazem também profissionais da caricatura, trazendo contribuições mordentes e pessoais para a grande batalha da zombaria inteligente. Grandes escritores se reúnem aos grandes caricaturistas. Na revista de Henrique Fleiuss, Machado de Assis, então no início da glória literária, escreve, de quando em quando, a crônica alusiva aos feitos do Dr. Semana — curiosíssimo personagem criado pelo lápis ágil do diretor do semanário.

Nessa fase, a caricatura não é apenas política, mas também de costumes. Todos os espetáculos da côrte são surpreendidos pela malícia e a precisão de traços dos caricaturistas. Figurões da Câmara e membros de Gabinete, comparsas e personagens da comédia parlamentar do Império, são apanhados ao vivo pela irreverência triunfante. E ainda hoje os medalhões sizudos que passaram à história, podem ser evocados nos seus erros humanos, através das atitudes em que os flagrantearam os caricaturistas. Velhas usanças e costumes, as procissões esquecidas e o carnaval fora da moda, também se apresentam para o historiador hodierno, em todos os seus movimentos característicos, graças às charges daqueles panfletários do desenho e professores de sátira no Brasil imperial.

Pouca duração teve, no entanto, a revista de Henrique Fleiuss. Mas no mesmo ano de seu desaparecimento, Fleiuss voltou à carga, com iniciativa mais brilhante: iniciou a publicação de a *Ilustração Brasileira*, que durou até 1878.

Angelo Agostini e Rafael Bordalo Pinheiro, com iniciativas próprias, acompanharam de perto os esplendores do exemplo de Henrique Fleiuss.

Chegado ao Brasil em 1859, Agostini publica em São Paulo, pelas alturas de 1864 e 1866, *O Diabo Coxo* e *Cabrião*, periódicos de caricatura. Transferindo residência para o Rio, faz aparecer na Côrte a *Revista Fluminense*, onde terá colaboradores como Borgomainerio e Rafael Bordalo Pinheiro. Agostini dirigiu ainda o *Mosquito* e a *Revista Ilustrada*. E a várias outras publicações emprestou êle, nesse período, a graça e a beleza de seus desenhos, em páginas perduráveis pela malícia e perfeição de traços.

Foi em 1875 que Bordalo Pinheiro chegou ao Rio de Janeiro. Rafael viera de Portugal com uma tumultuosa tradição de combates gloriosos. No livro e no jornal impusera-se como caricaturista implacável, zurzindo a ridiculez e as tafularias dos jarrões políticos, mundanos e literários. E com Rafael Bordalo Pinheiro começa a grande caricatura em Portugal.

Inquieto, turbulento, vivendo aventurosamente o seu gênio irônico e rebelado, Rafael Bordalo Pinheiro, transplantado para o Rio, entra em breve para as rodas literárias e faz publicar, aqui, um ferino jornal de caricaturas — *O Besouro*. Houve sensação com o novo periódico. Bordalo Pinheiro, além da habilidade para fixar os medalhões, tinha talento máximo para sintetizar em bonecos desengonçados toda uma classe ridícula de burgueses caricatos. Pouco antes, Rafael batalhara galhardamente nas páginas de *O Mosquito*. Travara combates renhidíssimos com os caricaturistas de periódicos inimigos. E aqui, como em Portugal, fez com que dentro em pouco se transformasse em legião assanhada o rol dos seus desafetos iracundos. Até da Câmara houve vozes que se alteraram para revidar as sátiras do caricaturista português. E Bordalo Pinheiro, com o desfile habitual dos seus bonecos, nunca perdeu um combate.

De todos os caricaturistas estrangeiros que atuaram nos jornais do Império, foi êle o que mais se destacou como caricaturista político. Enquanto os outros se voltavam de preferência para a caricatura de costumes, Bordalo Pinheiro, com seus desenhos, satirizava o governo e as câmaras, o exército e a marinha, os ministros e o clero. Por isso mesmo tornou-se, em pouco tempo, irritante a atitude do caricaturista português. E logo muitas vozes se levantaram contra êle, em várias partes do país.

Houve mesmo um senador que, em plena Câmara, levantou-se para combatê-lo. O caso se passou em 1876. Por êsse tempo Rafael, com suas roupas e seus gastos excessivos, tinha criado em tôrno de sua pessoa uma auréola de janotismo e prodigalidade. E estava em pleno auge da campanha política: desenhava a Monarquia em forma de um velho combóio ferroviário precipitando-se num abismo, ou o Sr. D. Pedro em atitudes comprometedoras. Foi então que o senador irritado declarou, em discurso, que "o Brasil acolhia de bom grado os portugueses quando êles vinham de jaleca de briche de trinta botões oferecer-lhe o seu braço e o seu trabalho, mas que não precisavam de

janotas que ainda por cima lhe pagavam a hospitalidade com a agressão e com o escândalo.”

Rafael estava diretamente visado na parlenga senatorial: era português, fôra bem acolhido, e tinha fama de janota pródigo e irreverente.

O discurso estoizou como um tumulto. E o caricaturista deliberou oferecer, de maneira imprevista, a réplica original da questão.

A rua do Ouvidor, nesse tempo, tinha por assim dizer, a exclusividade do mundanismo imperial. Os grandes vultos das letras e da política, em certa hora do dia, perfilavam-se nas suas calçadas, assistindo ao desfile das belas mulheres elegantes que exibiam, naquela artéria, as *toilettes* mais finas e bem trabalhadas. Uma tarde, logo depois do discurso escandaloso, toda essa multidão súbitamente deparou um espetáculo inesperado: — e foi o aparecimento de Rafael Bordalo Pinheiro, enfiado grotescamente num casaco de mescla, sério, grave, sizudo e abotoado espetacularmente por trinta enormes botões doirados.

Os periódicos ilustrados imediatamente se movimentaram, fixando as diferentes fases do combate.

Esse episódio pitoresco iria contribuir para a revelação de Aluizio Azevedo como caricaturista e arrastaria o jovem desenhista maranhense para uma das fases de renhida peleja na questão.

Foi assim:

Em 1876, os principais jornais de caricatura da côrte eram: *O Mequetrefe*, *O Mosquito* e *O Figaro*. Essas folhas viviam frequentemente em luta. E os combates eram feitos através do desenho: os bonecos e as *charges* eram os elementos da batalha.

Desde a sua fundação, *O Figaro* tivera como ilustradores dois consagrados mestres da caricatura: Leopoldino Faria e Luigi Borgomainerio. Em março de 1876, vítima da febre amarela, que era então a principal inimiga dos turistas e dos imigrantes, falece o desenhista italiano. E o *Figaro* passa a contar somente com a colaboração de Leopoldo Faria.

Por esse tempo surge o incidente com Rafael Bordalo Pinheiro. As revistas comentam jocosamente o caso. *O Mosquito* e *O Mequetrefe* se manifestam. E em seu número de 13 de maio, *O Fígaro* dedica as duas páginas centrais a uma *charge* engraçadíssima intitulada: *Os trinta botões*. Está assinada por um nome até então completamente desconhecido: *Aluizio*. Além dessa *charge*, há, na página de rosto desse número, uma caricatura de Artur Azevedo, assinada pelo novo desenhista e com esta legenda: "O pai da Filha de Maria Angú".

Quem era esse Aluizio? *O Fígaro*, no mesmo número, responde à curiosidade de seus leitores. A última página é uma autocaricatura, com estas palavras de explicação por baixo do desenho: "Meus senhores! Apresento-lhes um novo caricaturista, o sr. Aluizio Azevedo, irmão do pai da Filha de Maria Angú, e um rapaz hábil que se propõe a fazer caricaturas se o público, juiz severo e imparcial, não mandar o contrário."

O público não mandou o contrário. E durante dois anos Aluizio ilustraria com as suas *charges* e os seus desenhos alguns dos mais famosos jornais de caricatura da Côrte. A sua permanência em *O Fígaro* é rápida — e no ano seguinte transfere-se para a redação de *O Mequetrefe*. A 19 de março aparecem as suas primeiras ilustrações neste jornal. Depois trabalharia para a *Semana Ilustrada*, o *Zig-Zag*, e a *Comédia Popular* — todos esses jornais ilustrados a serviço da irreverência e da zombaria.

A fase mais brilhante de Aluizio, nessa passagem pela imprensa da Côrte, foi certamente a de *O Mequetrefe* — e entre as ilustrações desse tempo convém destacar, pelo cuidado no acabamento e pela felicidade do motivo, uma visão do século XX, *charge* muito viva onde está previsto, com certo espírito de combate à Igreja, a glória de Augusto Comte e o esplendor do positivismo.

## VOCABULÁRIO MÉDICO

LEONÍDIO RIBEIRO.

A linguagem, instrumento de comunicação entre os homens, não terá préstimo si não fôr precisa. Mas na formação de seu vocabulário devem os técnicos colaborar com os gramáticos e filólogos, para que se possa realizar obra útil e perfeita.

A linguagem dos médicos nem só a êles serve, pois por ela se comunicam com os clientes e com o público em geral.

Poderá parecer, à primeira vista, que o tema dêste artigo é de natureza meramente literária, mas os médicos devem versá-lo sem receio de sair do âmbito de suas cogitações habituais.

Nem há, creio eu, problema mais ligado ao exercício da profissão que o da uniformização dos termos médicos da língua portuguesa, por cuja solução tanto anseia a nossa classe.

Turmas inteiras de médicos deixam os bancos acadêmicos sem saber ao menos como escrever e pronunciar certos vocábulos técnicos. Posso dar meu testemunho pessoal, por isso que, no exercício da cátedra, e em contacto diário com centenas e centenas de estudantes, recolhi queixas de muitos dêles, por não poderem, com razão, decidir sôbre a grafia de certas palavras, desde que seus próprios mestres escreviam de modo diverso, cada qual com suas preferências a respeito da grafia e pronúncia de vários termos médicos.

Tornou-se obrigatório o uso da ortografia resultante do acôrdo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisbôa, em todas as publicações oficiais do país, bem como nos estabelecimentos de ensino mantidos pelos poderes públicos ou por êles fiscalizados. Ficou também decidido que as duas instituições examinarão, em comum, as dúvidas que, de futuro, fôssem suscitadas quanto à ortografia da língua portuguesa.

Está sendo elaborado por uma comissão acadêmica o Vocabulário geral que vai promover a unidade gráfica do idioma falado no Brasil. Ora, as ciências médicas, com suas novas descobertas e contínuas aplicações práticas, sobretudo nos domínios da terapêutica, acrescentam, anualmente, inúmeros termos técnicos ao idioma nacional, havendo necessidade de uma censura capaz de evitar a incorporação definitiva, ao patrimônio da língua, de palavras defeituosas ou incorretas.

“Si as palavras são, de uma maneira geral, a expressão gráfica e fônica das idéias — ensina José Inez Louro — necessário se torna, para que as idéias sejam perfeitamente compreensíveis, que as palavras que as representam sejam bem pronunciadas, e, portanto, bem escritas. Todas as que não satisfaçam a estas condições devem ser substituídas ou corrigidas, pelo menos na medida do possível” (1).

Desde muito tempo, aliás, vem os médicos brasileiros apontando os inúmeros e graves inconvenientes da ausência de um vocabulário oficial da língua portuguesa.

O primeiro a cuidar do assunto foi o ilustre clínico José Francisco da Silva Lima, português de nascimento, e que se tornou por seus trabalhos e iniciativas, ao lado de Paterson e Wucherer, na Baía, um dos precursores da fase autônoma da medicina nacional. A *Gazeta Médica* por êles fundada, em 1866, publicou uma série de artigos de sua autoria sôbre “Glossário médico”, nos quais diz que “o uso constante, quasi privativo da língua francesa, na educação

---

(1) *Questões de linguagem técnica e geral*, 1941, p. 9.

dos médicos brasileiros e portugueses e, em geral, o pouco vulgar ou superficial conhecimento das línguas mortas de onde deriva quasi toda a nomenclatura científica, tem influído desfavoravelmente na prosódia, ortografia e na correção da nossa linguagem profissional, falada ou escrita” (2).

Pedro Antônio Basílio, em 1904, em sua tese inaugural, salientava o valor dos termos técnicos utilizados em medicina, ao apontar os vícios de nossa linguagem médica, ressaltando que, muitas vezes, pela simples feição das palavras, podemos logo ter idéia de certos assuntos, antes mesmo de conhecer sua definição, de acôrdo com a frase de Platão: “O conhecimento das palavras leva ao conhecimento das coisas” (3).

Plácido Barbosa, outro médico ilustre e homem de letras, por várias vezes, em suas obras, considerou importante, na linguagem científica, “a defesa da vernaculidade, clareza, propriedade, concisão, harmonia e correção gramatical, assinalando que, infelizmente, não se pode dizer que o atual discurso médico português, na sua generalidade, esteja de acôrdo com êsses princípios; seu vocabulário tem sido por todas as maneiras poluído: pelo estrangeirismo, pela incorreção gramatical, pelo abuso de palavras, impropriedade, ambiguidade, dissonância e preciosismo” (4).

Filólogo e professor de medicina, o barão Ramiz Galvão insistiu nos males resultantes de tal confusão, pois cada qual grafa as palavras como entende e os próprios glotólogos discutem, sem resultado prático, as vantagens dos sistemas fonético, etimológico e eclético. E dizia: “Quanto aos vocábulos puramente científicos, que só os especialistas conhecem, é para sentir-se que vários apareçam acentuados em flagrante desacôrdo com as quantidades fonéticas das vogais das raízes gregas. Tempo é de pôr termo ao arbítrio prosódico e ortográfico da nossa língua: tempo é de fixar-se de vez a melhor forma, com que devem en-

---

(2) *Gazeta Médica da Baía*, 1893, p. 331.

(3) *Tese da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*, 1904, p. 10.

(4) *Dicionário de Terminologia Médica portuguesa*, Rio, 1917, p. 7.

trar nos nossos dicionários êstes muitíssimos vocábulos novos destinados a representar objetos, aparelhos, idéias também novas — frutos de descobrimentos e investigações recentes” (5).

Outro grande vulto da medicina brasileira, o pediatra Fernandes Figueira, contribuiu para que fôsem esclarecidas muitas dúvidas existentes entre os sabedores do idioma, demonstrando as faltas em que incorremos no emprêgo de vocábulos técnicos aos quais não pertence a acepção que lhes emprestamos. “A tecnologia vigente — acrescentou — sem embargo da origem latina ou helênica, de si mesmo se mostra claudicante, motivo por que considero benemérito o empreendimento que unificasse, para Portugal e Brasil, a linguagem médica. Benemérito e penoso” (6).

Na linguagem científica, os vocábulos devem ser usados com o mesmo cuidado com que o são os símbolos, na matemática. A regra ideal é não empregar duas palavras para exprimir a mesma coisa, nem dar o mesmo nome a duas coisas diferentes. A lição é de Clifford Allbutt, que nos mostra como “a linguagem é o mais precioso dos instrumentos de que dispõe a humanidade; é mistér, porém, que o saibamos manejar com mestria, e que o conservemos com todas as suas qualidades próprias: a pureza do metal, o asseio, o brilho, o gume, a forma... Falar e escrever com acêrto a nossa língua e zelar a sua castidade, é dever de todos nós; a linguagem científica não deslisa dêstes preceitos: para o homem de ciência tão exato e preciso deve ser o raciocínio quanto exata e precisa a expressão falada ou escrita em que êle se exterioriza; o descuidado, o confuso e o impróprio da frase significam certamente o desacêrto e a confusão do pensamento que ela traduz” (7).

Muitos exemplos poderão ser lembrados para documentar os vícios e incorreções da maneira de grafar e pronunciar vários vocábulos de uso comum na linguagem médica, no Brasil. Um dêles bastaria para dar idéia da confusão

---

(5) *Vocabulário das palavras portuguesas*, Rio, 1909, p. XVIII.

(6) *Vocabulário médico francês-português*.

(7) Vide Plácido Barbosa, *op. cit.*, p. 6.

geral em que vivemos: *síndrome*. A palavra é de origem grega e passou para a língua francesa com a forma única: "*la syndrome*". Em nosso idioma, porém, cada qual se arvora com o direito de a empregar de modo diverso, em gênero, tônica e terminação, de acôrdo com suas preferências pessoais, mais ou menos justificadas, de sorte que o estudante de medicina não aprenderá a maneira certa como há de escrever êsse vocábulo. Afrânio Peixoto diz a *síndrome* e Aloysio de Castro a *síndroma*. Miguel Couto não aceita nenhuma das duas formas e explica: "Enquanto espero que os filólogos decidam a grafia e a prosódia desta expressão, eu a vou empregando como dantes, e entre *sindrôma*, *síndroma* e *síndrome*, peço vênia para continuar a dizer o *síndromo*. O grande preceito linguístico que pleiteia a adoção de *síndrome* é que êste vocábulo já existe tal qual constituído no grego: *sundrome*. Derivação, porém, não é transladação. Lá porque a palavra já estava feita e acabada no grego, de acôrdo com a índole da língua, não é o português obrigado a recebê-la intacta, sem respeito à sua própria índole. Aliás, ali mesmo ela é composta de *sun*, com, e *dromos*, carreira. A expressão *síndromo* é, portanto, da mais pura e lídima descendência em linha direta; de *syn* e *dromos* os gregos fizeram *síndrome* e nós fizemos *síndromo*, como já tínhamos feito *pródromo*, *hipódromo*, *homódromo*" (8).

-De Miguel Couto discorda Ramiz Galvão, seu colega de igual autoridade, por isso que professor da Faculdade de Medicina e membro da Academia de Letras: "*Síndrome* é sintoma sem relação com determinada doença. Cândido de Figueiredo acentua *sindrôma* e fá-lo masculino. O uso entre nós é o mesmo: mas cumpre corrigi-lo. O fato de haver em medicina muitos vocábulos em *oma*, paroxítonos e masculinos, por virem de substantivos neutros em *oma*, *omatos*, induziu a êrro os nossos cientistas. Aquí a etimologia está mostrando que o correto é a *síndrome*, ou quando muito

---

(8) *Lições de Clínica Médica*, Rio, 1916, p. 341.

a *síndrome*” (9). Idêntica é a opinião de Plácido Barbosa: “A palavra é do gênero feminino, como no grego, e o acento tônico deve recair na primeira sílaba, ficando a palavra esdrúxula. Seria perdoável fazer a palavra *síndrome* grave ou paroxítone, por analogia com *sintôma*; não é, porém, aconselhável. Compreende-se que o uso popular, com o longo correr dos anos, modifique e altere vocábulos; mas substituir êsse processo evolutivo pela alteração artificial e voluntária do vocábulo, antes do seu uso, e logo ao introduzi-lo na corrente da língua, é absurdo. Pelos mesmos motivos, é igualmente condenável mudar o gênero de *síndrome*, de feminino para masculino, alterando-lhe a terminação para ajustá-la a êsse gênero (*síndromo*); isso é um arbítrio que coisa nenhuma justifica, uma licença que se não apóia em nenhuma regra ou preceito linguístico” (10).

Outra é a maneira do dr. Pedro Antônio Basílio resolver o problema: “Conquanto não seja errônea a forma *síndroma*, todavia preferimos dizer *síndromo* (acentuando a antepenúltima sílaba) por nos parecer mais razoável. Os que empregam a forma *síndroma* podem justificar-se dizendo que ela provém do substantivo grego *sundrome*, da primeira declinação, que quer dizer *encontro*, *concurso*, *afluência*, estando, porém, na obrigação de banir o termo *pródromo* e adotar a forma *prodrôma*, que se deriva de modo análogo do substantivo da primeira declinação grega *prodrome*, que quer dizer ação de “correr na frente, de preceder”. Os que adotam a forma *síndromo* (com acento na antepenúltima sílaba) derivam o termo do grego *sundromos*, que quer dizer: “que corre junto, que se encontra”, e, por coerência, adotam a forma *pródromo*, que provém da palavra grega *pro-dromos*, que quer dizer: corre antes, que precede, anterior. Como acabamos de ver, podemos empregar uma ou outra forma; porém, o que se não pode admitir é a incoerência dos que aqui escrevem *síndroma* e acolá *pródromo*. Devemos, por coerência, dizer

---

(9) *Op. cit.*, p. 551.

(10) *Op. cit.*, p. 440.

*sindrôma*, ou então, o que é melhor, *síndrome* e *pródromo*, assim como dizemos *velódromo* e *hipódromo*" (11).

Também em Portugal não há acôrdo na maneira de escrever e pronunciar a palavra *síndrome*. Cândido de Figueiredo afirma que *sindrôma* não é pronúncia exata: "O o breve do grego *sundrome* ordena que se faça a acentuação tônica na primeira sílaba. Provavelmente, o êrro vem de uma de duas causas: ou a influência de *sintoma*, que toda gente pronuncia bem, porque ali o *o* representa o *ómega* do grego *sumptoma* e, portanto, ordena a acentuação tônica na segunda sílaba; ou a influência da pronúncia francesa, que não conhece esdrúxulos. E, embora a palavra fôsse usada entre os antigos médicos gregos, não veio de lá diretamente para nós, mas, naturalmente, do francês; e, por isso, o êrro prosódico, se não tem absolvição, como creio, tem, pelo menos, atenuantes. À primeira vista, parece, com efeito, que, tendo nós *pródromo*, *hipódromo*, devíamos dizer *síndrome*, visto que o elemento grego *dromos* entra originariamente em todas estas palavras; e *síndrome* seria, se a palavra fôsse formada dos dois elementos gregos *sun* e *dromos*. Mas não fomos nós que a formamos: foram os gregos, os quais apesar de haverem formado *hipodromos* e *prodromos*, termos masculinos, formaram o feminino *sundrome*; os franceses deram-lhe o mesmo gênero e a forma correspondente (*syndrôme*); e não vale a pena, nem nos permitiriam que passássemos por cima dos franceses e dos gregos, formando uma palavra de nossa exclusiva responsabilidade. E, visto que o termo é feminino, em grego e em francês, não se explica bem porque foi que os nossos médicos o fizeram masculino. Talvez a influência de *sintoma*. O bom senso e a razão das coisas aconselham a *síndroma*" (12).

E' em sentido diferente o parecer recente de outro filólogo, o dr. José Inez Louro, também médico, e que se mostra profundo conhecedor dos segredos da língua: "Em

(11) *Op. cit.*, p. 161.

(12) *Vícios da linguagem médica*, Lisboa, 1910, p. 220.

português, tem-se representado correntemente pela forma e pronúncia *sindrôma* e com gênero masculino. Trata-se, porém, de um vocábulo nitidamente incorreto; e, por isso, os linguistas, portugueses e brasileiros, têm procurado corrigi-lo, variando, embora, por vezes, nas opiniões. Pode parecer que a boa forma portuguesa é *síndrome*. Todavia este vocábulo é, fora de todas as dúvidas, incorreto". Depois de justificar, longa e documentadamente, suas divergências com outros médicos e glotólogos do Brasil e de Portugal, o autor acrescenta: "Não dizemos isto por simples vontade de discordarmos de Cândido Figueiredo, Ramiz Galvão, Plácido Barbosa, Francisco Tourinha e Júlio Dantas; dizêmo-lo porque assim manda a verdade e a analogia". E logo conclue: "Em suma, dada a palavra grega *sundrome* (inadequada na acepção do termo médico atual) o seu correto aportuguesamento seria *síndromã*, feminino; mas, pelas razões semânticas, muito mais filológico será, segundo cremos, tirar a palavra do grego *síndromos*, que dará para português *síndromo*, masculino. Esta, além de apresentar um significado etimológico mais compatível com o sentido atual e de ser correta na forma, na pronúncia e no gênero, tem a vantagem de ficar idêntica ao consagra-díssimo *pródromo* (com o qual se identifica também pela natureza do significado) e a outras cognatas, *aeródromo*, *hipódromo*, etc." (13).

A palavra *síndrome* é exemplo característico da confusão existente em matéria de grafia e prosódia na linguagem médica portuguesa.

Há, porém, inconvenientes de mais graves consequências para o exercício de nossa profissão, tendo em vista que certos vocábulos são utilizados, indiferentemente, para traduzir lesões e doenças de origens diversas. O caso mais flagrante e difícil de ser resolvido é o do termo *cancro*. A princípio, a palavra significava apenas ulceração que se estendia e complicava, sem tendências à cicatrização. Era principalmente o chamado cancro venéreo, sifilítico, tam-

---

(13) *Questões de linguagem técnica e geral*, Pôrto, 1941, p. 364.

bém designado pelo nome de cancro duro. Foi conhecido, depois, o cancro mole, consequência da infecção pelo bacilo de Ducrey, donde o cancro mixto, expressão empregada para traduzir, na mesma lesão, a presença das duas doenças, sem falar no cancro fagedênico, complicação devida ao aparecimento do fagedenismo. Por outro lado, conhecíamos os tumores de caráter maligno, isto é, o *câncer*, agora dispondo de denominações científicas mais precisas, embora entre os técnicos a palavra *cancro* ainda esteja sendo empregada nesse sentido. Com o tempo, porém, a expressão *cancro* teve significado mais lato e se alargou de tal modo seu sentido que hoje, em patologia médica, a palavra pode ser empregada com o fim de assinalar a porta de entrada de uma infecção do organismo, seja ela qual fôr, de tal modo que são as verdadeiras, do ponto de vista científico e técnico, estas expressões à primeira vista absurdas: cancro tuberculoso e cancro leproso.

Existem muitos outros vocábulos duvidosos que perturbam e dificultam a linguagem técnica dos médicos, no Brasil, acarretando discussões intermináveis, sem que se chegue a resolver, em definitivo, todas as dúvidas suscitadas.

*Tireóide* ou *tiróide* é questão que precisa ser esclarecida, em nosso vocabulário profissional. Na reunião da Comissão encarregada pela Academia de Letras de elaborar seu Dicionário, em 24 de abril de 1930, foi lido e aprovado o parecer de Medeiros e Albuquerque propondo a grafia *tiróide*. Na "Revista da Academia", de outubro de 1931, insiste êsse acadêmico em seu ponto de vista. Seu colega Ramiz Galvão, também membro da referida Comissão e autor de um "Vocabulário das palavras portuguesas derivadas da língua grega", sustenta que é certa a grafia *tireóide*, de acôrdo com a etimologia admitida por Littré, em seu "Dicionário da língua francesa". E informa que a derivação de *thyreos* bem poucos contestam, porque os próprios advogados da errada forma *tiróide* raramente cometem o absurdo de dar à famosa cartilagem a semelhança de uma porta (em grego *thyra*). "Já lá vai mais de meio

século que estudei Anatomia, em nossa velha e gloriosa Escola de Medicina — diz Ramiz Galvão — e o que aprendi dos meus mestres Souza Fontes, Teixeira da Rocha e Andrade Pertence foi isto: que a então chamada *tiróide* é a maior das cartilagens do laringe, situada na sua parte anterior e formada por duas lâminas quadriláteras, que, pela sua junção, produzem o ângulo diedro saliente, voltado para fóra e vulgarmente chamado o “pomo de Adão” ou nó da garganta. Que há nela que se pareça com uma porta? Absolutamente nada”. Depois de citar o parecer de ilustres médicos brasileiros, como Francisco de Castro, Plácido Barbosa, e a opinião dos dicionaristas portuguêses Cândido Figueiredo, Silva Bastos e Adolfo Coelho, conclue Ramiz Galvão por afirmar que “a palavra deriva de *thyreos* (escudete) e não de *thyra* (porta), sendo evidente a necessidade de corrigir, na linguagem científica, quaisquer erros, por inalterados que pareçam e particularmente quando tais erros induzem a noções falsas” (14).

Medeiros e Albuquerque voltou a defender seu primitivo modo de pensar, mostrando que a Academia Francesa, em edição posterior ao Dicionário de Littré, continua desconhecendo a forma *tireóide*. E cita mestres de medicina do renome de Tôrres Homem e Martins Costa, partidários da expressão *tiróide*, aceita em outras línguas como espanhol, italiano e inglês, sendo a grafia admitida na “Enciclopédia Britânica”. Nos Estados Unidos, os maiores especialistas que trataram do assunto, como o cirurgião Crile e o fisiologista Cannon, só utilizam esta expressão: *thyroid gland*. Insiste o jornalista em reafirmar sua convicção de que é duvidosa a derivação de *thyreos*, pois ela foi rejeitada por numerosas autoridades lexicográficas, entre as quais estão a Academia Espanhola, Darmestete, Espasa e Webster. E conclue: “Mesmo que a etimologia duvidosíssima de *tyreos* fôsse exata, isso não seria motivo para não simplificar a palavra, suprimindo-lhe o hiato: é o que fazem vários dicionaristas que, embora admitindo aquela

---

(14) *Tireóide ou tiróide?* “Revista da Academia”, 1932, vol. 38, p. 186.

etimologia, escrevem a palavra sem *e*, forma que o sr. João Ribeiro e, com êle, toda a Comissão do Dicionário da Academia adotou" (15).

Ouviu-se também, nesse debate, a voz autorizada de Paulo Mangabeira-Albernaz, laringologista baiano que professa a especialidade na Escola Paulista de Medicina, também para contestar a procedência da grafia *tireóide*. Revelou-se êsse médico perfeito conhecedor dos problemas de filologia e como tem o gôsto da polêmica, volta a discutir, agora, com o eminente professor Pirajá da Silva, a propósito de outro termo médico e a respeito desta nota recente do mestre baiano: "Como no Brasil, em matéria de ortografia, ninguém se entende, tenho o direito de escrever como me parece mais certo, ou melhor. No meu próprio interesse, devo fazer de modo a não lerem uma coisa por outra. Nesse particular, procuro seguir a ortografia simplificada de Gonçalves Viana e Cândido de Figueiredo, portugueses, e Portugal é a nossa mãe-pátria. Não há, portanto, nenhum impatriotismo nisso. E aquele último filólogo afirmou que a linguagem científica também podia e devia ser simplificada. Assim, entre *schystósomo*, *eschysthosôma*, (o grupo *ch* com o som *duro* *q*), e muitas outras formas, eu prefiro, simplesmente, *xistosomo*, que se me afigura uma pronúncia corrente."

Do trabalho interessante e documentado de autoria do dr. Mangabeira-Albernaz, é fácil de apreciar que também aqui reina a discórdia. Cesar Martins Pirajá escreve *schistosomase*, enquanto Arthur Neiva e Prado Valadares grafam *esquistosomose*. Lutz e Ramiz Galvão dão preferência a *eschistosomo*. Antenor Nascentes manda aceitar *esquistosoma* e o "Vocabulário da Academia de Lisboa" *xistossomo*. A forma *esquistossomo*, com dois *ss*, é aceita por José Inez Louro. Será difícil tomar posição definitiva entre tantas maneiras de considerar a grafia desta palavra. O pro-

---

(15) *Tiróide e não tireóide*, "Revista da Academia", 1932, vol. 38, p. 186.

fessor de São Paulo, entretanto, pôde, ainda assim, concluir: “Diante do que se acaba de ler, vê-se que não cabe razão ao ilustre colega em escrever *chistosomose*, adotando o errado para desprezar o certo que é *esquistosomose*” (16).

Outros médicos brasileiros têm procurado, em seus escritos e publicações, com mais ou menos brilho, ressaltar os inconvenientes da situação em que nos encontramos.

Mas não é só no Brasil que se reconhece a necessidade urgente de uniformização da linguagem técnica. Ouçamos o depoimento de Júlio Dantas, que é uma das mais representativas figuras portuguesas da ciência e da literatura: “Em Portugal — devo confessá-lo desde já — a anarquia das tecnologias médicas é evidente. Creio, mesmo, que a nossa literatura médica e para-médica leva a palma a todas as outras, não digo na desordem etimológica, porque não possuímos, neste domínio, uma literatura original, sempre função de uma intensiva criação de ciência (e, não criando ciência nova, não precisamos de construir, por nossa conta, palavras novas), mas na desordem ortográfica e prosódica, provavelmente da irreflexão, com que transplantamos para a língua portuguesa os neologismos da literatura médica francesa, alemã e italiana, e da falta de uma superior censura acadêmica, que fiscalize e depure as imperfeições das nossas tecnologias. Os vícios da linguagem médica, geralmente usada, quer nas lições magistrais, quer na diturna prática profissional, quer, ainda, na literatura da especialidade, são filhos de uma indisciplina que me parece, até certo ponto, fácil de corrigir. O que caracteriza esses vícios é, sobretudo, a carência de uniformidade. Os mesmos étimos, constitutivos de formações de vocábulos análogos, são umas vezes escritos e pronunciados de outras; nuns casos, a raiz grega adapta-se à índole vernácula, noutros, fixa-se na forma francesa, de cuja literatura a nossa é manifestamente subsidiária; vocábulos de composição semelhante, ora são paroxítonos, ora são esdrúxulos;

---

(16) *Mais uma questão de linguagem médica*, “Publicações Médicas”, 1942, n. 10, p. 63.

radicais masculinos transformam-se em femininos e femininos em masculinos; às vezes, a mesma palavra técnica muda de grafia e de pronúncia, conforme o médico que a emprega se formou em Coimbra ou em Lisboa. Seriam inúmeros os casos, se eu quisesse apontá-los a todos. Ao passo que escrevemos e pronunciamos "neurastenia", pronunciamos e escrevemos "nevrótico" e "nevrite"; o mesmo médico que diz "períneu" escreve "peritonêo"; ouço dizer a mestres, com a mesma imperturbável convicção, "anemia" e "leucémia", "psiquiatria" e "neurologia", "dispepsia" e "dislália". Abro um livro médico português, e vejo numa página "maníaco", noutra "dipsómano" e "morfinómano"; o mesmo professor, que hoje escreve o "osso etmóide", fala amanhã do "corpo tiroidêu"; não há um só profissional clínico que não diga "o síndrome", quando rigorosamente (e essa lição nos dão os médicos brasileiros) se deve dizer *a síndrome*; e um doente, que, em Lisboa, quebra o "peróneo" tem razão para se admirar quando lhe afirmam, em Coimbra, que fraturou o "peronêu".

Si a distância mínima que vai de Lisboa a Coimbra é suficiente para explicar a mudança na maneira de falar dos médicos portugueses em relação com os termos técnicos de uso diário na vida profissional, com maioria de razão se explica o mesmo fato, no Brasil, onde é imensa a extensão do território nacional e variadas as influências do meio, do clima, das raças.

Daí o interesse de estudar e recolher os elementos da linguagem popular. Afrânio Peixoto nos ensina que "o dicionário averba todas as vozes da língua, autorizadas pela consagração dos doutos e pela divulgação do povo. As linguagens especiais, que não cabem na primeira e não encontram muita vez acolhimento no último, revelam, entretanto, documentos etnográficos incomparáveis, porque numa palavra ou num modo de dizer vai uma história talvez mais longa e fiel que em muita presumida narrativa. No Brasil, haveria muito que recolher de vocabulários especiais do rancheiro, do vaqueiro, do trapeiro, do garimpeiro, do gaúcho... do campo e da cidade. E' o que empreendemos,

reunindo algumas vozes e expressões relativas à saúde, à doença, à morte, correntes na medicina popular” (17).

Fernando São Paulo coligiu, pacientemente, no interior do Estado da Baía, material precioso que, em grande parte, não figurava em nossos dicionários clássicos, enriquecendo o tesouro dos brasileirismos e simplificando a vida profissional dos médicos de sua terra. Informa o mestre baiano “que, na esfera da medicina, numerosíssimas palavras peculiares a determinados sítios são ignoradas em outras paragens. Não escasseam, mesmo, termos e locuções de sentido inteiramente diverso, nesta ou naquela região. Por exemplo: a parotidite aguda epidêmica é “papeira” no Norte, é “cachumba” no Sul, convindo notar que “papeira” em Minas e regiões vizinhas diz respeito ao “bócio”. No Ceará, o conhecido termo “piloira” significa *vertigem*, *lipotímia* ou *síncope*. Pois bem, Carlos Teschauer subscreve o pensar de Honorato Faustino, o qual assegura que “piloira” no Norte do Brasil é “acesso de loucura”. A comentários curiosos se prestariam outras palavras, locuções e frases, responsáveis por dubiedades e inexatidões: empalermado, espinhela caída, arca aberta.” E conclue o professor Fernando São Paulo: “Haja orientação disciplinada nas análises mencionadas, e magníficos serão os apontamentos ambicionados. Com isso, lucrarão a Semiologia, a Clínica, a Terapêutica” (18).

No que diz respeito com os neologismos, também é preciso encontrar uma saída para nossa situação que é desanimadora, pois continuamos aceitando inúmeros vocábulos esquisitos e complicados que nos exportam as línguas estrangeiras, sem qualquer restrição ou censura, afim de escolher, previamente, termos vernáculos já existentes na língua, em boas condições de traduzir idéias e fatos novos. Usamos, despreocupadamente, os galicismos, *pleurisia*, *surmenage*, *flambage*, *frottis*, repicar, sévrage, secretar, écran, poussée, crèche, badigeonnage, *calote*, *courbature*, *délivrance*,

---

(17) *Notas sobre o vocabulário médico popular no Brasil*, “Revista da Academia de Letras”, 1912, p. 329.

(18) *Linguagem médica popular no Brasil*, Rio, 1935, p. 16.

*entorse, morgue*, e tantas outras palavras que têm equivalentes e de boa origem no vernáculo.

Por outro lado, as novas conquistas da medicina exigem palavras novas, e nem sempre os autores das descobertas científicas conseguem batizar com acêrto os filhos de suas próprias idéias.

Há grande balbúrdia, por exemplo, no capítulo da radiologia, pois o termo *radioterapia* é empregado, indiferentemente, para significar o tratamento pelos raios X e pelo rádio, dois métodos terapêuticos completamente diferentes. Além de *radiografia*, conhecíamos os termos *roentgenfotografia* e *foto-fluoroscopia* para significar a fotografia da imagem radiológica. Surgiu a nova técnica descoberta pelo radiologista brasileiro Manuel de Abreu, da fotografia em série, e por meio de filmes, da imagem radioscópica, que se chamou de *fluorografia*. Mas há outras tentativas de filmagem do "écran" fluoroscópico, por meio da cine-radiografia, técnica que pode ser utilizada de duas maneiras distintas, direta e indireta, cada qual devendo receber nomes diversos.

Para não continuarmos a poluir o idioma nacional com tantas expressões espúrias e híbridas, escutemos a lição de Plácido Barbosa: "Em uma língua tão rica como a portuguesa, da qual bem podemos dizer que coisa nenhuma existe que já não tenha um termo exato que a nomeie, devemos olhar de través para êsses vocábulos mal metidos na linguagem, que por sua origem estranha ferem a pureza e o gênio da língua, que não obedecem, na sua formação e derivação, aos preceitos usuais, cuja adoção não se justifica, nem pela necessidade, nem pela analogia, nem pela propriedade, nem pela beleza" (19).

Quem consulta livros de medicina de autores ingleses, franceses, italianos, alemães ou espanhóis, só em casos raros encontrará termos estranhos à língua ou palavras grafadas de maneiras diversas, e muito menos vocábulos com acentuação incerta ou duvidosa. Porque não poderemos,

---

(19) *Jornal do Comércio*, Rio, setembro de 1901.

também nós, uniformizar a tecnologia médica da língua portuguesa?

Vai bem adiantada a elaboração de nosso Vocabulário Ortográfico, obra para que tanto contribue a Academia Brasileira de Letras. E' preciso não desprezar, porém, o concurso dos técnicos, inclusive dos médicos, afim de que a uniformização empreendida abranja o vastissimo vocabulário de que se servem, quotidianamente, no exercício da profissão.

Exatamente há meio século, Silva Lima, na Baía, ao referir-se ao "Dicionário das Ciências Médicas" do dr. Lima Leitão, deixado por acabar, escrevia palavras oportunas de reviver: "Mas isto não é obra que ouse tentar um homem só, por mais esforçado que seja de ânimo, e rico de cabedal científico e de essencial erudição, hoje que os rápidos progressos das ciências médicas e das suas auxiliares têm multiplicado a respectiva terminologia muito além de quaisquer previsões que pudesse ter o douto iniciador do vocabulário começado em 1891. E êle viveu, ainda, quinze anos e não o pôde acabar. Trabalhemos nós outros, seus sucessores, no mesmo intento, em Portugal e no Brasil, para ajuntar os materiais que cada qual puder fornecer. Alguém no futuro os aperfeiçoará, traçará o plano da obra, e dividido o trabalho levantará o edificio com o concurso de bons operários, cada um segundo as suas aptidões e competência."

Essa obra vai, certamente, resultar dos trabalhos conjugados dos técnicos do Ministério de Educação com os membros da Academia de Letras, não devendo, entretanto, ser esquecida a cooperação dos médicos que, por seus conhecimentos especializados, tanto podem contribuir para auxiliar tarefa de importância vital para o exercício da profissão.

## EUCLIDES DA CUNHA E RIO-BRANCO

FRANCISCO VENÂNCIO FILHO.

As relações entre Rio-Branco e Euclides da Cunha vieram da missão do Purús. E' certo que já se conheciam, como era inevitável, de antes. Publicados *Os Sertões*, a fama que inopinadamente surgiu fez Euclides candidato à Academia Brasileira, logo à primeira vaga ocorrida, a de Valentim Magalhães, na cadeira de Castro Alves. Como nada para êle era somenos, o pleito acadêmico preocupa-o antes e durante. Imagina candidatos que não se inscrevem, como Quintino Bocaiuva e teme os que concorrem. Por isso escreve constantemente aos amigos, após as cartas que, para êle, não são protocolares. De Rio-Branco vem-lhe resposta animadora, à que lhe dirigira.

Eis as duas cartas, inéditas, conservadas nos arquivos do Itamarati:

"Lorena, 9/7/903.

Exmo. Sr. Barão do Rio-Branco.

Saudando respeitosamente a V. Excia. tenho a honra de solicitar o seu voto na próxima eleição que se realizará na Academia de Letras, para o preenchimento da vaga originada pelo lamentável passamento do nosso distinto compatriota Valentim Magalhães.

Subscrevo-me com a mais elevada consideração

De V. Excia.  
compatriota cr.º at.º e vend.º  
EUCLYDES DA CUNHA."

“Lorena, 17/7/903.

Exmo. Sr. Barão do Rio-Branco.

Apresso-me em responder a carta em que V. Excia. tão generosamente me oferece o honrosíssimo amparo de seu sufrágio à minha candidatura à Academia Brasileira de Letras. E com a mais completa franqueza declaro a V. Excia. que se por acaso eu desejasse qualquer recompensa pelos serviços que tentei prestar à nossa terra, escrevendo *Os Sertões*, não poderia tê-la maior, mais valiosa e mais digna do que aquela carta, que hei de sempre guardar como um verdadeiro prêmio.

Creia o meu venerando compatriota na elevada consideração e decidido apêgo de seu

Cr.º At.º obrd.º e muito admirador  
EUCLYDES DA CUNHA.”

Feita a eleição, a 21 de setembro de 1903, diz, ufano e contente, ao Pai, que entre os votos que lograra estavam o de Machado de Assis e Rio-Branco.

Na vida, afanosa e rude, de longas e penosas viagens, as suas relações com Rio-Branco não se prolongaram. A crise cíclica do café, em 1903, fez que se reduzissem os vencimentos do funcionalismo e Euclides procura novo rumo à vida incerta. E', assim, nomeado Engenheiro da Comissão de Saneamento de Santos, dirigida pelo dr. José Rebouças, em 15 de janeiro de 1904.

Pouco tempo aí permanece. O gênio áspero de ambos incompatibilizam-nos em pouco e, em abril, demite-se. Em Guarujá vai encontrá-lo desesperado aquela amizade evangélica de Francisco Escobar, que lhe “aparece de surpresa, na sua vivenda de filósofo, como um irmão”. Euclides, que tinha o gôsto do ascetismo, que a imaginação e a dignidade ampliavam, diz-lhe em atitude romântica que não pediria emprêgo a “essa gente”; reduziria o que tinha ainda para o sustento da família e morreria de fome...

Já antes Coelho Neto fizera-o procurar Lauro Müller, seu condiscípulo da Escola Militar, e a aventura êle a traduz nesta carta, que merece recordação:

“Rio, 22/4/1904.

Coelho Neto. — Tens razão. Li a tua carta e, para logo, rompendo com um propósito que me parecia inflexível, procurei o Lauro Müller e pedi um emprego. Aquele velho companheiro, com enorme surpresa minha, — tão destemperados andam os homens e os tempos! — recebeu-me admiravelmente. Não era o ministro, era o antigo companheiro de ideal, o sócio daqueles estupendos sonhos de mocidade (*ó República!*...) que não sei mais onde existem. Mas antepõe-se um obstáculo grave: a legião inumerável de engenheiros desempregados, que entopem as escadas das secretarias. Não imaginas o que eu vi. Vê si concebes, de momento, com o melhor da tua fantasia, o quadro de uma espécie de “Ensilhamento da Miséria”. Há em cada caracol das escadas que levam aos gabinetes dos ministros uma espiral de Dante. Considera agora isto: eu entrei por uma delas; ninguém me conhecia; esquecera-me a preliminar de um cartão, de um empenho; de sorte que, a breve trecho, no apertão dos candidatos afoitos, capazes de pagarem com dois anos de vida cada degrau da subida, me vi frechado de olhares rancorosos... Estaquei, arfando, espetado, em pleno peito, por um cotovelo, rígido e duro, de concorrente indomável; não ouvi o trágico ranger de dentes; ouvi grunhidos. Quis voltar; impossível: não havia romper-se a falange que se unia, em baixo, inteiriça, ombros colados como os dos suíços medievais na hora da batalha. Tirei desesperadamente o lenço e amaldiçoei-te, ó homem, que, a cem léguas de distância, com um movimento da pena e um bater do coração, me atiravas naquela cisalhagem de almas, de músculos e de nervos! Mas naquele instante alvorou um rosto amigo e desconhecido e, logo após, sacudida por um gesto, que roçou um impertinente “cavaignac” vizinho, como a asa de um pássaro num capão de mato, uma pergunta: — E’ o sr...? O “cavaignac” contemplou-me curioso, um sujeito gordo e tressuante por sua vez recuou, e na face cheia espalmou-se-lhe um sorriso; um outro, também gordo (a que mais podem aspirar êstes homens? Noto que na sua maioria os candidatos são repletos de carnes) fez o milagre de afastar-se um pouco... e num minuto, nem sei como isso foi, estava lá em cima. Lá em cima empolgou-me a vaidade, porque, em verdade, quem me levava até lá, com tanta facilidade, fôra o Euclides da Cunha! — Estas tolices encandalosas só se dizem aos irmãos. — Em resumo, volto amanhã para Guarujá, já repleto de esperanças; e conto que dentro de 2 ou 3 meses estarei restituído à

engenharia. Tenho a boa vontade incondicional dos dois Lauros — Müller e Sodré, além de muitos outros. Mas como não poderei ficar inativo (repito: a minha demissão foi uma cartada no vácuo; preciso trabalhar já e já), aceitei o convite que me fez o Lage para escrever n' "O País". Escreverei também n' "O Estado". Mas tudo isto é provisório. — Conversaremos melhor depois. — Recomenda-me aos teus e aos bons amigos de Campinas. — Abraço-te.

EUCLYDES DA CUNHA."

Por isso não repetirá a tentativa ousada e humilhante. Escreve, por essa época para 1.º de maio, no "O Estado de S. Paulo", aquele artigo, mais tarde apelidado "Um velho problema", em que pinta, em côres solares de raro brilho, o eterno problema social. "O direito de roubo, compromisso com a miséria", exposto sinceramente, não diria a ninguém que nas águas profundas atumultuavam mágoas pessoais...

Mas, a serenidade de Escobar, com a voz mansa e maternal, acalma-o. Sugere a possibilidade de conseguir um lugar nas comissões de limites que se iriam constituir, em virtude do tratado de Petrópolis. Não seria favor, mas serviço a prestar ao país. A fôrça de coração, esclarecida pela razão, vence o propósito teimoso e absurdo.

Euclides escreve a Oliveira Lima, a quem já se ligara por sólida estima, que lhe responde a 22 de junho de 1904.

"Rio, H. dos Estrangeiros, 22 de junho 1904.

Meu caro confrade e amigo dr. Euclides da Cunha.

Recebi com particular prazer sua carta de 18 do corrente. Felicito a nossa literatura pela sua resolução: vai ela com certeza ganhar por êsse meio outros livros originaes e fortes como os seus *Sertões*.

Estou pessoalmente inibido por motivo que seria muito longo e em parte indiscreto narrar, a fazer qualquer pedido ao barão do Rio-Branco. Verdade é que no seu caso não se trata de um pedido, antes de um oferecimento, que o barão, estou certo, acolherá com a maior satisfação e êle e os colegas aceitarão com as mãos ambas, pois conheço o elevado conceito que êle faz de sua pessoa e méri-

tos. Li, porém, sua carta ao nosso confrade e amigo José Veríssimo, pedindo-lhe para encarregar-se de transmitir ao barão o seu desejo, o que êle fará assim que o barão desça de Petrópolis, procurando-o especialmente para êsse fim. O J. Veríssimo, como eu, aplaude sua deliberação por causa do interêsse literário e científico que a ela se prende, e como eu entende que o barão, ou por outra, o govêrno, estimará sobremaneira deparar com êsse oferecimento de seus serviços. Como vê, não é pouca vontade de o servir que me leva a não falar ao próprio barão, nem tampouco é falta dêle para comigo, pois tratou-me sempre com muita cortesia. E' apenas um escrúpulo que julgo justificado e ditado pelas circunstâncias.

Feito, aliás, o pedido pelo José Veríssimo, na primeira vez em que estiver com o barão, hei de referir a sua carta e encarecer como de razão o seu generoso oferecimento, pois assim o devo qualificar, nas condições sobretudo em que o senhor o faz.

Não duvido de que o barão saberá acolhê-lo e apreciá-lo como deve. Transmitir-lhe-ei o que entre nós se disser e o que se tiver passado entre o Rio-Branco e o Veríssimo. Com todos os meus votos de boa saúde e felicidades, creia-me sempre

seu mt.º cordialmente

M. DE OLIVEIRA LIMA."

O Chanceler do Itamarati acolhe, como de esperar, com simpatia a lembrança, e incumbe Domicio da Gama das providências de entendimento.

A entrevista entre Rio-Branco e Euclides foi narrada com bom gôsto e brilho pelo amigo comum. No Palácio de Westfália, em Petrópolis, os dois grandes espiritos conversaram longamente, esquecidos do propósito que ali os tinha. Ao têrmo, Euclides fôra convidado, não para auxiliar, mas para Chefe de uma das comissões.

Era do mesmo passo satisfação de velho sonho, a longo trecho acariciado, êste de ver a Amazônia. Por mais de uma vez a conquista das terras longínquas do extremo norte do Brasil tinha merecido seu cuidado e o desejo de vê-las. Disse-o, em carta, a Luiz Cruls, seu velho mestre e amigo.

Regressa a Santos, a aguardar a nomeação. A demora das providências burocráticas não se ajusta às impaciên-

cias de quem espera. Os despachos presidenciais se intervalam de semanas, que semelham séculos, na angústia da ansiedade. Afinal, chega a 9 de agosto o telegrama esperado, de Oliveira Lima:

“Acabo falar, diretamente. Satisfeitos desejos. Será assinado até 12. Guarde inteira reserva.”

E, nomeado, ainda espera os preparativos indispensáveis à missão, como fôsem, designação dos auxiliares e documentação indispensável. As duas comissões teriam a seu cargo o reconhecimento do Purús e do Juruá. Esta foi confiada à chefia do General Belarmino de Mendonça e a outra a Euclides da Cunha.

Conforme velho hábito procura desde logo se documentar de tudo o que se referia à Amazônia. O relatório de William Chandless, o notável geógrafo da Sociedade de Londres, que percorrera o Purús, em 1866, é devorado linha a linha. E toda a imensa literatura acessível é posta em disposição. E sonha com a imersão no seu “*deserto bravo e salvador*”, com o ânimo de “*caçador de perigos*” e naquela “*eterna ânsia de ser útil à nossa terra, que merece tudo*”, consoante expansão íntima.

Veem da Amazônia as cartas mais expressivas de Euclides a Rio-Branco, revelando a admiração respeitosa pelo Chefe e ao mesmo tempo os cuidados, os escrúpulos, a exactidão em cumprir, sem medir sacrifícios, a missão que lhe fôra confiada.

Por elas perpassam as angústias, as dificuldades, os perigos a vencer, mas também, nítida, a confiança no êxito da empresa que se ultimaria, como de fato se deu, sob o pêso de quaisquer sacrifícios.

Eis a de 10 de março, dando conta dos primeiros preparativos.

“Manaus, 10 de março de 1905.

Exmo. Sr. Barão do Rio-Branco.

Saúdo a V. Excia., e confirmo o meu telegrama de ante-ontem no qual declarei, respondendo ao que V. Excia. teve a bondade

de enviar-me, que a diminuição forçada da verba suplementar de cincoenta contos, que eu requisitara, não constituiu impedimento à nossa partida, embora aumentasse as dificuldades que nos rodeiam. Pela comunicação oficial que hoje envio ao Exmo. Sr. Visconde de Cabo-Frio, verá V. Excia. documentados, os fundamentos da minha afirmativa. Realmente, satisfeitas todas as despesas que já fizemos e todas as que temos de fazer — em que se incluem os vencimentos de todo o pessoal até ao fim de março, compra de lancha, batelão e canoas, etc., — ainda nos restará a quantia de quarenta contos livres com os quais hei de fazer face a muitos imprevistos e aos gastos da navegação, orçados, aproximadamente em 200\$000 por dia.

De qualquer modo estou em condições de seguir e é bem possível que ao receber V. Excia. esta carta já esteja a comissão em marcha. Temo apenas que se retardem de mais os reparos da lancha peruana, e que o dever de aguardá-la faça que se percam alguns dias. Prevendo êste contratempo, tenho — respeitadas todas as exigências das nossas relações obrigatoriamente cerimoniosas — insistido com o Comandante Alex. Buenano, chefe da Com. peruana do Purús, para que se ativem aqueles reparos e de acôrdo com o que êle me tem prometido, espero que estejamos todos prontos na data conveniente, isto é, quatro ou cinco dias depois do recebimento das nossas instruções.

Já vamos um pouco tarde — em plena vazante — e certo deparamos tropeços que não teríamos se houvéssemos seguido em janeiro, como sempre pensei. A bôca do Chandless será talvez, o mais remoto ponto que alcançamos com a navegação em lancha, e dali a montante teremos de prosseguir em canoa, muito vagorosamente. Preví, porém, todas as dificuldades. Caso me seja fornecida em tempo a lancha da marinha (de 2 pés apenas de calado) que aquí existe, poderei contar com muitos quilômetros mais de navegação a vapor, facilitando consideravelmente os trabalhos. Não tive, porém, até agora, resposta do telegrama que neste sentido passei a V. Excia. Mas ainda que não obtenha aquela embarcação julgo ainda praticável o reconhecimento e adotei para isto todas as medidas que fôra longo minudear, garantidoras do êxito desejado.

Antes de partir escreverei a V. Excia. Darei então mais amplos esclarecimentos sôbre a nossa situação real.

Envio a V. Excia., em meu nome e no de todos os compa-

nheiros, respeitosa saudações, e subscrevo-me sempre com a mais elevada consideração.

De V. Excia.  
Comp.º Crd.º At.º e vend.º  
EUCLYDES DA CUNHA.

P. S. Dei à lancha e ao batelão os nomes de “Cunha Gomes” e “Chandless”, justa homenagem aos abnegados exploradores do Javari e do Purús.”

A 20, completa as informações.

“Manaus, 20 de março de 1905.

Exmo. Sr. Barão do Rio-Branco.

Cumprimento a V. Excia. e exponho os pontos essenciais de nossa situação, nas vésperas da nossa partida. Conforme as minhas comunicações anteriores, organizei a expedição de acôrdo com o restrito da verba que me coube e determinação expressa de V. Excia. Assim, o nosso material flutuante, composto de uma lancha a vapor (a parte a da marinha que ainda não está em nosso poder) um batelão e seis canoas, está pronta e tenho certeza que bastará às exigências principais da navegação a efetuar-se, embora sem o confôrto e melhores requisitos que teria se despuséssemos de maiores recursos.

Noto, felizmente, da parte dos companheiros boa vontade e ânimo capazes de compensarem tais desvantagens, e conservo, por isto, a antiga segurança de êxito que sempre tive.

Infelizmente, porém, seguimos já muito tardiamente — em plena vazante, de sorte que, atendendo à circunstância imperiosíssima do tempo que temos de reaver, e tendo de harmonizá-las com as instruções recém-chegadas — não poderão efetuar-se os trabalhos de reconhecimento hidrográficos, com a continuidade indispensável. Explicando melhor: para executar desde já aquela operação seria mistér que viajássemos sòmente durante o dia, o que duplicará o tempo de nossa chegada ao *terminus* da navegação regular, por maneira a torná-la inatingível nesta estação. Resolvemos, por isto navegar dia e noite, fazendo durante o dia as observações necessárias, registrando os trechos estudados, e deixando para a volta, em que poderemos viajar sòmente durante o dia, o encargo de uma revisão geral calcada sôbre a carta de W. Chan-

dless, na qual se farão as correções e ampliações que comportar. E' a solução única imposta pelas circunstâncias: e de modo algum ela afetará o rigorismo dos trabalhos, desde que tanto na ida, como na volta, se fixem astronômicamente, os pontos principais do rio. Além disto, como evidentemente as posições geográficas dependem, sobretudo, do estado dos cronômetros, e o acidentado da viagem perturbará bastante a marcha daqueles, impõem-se muitas paradas obrigatórias para determinação de sucessivos estados absolutos. Também como meio único de reduzir a extensa série de causas perturbadoras, e inevitáveis erros decorrentes de transporte cronométrico, devem-se multiplicar tanto quanto possível as observações em caminho de modo que as diferenças de longitudes, sucessivamente adquiridas, muito aproximadamente, fecultem maior exatidão nos resultados gerais, mercê de uma larga subdivisão das causas perturbadoras. Justifico assim o alvitre acima exposto visando aproveitar um tempo que nos é tão evidentemente escasso.

Ulteriormente farei uma resenha das dificuldades que aquí se nos antolham para a organização definitiva da partida. Pormenorizá-las agora seria tomar a V. Excia. um tempo, que sei preciosíssimo e dedicado a muitas outras questões. Limito-me, por isto, à apresentação daquele traçado plenamente geral da nossa marcha e dos nossos trabalhos. Em caminho, sempre que puder e houver matéria digna de nota, escreverei a V. Excia., tendo bem presente a recomendação verbal que aí me fez.

Apresentando os meus protestos da maior consideração subscrevo-me

De V. Excia.

Compatriota cr.º e am.º ob.º

EUCLYDES DA CUNHA."

De Novo-Lugar, talvez a mais preciosa destas mensagens, de pleno deserto, na solidão empantanada da selva, mas sempre com o mesmo vigor de bravura e dedicação.

"Novo-Lugar (Acampamento provisório da Comissão administrativa do Alto-Purús), em 5 de junho de 1905.

Exmo. Sr. Barão do Rio-Branco.

Cumprimento a V. Excia. e tenho a honra de lhe comunicar que cheguei ontem aquí, vindo da bôca do Chandless de onde partí,

com a comissão peruana, no dia 30 de maio, ao meio-dia. Fez-se a travessia mais rapidamente do que eu imaginava considerando-se a morosidade das canoas de voga e as paradas obrigatórias para o levantamento feito a princípio com a luneta de Lugeol e a bússola. Nenhum incidente desagradável, à parte os tropeços naturais que se prevêm.

No dia 3 encontrámos, abarracados à margem esquerda do rio, a Comissão administrativa peruana, perto do ponto em que encaihou a lancha "Phenix" que lhe conduzia os materiais.

Nada, ali, recordava um acampamento militar. Os soldados, alojados em cabanas de paxiúba feitas às pressas no chão mal destocado de uma derrubada recente, lembravam uma turma de caucheiros, vestidos de todos os modos e num abandono que contrariou profundamente ao meu colega de comissão, D. Pedro Buenaño. O comissário (gentilíssimo no trato) não tem, absolutamente envergadura para as responsabilidades e tropeços da tarefa que lhe deram.

Deixamo-los no mesmo dia, depois de uma parada de umas horas que aproveitei em examinar 38 volumes nossos, que vinham despachados na "Phenix".

Entre o Chandless e aquele ponto, a região é deserta, aparecendo junto às margens uma ou outra barraca abandonada. Dalí até aquí, porém, muito mais povoada, de brasileiros. Perto de Murmocá, Fronteira do Cassianã e Novo-Triunfo, são três sítios florescentes, de laboriosos e robustos cearenses que firmam bem nestes lugares o domínio da nossa terra. Envio a V. Excia. a cópia do "croquis" de levantamento do trecho entre as duas comissões.

Está apenas orientado e, como todo o esbôço, pouco dirá quanto às distâncias. Levantei-o a relógio e a bússola — porque no dia 2, reconhecendo a morosidade que nos acarretava a Lugeol, propús ao chefe peruano, e êle aquiesceu, que apressássemos dêste modo — corrigindo-se quaisquer deslises no contra-levantamento.

Com as nossas canoas carregadíssimas o primeiro processo (que aplicarei na volta) nos demoraria consideravelmente. Pelo esbôço que tenho a honra de mandar verá V. Excia. que vamos um pouco além do levantamento ligeiro das instruções. E é necessário: todas as plantas que por aí existem do Purús são cópias deshonestas do trabalho primitivo, de Chandless — e convencido, agora

desta circunstância, farei todos os esforços no sentido de retificá-la embora de maneira incompleta.

A comissão brasileira — felizmente — é o reverso da peruana, tem ordem e uma direção firme. Foi para nós verdadeira felicidade o encontrá-la — pelos auxílios que espontaneamente nos ofereceu e prestou o Comandante Borges Leitão. Pretendo prosseguir amanhã. Mas como encontramos o médico daquela Comissão seriamente doente, de maneira a ser logo entregue aos cuidados da nossa, temo que tenhamos de nos demorar mais algum tempo — o que nos contraria bastante. Escrevo como sempre, a V. Excia. de afogadilho e com a atenção dispersa, tendo que velar e cuidar sobre tanta coisa. Conto, por isto, que me desculpe sempre todas as incorreções. Em comunicação anterior dei conta do naufrágio do nosso batelão de gêneros e da resolução forçada de dividir a comissão. A parte que ficou com o Ajudante substituto, na praia de S. Braz, está em boas condições e aparelhada para aguardar a minha volta. Aquela divisão imposta pelas circunstâncias, veio revelar-me os graves inconvenientes das numerosas comissões nestes lugares. Vamos agora menos apercebidos de recursos, e melhor. Estou convencido de que a maneira única de se trabalhar eficazmente em tais expedições — é da velha maneira de Chandless: um engenheiro (dois no máximo) e alguns remadores robustos: fora disto, cai-se num círculo vicioso deplorável: muita gente para o transporte de gêneros, muitos gêneros para o sustento da gente.

Ontem à noite com uma altura meridiana apenas de beta do Centauro, determinei a latitude deste ponto =  $9^{\circ} 6' 02''$ . Vou repetir o trabalho hoje. Quanto à outra coordenada ainda não pude firmá-la, porque ainda não se firmou a marcha dos nossos cronômetros depois do abalo do naufrágio. Pela comparação com os da comissão peruana — verifiquei que possuímos ainda um em muito boas condições e com êle espero fazer alguma coisa aproveitável. Vou com a atenção desperta para o ponto do Purús atravessado pela ortodrômica Javarí-Inhambarí — esclarecido pelos cálculos que enviei a V. Excia. em comunicação anterior.

A comissão Peruana, de reconhecimento, está acampada na praia fronteira — não tendo sido aceita a hospedagem que lhes ofereceu de pronto o Comandante Borges Leitão. Espera-me — para prosseguirmos juntos amanhã.

Sempre que houver um portador — como neste momento —

escreverei a V. Excia. dando notícias nossas — embora o tenha de fazer sempre rapidamente.

Tenho colhido alguns dados interessantes — acêrca dos successos que aquí se desenrolaram entre brasileiros e peruanos. Mas falta-me de todo o tempo para continuar. Não consigo reter mais o portador que se presta a levar esta carta.

Vamos todos bem. Não tenho sequer um escoriado entre os que me acompanham nesta tarefa pesada, e penso que assim succederá até ao fim. Desejando as maiores felicidades a V. Excia., subscrevo-me com a mais elevada consideração

De V. Excia.

O compatriota Cr.º At.º e venerador

EUCLYDES DA CUNHA.”

De regresso ultima no Rio a redação do relatório no Itamarati. E’ desta fase a carta seguinte:

“Rio, 27/3/906.

Exmo. Sr. Barão do Rio-Branco.

Saúdo respeitosamente a V. Excia. e envio-lhe a 1.ª prova de uma carta que organizei mostrando as notáveis ligações entre as bacias do Purús, Madre de Dios e Ucaiale. — Essa carta irá intercalada nas “Notas Complementares” do Relatório da Comissão, que já está quasi pronto, podendo ser bem encadernado e efetuando-se a tiragem avulsa de 150 exemplares, conforme deseja V. Excia. A êste propósito perguntou-me o Inspetor Técnico da Tip. Nacional se podia desde já tirar o número de plantas que desse para aqueles avulsos e para o Relatório Geral do Ministério — e eu respondi-lhe afirmativamente, podendo êle desempedir as pedras para outros trabalhos.

As notas que aditei ao Relatório, dividem-se em 3 partes: 1.ª — Apontamentos sôbre a história da Geografia do Purús. 2.ª — o Povoamento. 3.ª — Navegabilidade do Purús — a necessidade de uma navegação regular até as cachoeiras.

Com a mais elevada consideração subscrevo-me

De V. Excia.

Compatriota Cr.º At.º Obr.º

EUCLYDES DA CUNHA.”

Terminada a missão pensa no rumo a tomar. Rio-Branco, entretanto, avaliando o auxiliar que era, incumbido de trabalhos esparsos, mas sem lhe dar uma situação legal definitiva, o que muito o preocupa, de mais agravado pelos seus escrúpulos e a sua vida íntima atribulada. Recusa, no tesouro, os vencimentos do cargo em comissão e só os recebe, descontada a gratificação, a que não se julgava com direito. No Itamarati, as etiquetas de protocolo diplomático, com a elegância natural ou afetada de alguns da "carreira", fazem dêle um estranho, conforme o localizou Mário Vasconcelos nas suas lembranças daquela época.

Refugiava-se por vezes na Biblioteca, a procurar na "*multidão sem voz dos nossos livros*" "*aquele exílio no tempo*", em que tanto se comprazia.

Conta o ilustre diplomata o episódio de um jovem recém-chegado de Londres, de pequena estatura, com sapatos de sola grossa, que faziam imenso barulho, ao que Euclides replicou:

— "Porque não vem logo de tamancos, fica mais alto".

De natureza desconfiada, com sensibilidade melindrosa e alerta, era natural que se isolasse na companhia de poucos espíritos afins, como Domicio, Gastão da Cunha, Araújo Jorge, que o estimam e admiram em alta conta.

São expressivos alguns trechos de sua correspondência.

Os principais trabalhos que aí realiza são de cartografia, retificando mapas antigos, através das fantasias de cartógrafos "*os sujeitos mais desleais que andam pela geografia*".

A sua estadia no Ministério do Exterior vai de julho de 1905 a 14 de agosto de 1909, véspera de sua morte.

Era um trabalhar sem pausa.

Diz, a propósito, a Escobar, em carta de 26 de dezembro de 1906:

"Continuo ainda adido à Secretaria do Exterior, na minha austera atitude de cartógrafo. Isto dá-me um traço antigo magnífico — com a vantagem de isolar-me, refugindo ao contágio perigosíssimo de um meio irremediavelmente perdido."

Mas, atalha imediatamente:

“Vês, como descambo a todo o momento para um desalentado pessimismo? Não quero que esta sombra vá empanar a luz dos teus dias mineiros. Ponto.”

Firmo Dutra encontrou nos arquivos do Ministério os originais desses mapas, traçados pela mão de Euclides, e os comentou em conferência aí realizada.

Em 1907, estando em arbitragem com o governo Argentino o litígio entre o Perú e a Bolívia, escreve, por encomenda do “Jornal do Comércio”, vários artigos, reunidos, em julho, em volume.

Em carta a Domicio da Gama diz, a propósito:

“Chegariam aí uns artigos “Perú — versus — Bolívia” que publiquei no *Jornal do Comércio*? E’ uma das minhas quixotadas. Constituí-me, para satisfazer à índole romântica, um cavaleiro andante da Bolívia contra o Perú. Porque? Talvez porque a Bolívia é mulher.”

O livro, modelo no gênero, onde a aridez do assunto se dilue na harmonia do estilo e na lógica de uma demonstração à maneira de teorema matemático, desperta interesse excepcional nos meios sul-americanos. O delegado boliviano, Eliodoro Vilazon, manda-o verter para o castelhano. O sucesso iria, porém, trazer-lhe indiretamente fundos aborrecimentos.

Inopinadamente sente-se envolvido no célebre caso da intriga do telegrama n. 9.

Como sempre, o seu caráter melindroso e probo era como caixa de ressonância para os mínimos episódios, que lhe tocassem a sensibilidade delicada, embora não se fizesse centro dos acontecimentos, conforme pareceu a ilustre jornalista, pois que as alusões de E. Zeballos eram diretas e claras, como se pode ver do “Jornal do Comércio” de então.

Dirige legitimamente ao chanceler argentino, Estanislau Zeballos o telegrama conhecido, que ficou sem resposta:

“Dr. Estanislau Zeballos. — Buenos-Aires. — Surpreendí-me vendo ontem as nossas relações exclusivamente intelectuais envolvidas na campanha solitária que V. Excia. está travando com imaginários antagonistas, em flagrante contraste com a harmonia nacional brasileira e argentina. Referindo-se V. Excia. à correspondência particular que hoje confessa haver propositadamente provocado para documentar-se, apresso-me em declarar que não receio tais documentos. Desejando vê-los explícitos, autorizo o “Jornal do Comércio” a publicar as cartas que me mandou. Completo assim a ação iniciada por V. Excia. que assim ficará inteiramente desembaraçado de quaisquer escrúpulos na publicação integral que desejo e peço das cartas que aí existem com a minha assinatura. — *Euclides da Cunha.*”

As suas relações com Rio-Branco eram sempre cerimoniais. Ele próprio referia êste episódio, a um tempo ridículo e pitoresco:

Rio-Branco frequentemente chamava-o a Petrópolis e alta madrugada entrava-lhe pelo quanto e ficavam longas horas a palestrar, um de casaca e cartola ao alto da cabeça e o outro, sob lençóis, na máxima intimidade, mas entre V. Excia. Sr. Barão e o Senhor, Dr. Euclides...

Apesar disto, não reparava Rio-Branco na situação de Euclides, agravada de si mesma pelos escrúpulos, que a êle próprio pareciam, às vezes, exagerados. E' o que delata carta ao seu digno cunhado, Octaviano Vieira, então juiz em S. Carlos do Pinhal, a 15 de novembro de 1908.

“Ainda não saí disto, por duas razões: 1.º, porque o Barão continua a tratar-me com a mesma simpatia e falta-me ânimo para (pela quarta vez) observar-lhe a inconveniência desta posição; 2.º, porque, se eu tomar uma resolução decisiva e deixar a secretaria, não faltará quem reprove êste atestado de inconstância ou falta de persistência. Mas tudo isto constitue para mim, às vezes, uma tortura tão grande que sou obrigado a apelar para o teu caráter. Dize-me com franqueza: deverei continuar numa posição não prevista em lei (embora o Ministro até hoje me retivesse a esperança do cargo que se criaria) ou deverei inflexivelmente, vencendo todas as solicitações, deixá-lo?”

Octaviano, responde-me, logo, com a mais absoluta franqueza. Não confio em mim só para resolver êste caso: posso estar iludido ou estar exagerando inconvenientes que não existem!"

Nesta conjuntura vários rumos se lhe defrontam. Sonha, como sempre, embrenhar-se no "*seu deserto bravio e salvador*" e projeta ir para a Comissão de limites com a Venezuela ou para a construção da estrada Madeira-Mamoré. Fala-se também em missão especial ao Paraguai. Mas tudo é lento de mais para as angústias de sua impaciência inconformada, e aceita o trilho do magistério em que já por duas vezes pensara ingressar, uma no Ginásio de Campinas e outra na Escola Politécnica de S. Paulo.

O concurso de Lógica para o Colégio Pedro II, então Ginásio Nacional, por instâncias de amigos, especialmente Coelho Neto, decide-o afinal.

O cargo definitivo, único pouso estável nas agitações incertas de toda a sua vida, iria ocupar por pouco tempo. Chegou o 15 de agosto de 1909. Aturdido pela tragédia insuspeitada, pela primeira vez, por certo Rio-Branco refletiu no que representava o companheiro e auxiliar precioso que perdia, nestes termos enviados ao Pai:

"Atordado pela nossa grande desgraça do dia 15, não pude dirigir-lhe antes palavras de amizade, de simpatia e de conforto; o terrível golpe que feriu seu coração de pai, feriu igualmente o meu coração de amigo e sincero admirador dos grandes dotes intellectuais e morais do seu nobilíssimo filho; sei quanto perdi de sincero afeto com o desaparecimento dêsse bom amigo e companheiro de trabalhos; sei quanto de esperanças fundadas perdeu o Brasil. — *Rio-Branco.*"

\*  
\* \*

Êstes, os traços principais das relações entre Rio-Branco e Euclides da Cunha.

Dai ficaram algumas páginas imortais de pensamento brasileiro; graças a estas a consciência nacional foi desper-

tada para o mundo amazônico, como já o fôra antes para os sertões.

O traço luminoso grifado por Euclides da Cunha naquele período marcado do Itamarati não se apagará nunca. Um pouco da glória de Rio-Branco, naquela casa, tem a sua presença.

# O DESPERTAR DA REDENTORA

MARIA EUGÊNIA CELSO.

ÉPOCA: 1859

## PERSONAGENS

PRINCESA ISABEL .....	13 anos .....	} Filhas do Imperador D. Pedro II
PRINCESA LEOPOLDINA .....	1 ano mais moça	
AMANDINHA PARANAGUÁ .....	} Meninas de treze para quatorze anos, amigas e companheiras das Princesas	
MARIQUINHAS AVELAR .....		
ADELAIDE DE TAUNAY .....		
CHICA MONTEIRO DE BARROS .....		
CONDESSA DE BARRAL .....	Preceptora das Princesas	
DONA FLORIPES DA SILVA .....	Viúva, dona de um sítio em Petrópolis cujas terras confinam com as da Fazenda Imperial	
XANDICA .....	Pretinha de onze para doze anos, escrava de Dona Floripes	
ROSENDO .....	Feitor de Dona Floripes	
TAPIR .....	Cão de caça	

## CENÁRIO

Verão de 1859. Petrópolis, no tempo em que a cidade era ainda a Fazenda Imperial, propriedade dos monarcas brasileiros e onde o Imperador e a família imperial costumavam passar a estação calmosa. O Palácio, grande chácara apalacetada, cercada por imenso parque, parte ajardinado e florido de azaléas e camélias; o resto, dividido em bosques e matas confinando com as terras incultas da Fazenda.

Era expressamente proibido às imperiais meninas afastarem-se muito do Palácio nos seus passeios pelo parque e, sobretudo, saírem do recinto dos jardins para o bosque, onde nunca penetravam senão acompanhadas por uma aia ou um camareiro. As filhas dos funcionários mais graduados, veraneando na serra, vinham frequentemente brincar com as Princesas.

## ATO PRIMEIRO

Sala de estudar num dos aposentos laterais do Palácio. Grande mesa ao centro, recoberta de apetrechos de estudo. De um lado, um piano e uma estante de música. Do outro, um grupo de palhinha, cadeiras de balanço, etc. Uma espécie de saleta de estar, dentro da sala grande.

## CENA I

(A CONDESSA DE BARRAL, governante das Princesas, senhora de grandes méritos e inteligência, porém muito severa, imbuída de preconceitos nobiliárquicos e rigorosa em extremo a respeito de etiqueta e boas maneiras.

A PRINCESA ISABEL e sua irmã a PRINCESA LEOPOLDINA em companhia de AMANDINHA PARANAGUÁ e MARIQUINHAS AVELAR, as futuras baronesas de Loreto e de Muritiba, suas amigas mais íntimas, conversam em redor da mesa).

PRINCESA LEOPOLDINA:

Adelaide não mandou trazer os álbuns, Condessa?

CONDESSA DE BARRAL:

Não, Alteza. Ficou de trazê-los em pessoa. Está demonstrando. E' verdade que devia passar pela casa da Chica Monteiro de Barros. Talvez lhes faltasse companhia.

PRINCESA ISABEL:

E não podiam vir sós, as duas, de carruagem? E' tão perto...

CONDESSA DE BARRAL:

Duas meninas sós por estas ruas êrmas, Alteza, que perigo e que inconveniência! Uma filha de família, Vossa Alteza aliás bem deve estar lembrada, não pode nunca sair sòzinha à rua. As boas maneiras não o permitem e a prudência o desaconselha. Os Taunay e os Monteiro de Barros são de bastante linhagem para não admitirem tão prejudicial infração às regras do bom viver.

AMANDINHA PARANAGUÁ:

Ora! aqui em Petrópolis o que é que tinha? Nós não estamos na côrte. Na roça não deve haver cerimônia.

CONDESSA DE BARRAL:

Não é cerimônia, menina, é educação. A gente tem de guardar a dignidade da sua hierarquia social. Saiba que todo recato é pouco na mulher bem nascida.

PRINCESA ISABEL:

Pois eu gostaria bem de sair sòzinha por estas matas afóra. Enfadam-me às vezes os caminhos eternamente ordenados do nosso parque. Desejaria correr em liberdade todos os recantos da serra.

CONDESSA DE BARRAL:

Oh! Altesa, como pode um espírito sensato e ponderado como o vosso desejar semelhante disparate? Tantas vezes tenho dito e repetido a Vossas Altesas que sair do parque representa uma verdadeira temeridade! A parte agreste da Fazenda Imperial é selvagem, cortada apenas por atalhos impraticáveis a pessoas de certa classe. Além de cobras, insetos e animais daninhos, que lá por certo pululam, corre-se o risco do encontro com algum malfeitor ou negro vagabundo dessas terras, ficando-se a mercê de uma grosseria e quiçá de uma agressão.

PRINCESA LEOPOLDINA:

Oh! eu não iria nunca, nem acompanhada. Podeis tranquilizar-vos, Condessa. Ésses matos metem-me um medo!...

AMANDINHA PABANAGUA:

Pois eu talvez fôsse capaz...

MARIQUINHAS AVELAR:

Ouçõ bulha de passos no corredor... Deve ser Adelaide. Até que afinal!

## CENA II

(As mesmas, mais ADELAIDE DE TAUNAY que entra apressadamente, sobraçando dois a três álbuns de desenho, seguida pela CHICA MONTEIRO DE BARROS).

ADELAIDE DE TAUNAY (*fazendo a mesura de praxe*):

Peço perdão a Vossas Altezas pela demora e a Vós também, Condessa, mas os álbuns são de um amigo de meu mano que só hoje, tarde, no-los enviou. Depois tive de ir buscar a Chica.

CHICA MONTEIRO DE BARROS (*cumprimentando*):

Muito boa tarde às queridas Princesas e muitas desculpas pelo atraso. Não foi culpa nossa. Não tínhamos quem nos trouxesse.

AMANDINHA PARANAGUÁ:

Logo vi!

PRINCESA ISABEL:

Em todo caso, chegaram ambas sem acidente. Não percamos mais tempo em escusas. Vamos antes ver os famosos álbuns anunciados pela Adelaide. Você, Leopoldina, que gosta tanto de desenho vai regalar-se.

A CONDESSA DE BARRAL (*com toda a autoridade do seu cargo*):

Peço permissão a V. Alteza, Princesa Isabel, para examiná-los primeiro. Não sei si não haverá entre êsses desenhos algum menos próprio para meninas de vossa idade.

ADELAIDE DE TAUNAY (*rindo*):

Os álbuns foram vistos por meu irmão, Condessa, êle não m'os emprestaria se não fôsem perfeitamente convenientes. São aliás, na maioria, desenhos de paisagens. Princesa Leopoldina, Vossa Alteza vai se enfeitiçar, aposto, por certo castelo medieval que é positivamente um sonho.

CHICA MONTEIRO DE BARROS:

Penso que a Princesa Isabel goste talvez mais das flores.

A CONDESSA DE BARRAL (*depois de folhear os álbuns*):

Muito artisticos, em verdade, e tão variados! Não vejo, porém, naturezas mortas.

ADELAIDE DE TAUNAY (*inclinando-se sobre o ombro da Condessa, do lado oposto à PRINCESA LEOPOLDINA que, um braço passado ao redor da cintura da CHICA MONTEIRO DE BARROS, examina curiosamente os álbuns abertos sobre a mesa*):

Tem muitas, sim senhora. Mas principiemos pelas paisagens. Olhai este velho engenho de açúcar, com a casa grande meio escondida entre coqueiros... Acho-lhe um ar romântico, não achais?...

A PRINCESA ISABEL (*olhando os desenhos um pouco de longe*):

Um ar abandonado e triste é que V. quer dizer, Adelaide. E bustos, não há bustos e cabeças nesta coleção?...

ADELAIDE DE TAUNAY (*com volubilidade*):

Todas as cabeças e bustos que V. Altesa possa imaginar. Deusas do Olimpo, ninfas, guerreiros, poetas, artistas, sábios, navegadores, mulheres célebres, homens ilustres, santos e madonas...

A PRINCESA LEOPOLDINA:

Oh! esta, que lindeza!

A CONDESSA DE BARRAL (*completamente absorta pelo que vê*):

Tem razão, Altesa. Que pureza de traços! E uma expressão de tamanha doçura...

AMANDINHA PARANAGUA (*que se esgueirou para os lados da porta, fazendo sinal a MARIQUINHAS AVELAR que se conservou um pouco afastada do grupo da mesa, a meia voz*):

Psiu! Mariquinhas, chame a Princesa... Está na hora...

MARIQUINHAS AVELAR (*aproximando-se de mansinho da PRINCESA ISABEL, diz alto para disfarçar*):

E marinhas? Será que não há marinhas nos seus álbuns, Adelaide...

(*Depois, baixo e depressa à Princesa*):

Princesa Isabel, vamos... Elas estão distraídas...

Amandinha já espiou o corredor... Ninguém! E' o momento...

ADELAIDE DE TAUNAY (*com redobrada volubilidade*):

Como não? Marinhas de todos os feitios e para todos os gostos. Este recanto da Guanabara, aqui, vêde...

A CONDESSA DE BARRAL:

O Outeiro da Glória... Belissimo, realmente. E essa praia com rêdes secando ao sol... parece-me reconhecer...

A PRINCESA LEOPOLDINA e CHICA MONTEIRO DE BARROS (*um grito de entusiasmo*):

Que maravilha!...

(*Durante este diálogo a PRINCESA ISABEL, AMANDINHA PARANAGUÁ e MARIQUINHAS AVELAR desaparecem vivamente pela porta do corredor, enquanto se ouve a voz de ADELAIDE DE TAUNAY prossequindo para o grupo embevecido na contemplação dos desenhos, à medida que desce o pano*):

Com o barco à vela ao fundo?... Sim, Santa Luzia... Bonito, não é?... Mas também êstes são especiais, Condesa, são de Rugendas...

---

## ATO SEGUNDO

### CENÁRIO

Clareira no espêso da mata, onde desembocam três atalhos, dois dos quais são apenas estreitas picadas entre a vegetação emaranhada de árvores, trepadeiras e cipós. A PRINCESA ISABEL, AMANDINHA PARANAGUÁ e MARIQUINHAS AVELAR chegam por um dêles, correndo, rindo alto, vermelhas e suadas.

### CENA I

A PRINCESA ISABEL (*parando no meio da clareira*):

Que bonito lugar!... Parece um templo de folhagem!

MARIQUINHAS AVELAR:

Bonito, sim. Mas tão solitário e silencioso que chega a amedrontar. Creio que devemos andar muito longe do Palácio, não?

A PRINCESA ISABEL (*alegremente*):

Graças ao verbo da nossa esperta Adelaide e às nossas boas pernas, estamos muito longe, com efeito. Corremos tanto que é impossível darem conosco tão cedo! Que adorável passeio! E êste recanto de mato, como é lindo! Tenho a impressão de estar numa floresta encantada, senhora de mim, livre dos sermões da minha excelente mas terrível Barral. O exercício, no entanto, fez-me calor. Vocês não estão um pouquinho cansadas. Sentemo-nos uns instantes aqui. Êsse monte de relva parece feito de propósito para servir de banco. Descansemos um bocado antes de regressar. Mas que flores lindas, Amandinha!... Olhe ali, defronte, aquela galhada rôxa... São orquídeas e maravilhosas! Nunca as vira assim no pé... Se eu pudesse alcançar êsse galho mais baixo, trepava na árvore e havia de apanhá-las.

AMANDINHA PARANAGUÁ:

Não pode Vossa Alteza, minha Princesa, por ser alta e forte, posso eu que sou miúda e nanica. Em dois tempos apanho aquelas parasitas, quer ver?

(*Neste instante uma pedra atirada de dentro da folhagem cai-lhe de súbito aos pés*).

AMANDINHA PARANAGUÁ (*num grito de susto, recuando de um salto para junto das companheiras, instintivamente postas de pé*):

Tem gente escondida ali dentro!

MARIQUINHAS AVELAR (*apavorada, desviando-se de um ramo seco atirado, como a pedra, da espessura da arvoredo*):

E gente que nos quer mal! E' melhor fugirmos!

A PRINCESA ISABEL:

Não. Se fugirmos verão que estamos com mêdo, podem correr atrás de nós e pegar-nos. Depois, fugir para onde?

Não sabemos ao certo onde nos encontramos, nem a que distância fica o Palácio. O melhor é vermos quem está ali.

AMANDINHA e MARIQUINHAS (*retendo-a pelas mãos*):

Princesa! Princesa! Cautela, pelo amor de Deus!

A PRINCESA ISABEL (*adiantando-se resolutamente*):

Quem quer que seja que aí se esconda, não nos agrida. Não viemos até cá para fazer mal a ninguém. Não é preciso arreceiar-se. Somos três amiguinhas a passeio por esta mata e queríamos apenas colher algumas destas parasitas tão bonitas.

## CENA II

(Um silêncio de angustiosa expectativa e, depois, num barulho de galhos violentamente afastados, uma negrinha de seus onze anos, magra, descalça, esfarrapada, toda suja de terra, surge, brandindo um galho partido. As mesmas e XANDICA, a pretinha).

XANDICA:

Não me toquem! Me deixem passar! Não me estorvem senão eu meto o pau mesmo em Vosmecês!... Não segurem que eu vou prá's bandas de Minas... Eu vou... mas... mas não posso mais andar! Não posso! Não posso!

A PRINCESA ISABEL (*recuando um pouco, puzada pelas duas outras meninas espavoridas*):

Não pode, porque Minas é realmente muito longe. Você a pé não chegaria nunca lá!

XANDICA (*mal se sustentando, bate furiosamente com o pau no chão*):

Chegava, chegava, havia de chegar!... Eu não tenho medo de lonjuras, não tenho medo de nada!!! Acabava chegando... Me deixem passar!... Andei tanto, tanto que não posso mais... não posso mais...

AMANDINHA PARANAGUA (*com uma curiosidade mais forte do que o medo*):

Não pode porque?...

XANDICA (*num soluço, deixando-se cair no chão*):

Porque... porque não tenho mais fôrças... Estou morta... morta... de... de fome!

AS TRÊS MENINAS (*assombradas*):

Fome?!...

XANDICA:

Sim, fome... fome... fome... Fazem quatro dias que não como, não bebo, não durmo, fugida por êstes matos!... Quatro dias que tenho mêdo até de respirar... Quatro dias que vivo encolhida feito bicho na folhagem, tremendo de frio e tremendo ainda mais que me descubram. De noite me arrasto no escuro, não sei para adonde... A gente lá de casa deve andar me procurando. Deus Nosso Senhor que tenha pena de mim!... Se me apanharem, me levam outra vez para o inferno do sítio. Eu já fugi, faz tempo... levei tanta bordoadada que me partiram um braço... Fiquei três dias que nem defunto, sem mexer... Se a Dona me pega me bota no tronco e desta vez me mata de pancada!... Vosmecês têm cara de bom coração, sinhazinhas, me deixem passar!... Me deixem fugir!...

A PRINCESA ISABEL:

Mas você fugiu de onde, rapariga?

XANDICA (*arquejante*):

De casa de Dona Floripes, minha ama. Eu sou escrava dela. Nasci lá no sítio, onde minha mãe também era escrava. A senhora é brava como quê!... Zanga por um tico. Não perdoa nada, é açoite por qualquer coisinha! Tenho o corpo todo marcado do chicote do feitor. Vosmecês são brancas, são fôrras, não podem saber o que é cativoiro!... Eu sofri tanto desde que estou no mundo... Mas um dia... um dia foi demais... fui-me embora...

MARIQUINHAS AVELLAR:

Porque?

XANDICA (*num desespero crescente*):

Ah! foi pró modo de terem vendido minha mãe! Enquanto eu tinha a ela não me importavam os maus tratos, nem o serviço!... A gente aguenta tudo perto da mãe da gente! Mas aconteceu que chegou lá, uma noite, um homem das fazendas. De Minas, que disseram. E como a minha mãe era sacudida, assejada, trabalhadeira, Siá Dona Floripes vendeu ela prá êle. Vendeu muito caro, fez bom negócio. Eu quis ir também... pedi a êle... pedi à senhora... pedi a todos... O homem não quis. Sou muito criança ainda, não valho o que como. Coitada da minha mãe, chorava tanto quando levaram ela à fôrça, que parecia a ponto de morrer! Foi o açoite que nos separou! — “Xandica, que ela me disse, não desalenta, filha! Vou trabalhar tanto e tanto que dê prá me resgatar e vir te buscar. Espera!” Mas resgate demora muito... Prefiro morrer de baixo do chicote a esperar tanto tempo... Por isso fugi, fugi prá ir lá aonde carregaram a minha mãe!...

(*O ladrar de um cão ecôa neste momento, bem próximo*).

XANDICA (*solta um grito agudo, tentando correr mas, sem fôrças, recai em terra e, no auge do terror, atraca-se às pernas da Princesa Isabel*):

Me salve, sinhá, me salve! E' o cachorro lá de casa!... Farejou meu rasto!... Estou perdida... Me descubri-ram!... Socorro, minha Nossa Senhora, socorro!... E' a Siá Dona que vem vindo atrás de mim!... E' o feitor com o chicote! Me salvem, sinhãzinhas, pelo amor de Deus, me salvem!...

AMANDINHA e MARIQUINHAS (*atarantadas fazem menção de arrastar a desgraçadinha, agarrada às saias da Princesa*):

Vamos por aqui, vamos, Princesa!

A PRINCESA ISABEL (*tentando também levantar Xandica*):

Vamos, minha pobre coitada, vamos!...

## CENA III

*(As mesmas e mais ROSENDO, o feitor, saltando de uma das picadas da floresta, empunhando uma chibata, precedido por um cão policial que, com a outra mão, segura pela correia).*

ROSENDO:

Cá está ela! Prá trás, Tapir, prá trás! Deixa esta capeta que não te merece nem uma dentada!

*(E, estalando o chicote diante do grupo aterrado, contém a custo o cachorro que arremete, ladrando em fúria contra a pequena escrava):*

Palpite de Rosendo não erra!... A peste da creoula cá está e não nos escapa desta vez! Faro de Tapir sempre acerta, eu não dizia? Cá está ela, Siá Dona, cá está ela!

DONA FLORIPES DA SILVA *(senhora de meia idade, corpulenta e decidida, ar duro e modos rispídos, aparece, desembocando às pressas pelo mesmo trilho):*

Até que afinal, Xandica, hein?! Quatro dias de correias e de procuras... Mas hás de pagar a canseira que me deste! Hás de pagar, sim senhora, e de que maneira!... Prá casa, diacho, prá casa!...

ROSENDO *(avançando para a pretinha):*

Já se perdeu tempo de sobra à caça desta diaba! Agora é tocar pr'o tronco. Basta de malandragem, Xandica! Anda daí que eu sei de um remédio onça p'ra sarar negro fujão.

A PRINCESA ISABEL *(estendendo a mão num gesto instintivo de defesa sobre a carapinha soluçante que lhe abraça os joelhos):*

O senhor não pode fazer mal a esta pobre criatura. Ela está morrendo de fome, de cansaço, de medo. Eu não consinto que lhe toquem!

DONA FLORIPES DA SILVA *(dando um passo para a frente, atrevidamente):*

E quem é Vosmecê, se me faz favor, para não consentir que o dono toque no que é dêle? Esta negra é minha. Comprei a mãe dela com o meu dinheiro. A caturra foi

nascida e criada no meu sítio. Sou senhora de fazer o que entender com os meus escravos. Se me der na veneta acabar com êste demônio a pauladas, não serão caretas de menina da cidade que me hão de impedir! Meta-se com sua vida, sinhá moça, e deixe a Xandica ajustar contas com o Rosendo. Amo é amo. E negro não se sabe na certa se gente será. Quem é Vosmecê p'ra querer dar ordens a Siá Dona Floripes da Silva?...

#### CENA IV

*(As mesmas, mais a PRINCESA LEOPOLDINA, ADELAIDE DE TAUNAY, CHICA MONTEIRO DE BARROS e a CONDESSA DE BARRAL, surgindo pelo atalho oposto, esbaforidas e aflitíssimas).*

A CONDESSA DE BARRAL *(que ouviu a última frase de DONA FLORIPES, adiantando-se indignada):*

E quem é a senhora, senhora Dona Floripes da Silva, para falar nesse tom a Sua Alteza a Princesa Isabel, filha de Sua Majestade o Imperador?

DONA FLORIPES *(num sobressalto de estupor enquanto o ROSENDO recua, tirando medrosamente o chapéu):*

A Princesa Isabel?!...

A CONDESSA DE BARRAL *(severamente):*

Sim, Sua Alteza a Princesa Imperial, que eu chego a tempo, pelo que vejo, de preservar de um desaforo e proteger talvez contra uma brutalidade. Deus louvado, encontro-a sã e salva! Princesa, se soubésseis o susto que tivemos quando demos por falta de Vossa Alteza?! Julguei perder a cabeça antes da Adelaide nos revelar o rumo que haviam tomado. Sua Majestade a Imperatriz, já deve estar prevenida a estas horas... O que dirá vosso augusto Pai?! E o que lhe diria eu a êle caso houvesse sobrevindo algum dano a Vossa Alteza?! Como puderam as meninas esquecer assim as minhas lições de boas maneiras, comprometer a minha responsabilidade? Como pôde a minha real discípula olvidar-se a êste ponto do acatamento que deve a sua preceptora?!

A PRINCESA LEOPOLDINA (*atirando-se ao pescoço da irmã*):

Oh! Isabel, Você não imagina o nosso cuidado! Eu pensei que Vocês se tivessem perdido no mato, que um malfeitor as houvesse atacado... que... nem sei mais! Ah! mana, se Adelaide não se decidisse a contar tudo por fim, a Condessa, Chica e eu enlouquecíamos, acredite!

ADELAIDE DE TAUNAY:

Eu nem pernas tinha para mostrar o caminho.

CHICA MONTEIRO DE BARROS:

E que uma cobra me morda se esta idéia não foi da senhora Dona Amandinha...

AMANDINHA PARANAGUÁ (*com vivacidade*):

A idéia foi tanto minha quanto da Mariquinhas e da Adelaide...

A PRINCESA ISABEL (*desprendendo-se finalmente dos braços da Xandica*):

A idéia foi minha. Se eu não tivesse mostrado vontade, as minhas amigas não me teriam acompanhado. Não ralheis muito, Condessa, embora desta vez tenhais realmente razão de zangar conosco. Foi uma imprudência de nossa parte, concordo, e estou pronta a sofrer o castigo que meu Pai julgar bom infligir a nossa desobediência. O que não posso é me arrepender do que fiz se, graças a minha intervenção, livrarmos do chicote e talvez da morte esta infeliz criatura. Eu não quero que ela volte para a companhia daquela senhora. Levemo-la à presença de meu Pai.

CONDESSA DE BARRAL:

Sua Majestade o Imperador decidirá, com efeito, quando eu o puser a par do acontecido.

DONA FLORIPES DA SILVA (*ainda arrogante*):

Mas o Imperador não pode tirar o que é do dono.

CONDESSA DE BARRAL:

Sua Majestade o Imperador é a justiça personificada,

não lhe tirará cousa alguma que a senhora não mereça, senhora Dona Floripes da Silva. Mas, como acaba de ouvir, Sua Alteza a Princesa Isabel deseja que esta creoula a acompanhe até à casa. Basta um olhar para ver que a desgraçada está a desfalecer de inanição é de fadiga. Seu feitor pode pois ajudar-nos a transportá-la para o Palácio, onde a senhora poderá ir amanhã fazer valer os seus direitos. Se houver prejuizo Sua Majestade o senhor D. Pedro a indenizará, fique certa disto.

DONA FLORIPES DA SILVA:

Desde que se trata de indenização, já não está aqui quem falou. Rosendo, Você vá com estas senhoras e carregue a Xandica até o Palácio. Eu volto com o Tapir. E a Sinhá Princesa que me perdoe. Como não tinha escrito na testa que era princesa, a gente não podia adivinhar, não é?...

*(E, tomando das mãos do feitor o chicote e a correia do cachorro, en-  
saia uma reverência muito desajeitada e envereda precipitadamente pelo atalho,  
dizendo):*

Até mais ver, siás Donas."

## CENA V

*(As mesmas, salvo DONA FLORIPES e o TAPIR).*

CONDESSA DE BARRAL:

Para o Palácio, depressa, Altesas e meninas. Toda a côrte deve ter sabido a estas horas desta perigosa aventura. Sua Majestade o Imperador é capaz de já vir aí a caminho. Feitor, tome sentido no modo de levar a creoulinha, hein?

ROSENDO *(entre dentes, dirigindo-se para a negrinha):*

Se eu te pilhasse a jeito, dava-te uma surra de te tirar a alma do corpo, tição de uma figa!

XANDICA *(atirando-se para trás num protesto de pânico):*

Não, não! Com êle, não!

ROSENDO (*todo melífluo, dissimulando a raiva*):

Não tenhas mêdo, peste. Estás sob a guarda de prince-  
sas. Vou te levar como a um alfinim. Vais num andor,  
minha santa, vais num andor!

MARIQUINHAS AVELAR (*dando o braço a CHICA e ADELAIDE e acer-  
cando-se do feitor*):

Não temas, Xandica, iremos a teu lado.

A CONDESSA DE BARRAL (*enquanto o grupo formado pelo Rosendo car-  
regando a meio a pretinha, rodeado pelas três meninas, se afasta na  
frente, agarra enèrgicamente a mão das duas Princesinhas*):

Vamos, Altesas, já é tarde. O Palácio todo deve andar  
em polvorosa.

A PRINCESA ISABEL (*desprendendo-se da mão da governante, pára um  
minuto, ficando um pouco para trás da CONDESSA e da PRINCESA  
LEOPOLDINA, os olhos fitos na figura miserável da escravazinha ampa-  
rada pelo feitor e, apertando com emoção profunda o braço da pequena  
Paranaguá, diz com a solenidade de um juramento*):

Meu Deus, meu Deus! que cousa horrorosa a escravi-  
dão!... Dou minha palavra, Amândinha, que, seja como  
fôr, quando eu puder, não há de haver mais escravos no  
Brasil!...

CAI O PANO

## QUE COISA É A LINGUAGEM

SÍLVIO ELIA.

Vou aqui, mais uma vez, retomar o fio de algumas reflexões que tenho vindo mantendo sôbre o assunto. A primeira ocasião em que, de público, me referi à questão foi no livro *O Problema da Língua Brasileira*, saído a lume em 1940. Em várias passagens do citado trabalho, deparei com a dualidade fundamental que a ciência da linguagem nos apresenta, o indivíduo e a sociedade. Na pág. 74, p. ex., declarei, aludindo à oposição existente entre as doutrinas de Vossler e Sausurre: "Choque do social e do individual, o problema base de toda indagação seria sôbre a natureza do fato linguístico." A mesma antítese reaparece na distribuição que fiz a propósito do objeto e dos fins da ciência da linguagem, na *Miscelânea de Estudos em honra de Antenor Nascentes*, Rio, 1941, p. 43, onde, depois de haver distinguido duas linguísticas, a da expressão e a da comunicação, ajuntei: "Por outras palavras, a linguística da expressão é psicológica, individual e criadora. E a linguística da comunicação é sociológica, coletiva, conservadora." Ainda é sôbre êsse tema fundamental que agora volto a fazer considerações.

E' sabido que, na concepção de Sausurre, a língua é um sistema de sinais auditivo-orais que permitem o intercâmbio social das idéias. Quer dizer, a *língua* é a condição da *palavra*. Quem se exprime, exprime-se sempre dentro de um determinado sistema e, portanto, de uma determinada

língua. E' usando dêsse material linguístico comum a pessoas pertencentes a um mesmo grupo social, que nós nos conseguimos fazer entender. Diante dessa constatação, a dedução que parece se impôr é a de que a palavra está *totalmente* condicionada pelos recursos tradicionais da língua e que, portanto, se resume numa escolha entre as possibilidades de expressão que a língua apresenta. Pelo menos foi a conclusão a que chegou um linguista do tope de Marouzeau, autor de conceituado trabalho sôbre a linguística geral. A opinião de Marouzeau já não se encontra, felizmente, sem contradita. Um patricio nosso, por sinal que autor também de belo volume sôbre a linguística geral, o prof. Matoso Câmara Jr., exatamente nesse livro (*Princípios de Linguística Geral*), teve oportunidade de observar: "Há paralelamente, no *discurso* (isto é, no uso individual de uma língua para fins de expressão) uma criação individual, assente nos elementos de linguagem não reconhecidos e sistematizados pela tradição da língua, qual em português, num exemplo entre cem, o alongamento, das vogais ou consoantes para efeito de ênfase."

Ora, mais tarde êsses novos elementos se incorporarão à língua, serão sistematizados e reconhecidos e temos aí como é do homem, do individual que nascem os elementos da língua e, assim, a língua é que é consequência da palavra e não o contrário, como poderia levar a crer a teoria saussureana. Entretanto, como lembrança pertinaz de Comte, alguém poderá notar que essa minha assertiva tem caráter "metafísico", isto é, extra-experimental, uma vez que, por toda a parte observável, o que se encontra é sempre alguém exprimindo-se dentro de uma língua determinada. Já tive ocasião de dizer algures que a experiência não anula o bom senso. Por outro lado, os dados da experiência são significativos apenas para o espírito e têm de submeter-se às categorias mentais, princípio de todas as explicações. Repelir, filosoficamente, os primeiros princípios intuitivos, é cair no mais precário relativismo, presa fácil das paixões e do tumulto das consciências. Portanto,

diante dêsse fato, de que a palavra não é mera *combinação* de elementos preexistentes, mas comporta ainda uma autêntica *criação*, o que devemos afirmar, parece-nos, é que “a língua — o sistema adquirido de sinais — é simultaneamente condição e impedimento para a expressão do homem pela palavra”. Se é verdade que o homem não consegue fazer-se entender convenientemente senão utilizando-se da convenção linguística do grupo de que faz parte, não é menos verdade que, limitando-se a isso, exprimirá apenas os conceitos que encontrou no meio social em que vive e jamais idéias e sentimentos brotados da sua alma interior.

E' inegável que a lei do menor esforço induzirá a maioria a aceitar os moldes já prontos e a repetirem, com certa vivacidade às vezes, juízos transmitidos pelas gerações pretéritas. Por isso mesmo, o espirito original tem de enfrentar e vencer êsse material já gasto, por muito usado, ora valorizando o termo antigo, ora, por meio de combinações imprevistas e audaciosas, aproximando conceitos até então tidos por incomunicáveis. Tudo isso nada mais é do que o conhecido *estilo* e daí a frase cediça, mas real, de que o estilo é o homem. E' verdade que já disseram também que o estilo é a época, mas êsses que assim falam confundem exatamente o que é estabilizado em linguagem com o que constitue o coeficiente específico de uma individualidade. Daí ser o fato da palavra essencialmente uma *arte*, isto é, não um fenômeno colocado dentro das linhas uniformes do mundo natural, mas um *ato transitivo*, isto é, um acontecimento que tem na sua origem a atividade conciente de um sêr espiritual e visa à elaboração motora da expressão. Quando esquecemos a causa — o homem — para só olharmos o efeito, podemos ter a ilusão de que *tudo* se passou dentro de uma ordem pre-estabelecida, pretensão que logo se desvanecerá se intentarmos especular sôbre o futuro. A história da língua, a língua como evolução, a língua-organismo, são criações meramente intelectuais, cuja finalidade é tão sòmente especulativa, porquanto visam a fazer emergir as linhas de fôrça a que obedecem as transforma-

ções linguísticas. E' tão errado considerar a língua como um organismo, como o fizeram os nossos antepassados, como ver nela apenas um fato social, pois em ambas as concepções esquece-se da verdadeira mola que faz surgir a linguagem todos os dias, isto é, o espírito humano. Para o cientista tal maneira de ver se apresenta como tentadora, pois assim lhe é possível pôr lógica nas evoluções linguísticas, afastando delas o fator surpresa, que é o sêr humano. Tentadora e também, em parte, legítima, contanto que se tenha sempre bem claro ser o *corpo* linguístico uma abstração da ciência, por isso que o elemento realmente concreto da linguagem é o ato da palavra. E' necessário, por conseguinte, distinguir na ciência da linguagem dois aspectos: o *evolutivo* e o *criador*. A linguagem como evolução é um estudo de caráter abstrato e especulativo. Aqui de fato o linguista se encontra diante de fatos, isto é, de acontecimentos recuados no tempo, que se podem entrelaçar por nexos obrigatórios de causa a efeito. Na realidade, êsses fatos foram atos, mas, por abstração, o linguista se abstém da causa eficiente, o sêr humano, para correlacioná-los uns com os outros. E assim dirá, p. ex., que um *p* intervocálico se abrandou em *b* na passagem do latim para o português, muito embora saibamos que foi o sujeito falante a causa eficiente de tal transformação.

Já na linguagem como criação estamos diante de um *ato*, quero dizer de algo que tem de ser explicado em função do ente que o gerou e não de antecedentes simplificados pelo crivo lógico do linguista. Para estudá-lo, não é à estrutura social que devemos recorrer e sim à riqueza psicológica do sêr humano. Aqui tem insubstituível aplicação prática a aproximação sempre desejada, mas poucas vezes realizada, da psicologia com a linguística. Não apenas da psicologia dos laboratórios, dita experimental, mas de uma psicologia mais amplamente entendida, que inclua romancistas como Dostoiewski ou teóricos como Freud. O cultor da estilística tem de mover-se num ambiente vivo, onde ainda freme o calor da inspiração, mundo de afetividade

e sensações, e, por isso, tem de contar com um fator dispensável nos filólogos clássicos, a simpatia para com o autor e a obra estudada, entendida tal palavra no sentido de consonância profunda entre o psiquismo de um e outro. O subjetivismo é um dado constante na estilística, não há métodos padronizados e impostos, mas permanente improvisação de recursos, uma argúcia alerta e comprensiva, que exigem do analista verdadeiro *faro* para o ofício, a par do conhecimento aprofundado dos fatos da língua, os quais têm de ser superados por quem tente adequadamente expressar-se. Aliás, é essa a condição fundamental para todo aquele que, se proponha, estudos de caráter psicológico e não queira restringir-se a colecionar dados infatigáveis, para depois subordiná-los a qualquer teoria que, no momento, goze dos favores do cientificismo. Por outras palavras, à estilística cabe interpretar a obra em face da língua. Para tal mistér, não valem tão só os conhecimentos objetivos fornecidos pela evolução da língua, mas ainda o contacto renovador com as realidades do presente. Não se trata mais de encadear o passado com o passado, mas sim de religar a palavra à vida.

Se quiséssemos aflorar um pouco a questão, observaríamos que, na linguística da expressão, a palavra se dirige não a projetar numa tela comum sentimentos e idéias coletivizados por alguns séculos de vida social, mas a tocar diretamente o ouvinte, fazendo-o reviver em si os estados psíquicos que a motivaram. Nessas condições, o autor vai buscar às línguas o seu fundo primitivo e mais elementar. E o que, retirada toda a contextura gramatical, resta finalmente, é o movimento interior da linguagem, isto é, o seu *ritmo*, esquema vivo da ondulação peculiar ao pensamento. Essa predominância do ritmo é sobretudo visível em poesia, a mais elevada forma da arte da palavra. Ora, todas as artes visam a uma repetição da realidade — imitação da natureza, dizia Aristóteles — quero dizer, não têm por finalidade planificar o mundo, reduzido o universo a binômios racionais, mas a pôr em contacto direto conosco a

realidade presente nas suas três dimensões. Fá-lo, é evidente, por analogia, apresentando-nos simbolicamente o que se oculta por detrás de nossas impressões sensoriais. Por isso tem de sugerir mais do que dizer, encantar ao invés de explicar. E' nesse momento que o material linguístico se torna um obstáculo. De fato, a poesia está em relação às demais artes numa posição singular. Ao passo que na música, na pintura, na escultura é livre a simbólica dos sons, das côres ou das formas, na poesia a significação das palavras está presa a convenções tradicionais. E o poeta não fala para repetir o que já foi dito e sim por imperiosa necessidade de expressar-se, de transmitir a *sua* mensagem. Daí a luta com as palavras, a precisão de afrouxá-las ou distendê-las, afim de que novas polifonias possam vibrar nos poemas. O amor sensual ou plástico das palavras não nos parece assim marca da boa poesia, e o parnasianismo, como escola literária, representa até o adormecimento da poesia pura.

Nessa luta com o convencionalismo linguístico é que se apresenta ao poeta o refúgio no ritmo. Aqui, sem sair da *língua*, sem o recurso à expressão cabalística, o artista pode soltar a sua inspiração e deixar balouçá-la ao sôpro do seu estro. Nessa temerosa aventura, em que o ritmo acompanha a emotividade do escritor só vencem realmente os que têm o sinete da predestinação. Grammont, num livro admirável — *Le Vers Français. Ses Moyens d'Expression. Son Harmonie*, — estudou os valores simbólicos dos sons da língua francesa e como deles magistralmente se utilizaram os maiores poetas de sua terra. Também o príncipe dos filósofos modernos, Henri Bergson, num formoso trecho que não poderemos deixar de citar, chamando a atenção para a natureza espiritual e não material do pensamento, sublinhou o poder quasi mágico que o ritmo possui. Disse êle: “Laissez donc de côté les reconstructions artificielles de la pensée même; vous y trouverez moins des états que des directions, et vous verrez que la pensée est essentiellement un changement continuel et continu de direction in-

térieure, lequel tend sans cesse à se traduire par des changements de direction extérieure, je veux dire par des actions et des gestes capables de dessiner dans l'espace et d'exprimer métaphoriquement, en quelque sorte, les allées et venues de l'esprit. De ces mouvements squissés, ou même simplement préparés, nous ne nous apercevons pas, le plus souvent, parce que nous n'avons aucun intérêt à les connaître; mais force nous est bien de les remarquer quand nous serons de près notre pensée pour la saisir toute vivante et pour la faire passer, vivante encore, dans l'âme d'autrui. Les mots auront beau alors être choisis comme il faut, ils ne diront rien de ce que nous voulons leur faire dire si nous n'arrivons pas, par le rythme, par la ponctuation, par les dimensions relatives des phrases et des membres de phrase, par un va-et-vient tout spécial du discours, à faire que l'esprit du lecteur, guidé sans cesse par une série de mouvements naissants, décrive une courbe de pensée et de sentiment analogue à celle que nous décrivons nous-mêmes. Tout l'art d'écrire est là." (L'Âme et le Corps, in *Le Matérialisme Actuel*, p. 28-9).

Por conseguinte, o estudo estilístico de um autor exige a análise do ritmo de seus períodos, a avaliação qualitativa do seu vocabulário, as peculiaridades da sua sintaxe, entre outras coisas. O conteúdo horizontal das palavras são apenas pontos de referência para sondagens psicológicas mais sérias, que nos revelem a luta fecunda e titânica entre o espírito humano e os vários meios de expressão que determinada língua lhe venha a oferecer.

## UM PRÊGADOR BAIANO

(FREI RAIMUNDO NONATO DA MADRE DEUS  
PONTES)

LUIZ VIANA FILHO.

De tanto se nos dizer, ou acusar, a nós baianos, que pertencemos a uma terra de faladores, acabamos sofrendo dum mal que bem se pode chamar o pudor do discurso. Talvez por isso, somos, hoje, uma terra sem oradores. Estancamos a um só tempo, para fugir à pecha, a eloquência, sublime, e a verborrêia, condenável. E, no Brasil, atualmente, não haverá lugar onde menos se fale do que na Baía. Cedemos o lugar a outros.

Não foi assim até o século passado, quando cultivamos a oratória como uma arte, arte das mais difíceis e estimadas, e que atraía grandes públicos. A palavra seduzia todas as classes sociais. E os oradores esmeravam-se em conquistar-lhes os aplausos, enleando-as com os seus tropos tão ao gosto da época. E nesse mundo fascinado pela eloquência não foi pequeno o lugar ocupado pela oratória sacra, uma das mais apreciadas, e que em certo tempo constituiu diversão cara à velha Baía. “A lisonja do prêgador é a magnificência do teatro”, escreveu Vieira. E esta não faltou, no século passado, aos grandes vultos dos púlpitos baianos naquelas igrejas atonetadas de gente, gente ávida da emoção produzida pelos arroubos dos sermões.

Continuavam dêsse modo os prêgadores baianos aquela bela e grande tradição, que se vai perder em Antônio Vieira

e Eusébio de Matos. Foram inúmeros, no século XIX, os que ilustraram os púlpitos baianos, muitos dêles falando das mesmas tribunas, donde se fizeram ouvir e admirar aqueles dois mestres setecentistas. E dentre êles é justo assinalar Frei Francisco Xavier de Santa Rita Bastos, o conhecido frei Bastos, célebre pelo talento e pela vida irregular, e de quem escreveria Junqueira Freire:

“Por que te afogas, Bossuet brasileiro,  
No imundo pego da lascívia impura?”

Ele e outros, como o Cônego Antônio Joaquim das Mercês, o Padre Quirino Gomes, Frei José de S. Bento Damásio, Frei Antônio da Virgem Maria Itaparica, Mons. Fiúza e D. Romualdo Seixas. Dentre todos, porém, nenhum parece ter grangeado a fama de Frei Raimundo Nonato da Madre Deus Pontes, que o prof. Cristiano Muller, à vista das informações recolhidas em pesquisas sôbre o assunto, considera o “ponto culminante da eloquência do púlpito na Baía, durante o último século.”

No século chamou-se Raimundo Nonato de Azevedo Pontes. Nascido em 1815 (1815-1875) filho de pai inglês e mãe baiana, partilharia com um irmão, o teólogo Frei José do Espírito Santo, os mistéres da vida monástica, professando, em 1831, no convento de São Francisco da Baía. Mais ditoso do que o irmão, que, depois de vulgarizar na Baía a filosofia de Cousin e de Kant, passou os derradeiros vinte e um anos da existência privado da razão, iniciava Frei Raimundo Nonato uma das mais brilhantes carreiras de que há notícia no clero baiano. Examinador sinodal, prègador imperial, lente de Exegese e de Teologia Moral, secretário da Congregação do Seminário, secretário da Província de Santo Antônio, Custódio da Província, prègador da Santa Casa de Misericórdia, conquistaria em cada qual dêstes postos a admiração e o respeito dos contemporâneos. Entretanto, principalmente pelos seus dotes de orador, se distinguiria Frei Raimundo Nonato. Erudito, teólogo, dialecta, a palavra fácil servida por uma voz privilegiada, al-

çar-se-ia, graças a essas qualidades, até às cumiadas da celebridade, enaltecendo a sua ordem e a sua terra.

Dêle, Melo Moraes, seu amigo, deixou-nos o seguinte depoimento: "Durante os meses que estive na cidade do Salvador, Baía de Todos os Santos, de outubro de 1865 a maio de 1866, revolvendo os arquivos, procurei o meu amigo e colega o erudito padre-mestre, prégador imperial Frei Raimundo Nonato Madre de Deus Pontes, o primeiro e mais discreto teólogo do Brasil, e um dos mais eloquentes oradores que temos, não só para o visitar, como para me fornecer cópias manuscritas das crônicas da sua ordem e bem que soubesse relativo ao instituto franciscano da província da Baía." (*Brasil Histórico*, 2.<sup>a</sup> série de 1866, ps. 265 a 267). O elogio é caloroso. Primeiro e mais discreto teólogo do Brasil, chama-o Melo Moraes. E não é de presumir que a amizade o tenha feito exagerar os méritos do amigo e colega, pois não menos pródigo é o testemunho de Eunápio Deiró, contemporâneo de Frei Raimundo Nonato. Ao dizer-nos que "nenhum orador obteve maior fama na Atenas brasileira do que o frade franciscano", assim lhe traça Deiró o perfil:

"Grande e bela estatura, fronte espaçosa e elevada, nariz aquilino; lábios que fremiam ao súbito contacto da inspiração eloquente; porte nobre e gracioso, busto simpático; olhar sugestivo, ora benévolo, gesto raro e expressivo, voz sonora, que tinha um timbre singular nas notas ardentes, suaves ou ásperas." Lamentava, porém, Deiró que se não pudesse "julgar do exímio talento oratório de Frei Raimundo porque dêle não existia nenhum sermão escrito." De fato, do ilustre prégador, que fizera o elogio fúnebre de D. Romualdo Seixas, em 1861, e o elogio dos mortos no Paraguai, em 1870, até agora, salvo um sermão encontrado pelo prof. Cristiano Muller na coleção de Mons. Pinto Neves, chegara-nos apenas o eco duma reputação extraordinária. Não podíamos assim considerar se fôra justo ou não o renome alcançado pelo ilustre franciscano.

Tal lacuna acaba, no entanto, de ser preenchida com a descoberta feita por Frei Fidelis Ott, O.F.M., o mesmo

paciente pesquisador franciscano que encontrou, ainda há pouco, vários originais inéditos de Frei Antônio de S. Maria Jaboaão e que dêle nos proporcionou, retificando tantos historiadores, a data exata do falecimento. E' que, revolvendo papéis do arquivo do antigo convento baiano, achou Frei Fidelis Ott, senão todos, pelo menos a maior parte dos sermões de Frei Ramundo Nonato. São cêrca de 170 sermões, todos do punho do autor. Salvam-se dêsse modo, para uma futura publicidade, êsses valiosos documentos da eloquência dos púlpitos baianos no século passado. Tivemos ocasião de vê-los. A leitura não produz impressão correspondente à nomeada do autor. E isso depõe em favor dos dotes de orador de Frei Raimundo, que teria transmitido às suas palavras a vida, a graça e a sedução de que são capazes os mestres da tribuna. Vivendo numa época relativamente tranquila, aos sermões de Frei Raimundo falta, certamente, aquela nota política, muitas vezes causticante, e que tanto encanta nas obras de Vieira. Frei Raimundo foi apenas teólogo. E o teólogo é que desponta nos seus trabalhos de oratória sacra. Explana os mistérios e os dogmas da religião. Várias vezes a Imaculada Conceição serve-lhe de tema. E nessas ocasiões sente-se, realmente, o vigor do dialeta.

Agora catalogados, ordenados por assuntos, muitos dêles já anotados pelo honesto investigador, que os descobriu, aguardam os sermões de Frei Raimundo Nonato que se completem os resultados do feliz achado: a sua publicação. E é evidente que êste artigo não teria razão de ser se não encerrasse um apêlo. Um apêlo em favor da divulgação, em livro, das orações sacras do renomado prêgador baiano, o maior do seu tempo, segundo o testemunho dos contemporâneos. E por que não há de caber à Academia Brasileira de Letras, que tantos serviços dessa natureza já conta no seu acervo, essa tarefa, tão digna e tão alta quanto outras que já tem realizado?

## A BELA MARGARIDA

(Conto)

RAQUEL DE QUEIROZ.

Alvaro se recostou na cadeira, esmagou no cinzeiro o cigarro e ficou olhando os objetos de sôbre a mesa: o tinteiro, os livros e um cachorro japonês em madeira, horrendo e patético. Mas não fixava nada, inquieto, vago, sem ter em que pensar. Era isso o pior: não tinha nem em que pensar.

Apanhou o volume de versos, folheou-o: "... *andorinha andorinha, a minha cantiga é mais triste: passei a vida atoa, atoa...*" A gente sempre encontra um verso alusivo, bolas!

Outras páginas, passadas nervosamente: "... *si lhe propunham exemplos... éle dissimulava. Era então horrível de se ver...*"

Fechou o livro. Mais uma história alusiva, pois sentia em si estranhas afinidades com o desmemoriado do poeta. O mesmo vazio. Seria um dia também encontrado morto, "*quando já nem tudo fôsse possível?*"

Fez um esforço, — um imenso esforço, — e voltou à carta quasi pronta. Queria escrever uma bela carta para terminar honrosamente aquele melancólico final de romance; mas tudo emperrava em períodos vagos, se banalizava em lugares comuns...

Releu uma parte, apesar de tudo:

"... eu sinto, meu bem, e é isto que me desespera, que o nosso amor, que "nos belles amours", aos poucos se vão

transformando, se vão acinzentando, atingindo aquele grau morno e indeciso de "amizade quasi amorosa" que sempre me horrorizou, entre mulher e homem. Quando estamos juntos e sós, já não é aquela inquietação do desejo que nos domina; podemos ficar falando fraternalmente em cousas tranquilas, horas seguidas, e nem sequer nos tocamos nas mãos. Onde estão, meu bem, os nossos impulsos, aquela fôrça que nos atirava cegamente um para o outro, que parecia não ter limites, não querer se acabar nem se satisfazer nunca?

Chego até a lamentar os nossos desesperos; por exemplo, a noite dramática em que decidimos renunciar um ao outro; ficámos no cinema, sentados juntos, na presença de estranhos, você mal podendo esconder as lágrimas, eu, cego e meio louco, sonhando absurdamente, naquele momento de renúncia e tristeza, no que eu não daria para beijá-la, para a ter de novo em meus braços.

E não renunciámos, então; porém hoje tudo isso passou, ai de nós, ou vai passando lentamente. E nem sofremos mais, já nem sentimos o valor do que abandonamos; isso de renunciar é como ter um paralítico em casa: de início aquilo parece o pior de tudo, pensa-se que talvez até a morte fôsse melhor... lentamente, porém, a gente se habitua, e por fim já nem se tem mais consciência do semi-morto no meio dos vivos, acostuma-se perfeitamente ao convívio dum defunto... Quando meu avô adoeceu, foi assim. A princípio um horror, um pavor de morte. Depois, — êle levou anos na cadeira de paralítico — nós passávamos cantando junto dêle, vivíamos intensa e alegremente, ninguém se lembrava mais de sofrer pelo meio-morto que olhava espantado para as criaturas que o rodeavam."

"Perdôe, meu bem, si lhe falo nestas cousas lúgubres. Mas estou triste, hoje, profundamente triste e só. Não tenho mais nada em tôrno de mim, nem fé, nem esperança, nem dinheiro, e acabo de descobrir, angustiado, que talvez nem tenha mesmo uma mulher amada para amar..."

\*

\* \*

O telefone o interrompeu nesse "morceau de bravoure". Do outro lado do fio havia decerto uma barulheira desordenada, porque Álvaro mal conseguiu escutar: "... só falta você... A Lia, a Margarida, os rapazes todos... não se faça de precioso, seu bobo! Tome um taxi..."

Encostou o fone, indeciso, com preguiça. Amigos, pequenas, farra... Ora "farra"! Bobagem. Mas pensou também nas belas caras de lábios pintados, sorrindo por trás dos copos. Nos rádios iluminados dos *bars*, espalhando foxes. Na agitação, no movimento, na variedade, que é só o que resta ao homem. E na aventura que se esconde sempre na sombra das noites despertas, nas cousas impossíveis, feitas possíveis pelos milagres do imprevisto, que talvez o viessem tirar da sua amargura e do seu tédio.

Ergueu-se vivamente, dobrou a carta, pô-la no bolso do casaco, sorriu de leve. "Amanhã de manhã termino. Direi cousas mais agradáveis e talvez até lhe faça outra carta, noutro tom..."

\*

\* \*

O bando alegre discutia enfurecido quando êle chegou. Para onde iam, era o problema. Só a quieta Margarida, com as lindas pernas cruzadas, na bôca um jeito sério, desenhava aplicadamente, num caderninho de bolsa, o perfil bovino da velha gorda que chupava um refresco numa banca fronteira.

Tinham pedido sanduíches e chopes, e enchiam a grande mesa de canto do bar alemão, escuro e calmo. E as suas vozes, os seus gritos, eram absurdos e dissonantes, naquele lugar pacífico de digestão e sossêgo; pareceu-o pelo menos a Álvaro, que, do chope que esquentava nos copos, ergueu o olhar para as nevosas paisagens de pinheirais tiroleses que decoravam as paredes.

Em tórno dêle, a discussão se acendia. A bela Margarida fechou o caderno, estendeu a caneta-fonte ao dono, o poeta Conceição, que não tirava dela os olhos vermelhos,

brilhando agourentamente na cara acesa. Mas Margarida parece que não se assustava com isso, porque lhe perguntou docemente:

— Afinal, para onde vamos?

Álvaro quis que ela o notasse, e falou pelo outro:

— “*Où allons-nous? Où sommes-nous? D’où venons-nous?!*” A pergunta é velha e ainda não teve resposta. Só depois da morte, talvez...

Margarida riu e disse que gostaria de lhe desenhar a cabeça. Era assim que ela premiava os amigos. Mas não começou o desenho, teve preguiça de abrir a bolsa, tirar o caderno e pedir de novo a caneta. Estirou-se mais no banco e bocejou, reclamando um cigarro.

No grupo já se estabelecera um acôrdo. E onde iam, afinal? perguntou Álvaro. Uma das pequenas gritou, subindo para o carro: “Casino!”

\*  
\* \*

O Casino era frio, profissional, iluminadíssimo. Mulheres feias, velhas, moças de costas nuas, homens suados e nervosos, todos agrupados em volta das mesas, morrendo de angústia, ridiculamente, por causa de uma bolinha que girava numa roda. A bolinha queria parar, agora, saltava de uma casa para outra, e mais crescia a ansiedade de todos. Afinal parou, o homem da pá deu um grito, raspou o dinheiro da mesa e a tensão geral se aliviou. Álvaro se afastou dali sem interêsse e foi sentar numa poltrona ao canto do salão. O seu grupo ficara conscienciosamente em tôrno da mesa; tinham combinado divertir-se e divertiam-se heroicamente, como quem cumpre um dever. A alegre Lia dava passinhos de dança em tôrno da roleta, sorria para um, para outro, cochichava, sobrava alegria como a espuma dum chope. Parecia que tinha uma chave escondida em qualquer parte do corpo, como um boneco de corda: e bastava que lhe girassem a chave, Lia ficava alegre, dava saltinhos e risadas, fazia cócegas nos outros, di-

vertia-se, divertia-se da mesma maneira que um brinquedo mecânico roda.

De repente ela saiu de onde estava, veio em passos de baile para junto de Álvaro, puxou-lhe a lapela:

— Que tristeza, rapaz! Vamos ao bar! Você precisa é beber um pouco.

Talvez fôsse isso. Talvez bebendo lhe viesse a euforia, a inocência, a alegria necessárias; pôs-se a beber junto a Lia que, de tão contente, saltava do banco alto para o chão, cantarolando a valsa da orquestra. E êle, ao contrário, ia ficando mais sinistro, mais sòzinho e em desamparo. De súbito pôs-se a pensar em Margarida e nas suas belas pernas. Voltou a procurá-la e Lia lhe veio atrás, dõcilmente.

Lá estava ela, séria, entre os outros, jogando. Ganhava.

Que é que escondiam os seus ares de deusa? Que esconderiam? Mas a verdade é que nem mesmo isso era surpresa. Álvaro sabia, muito bem o que havia por trás dos ares de deusa, conhecia-lhe todos os lugares comuns do espírito e alguns do corpo, apesar de só agora, entretanto, lhe ter notado melhor as pernas.

Ela era assim, composta e difícil de aspecto, mas banal e de pouco fundo, e era êsse o seu segrêdo: sugeria aos inteligentes e satisfazia aos tolos, com seus ares de esfinge e sua alma astuciosa e curta de cartomante.

De repente Margarida levantou os olhos do jôgo e os circulou lentamente pela sala, à procura de alguém. Deu com Álvaro e sorriu. Depois teve um gesto autoritário:

— Venha jogar para mim.

Êle obedeceu e segurou as fichas. E a moça ordenou de novo:

— Escolha um número. O *seu* número...

\*

\* \*

Agora, na praia, esperavam que o sol rompesse entre a neblina longinqua. O ar claro da madrugada dava ao grupo uns ares de fugitivos, de náufragos. A barba dos

homens apontava, e a pintura das mulheres se desfazia irregularmente. Todos tinham os olhos inchados o rosto lasso e sonolento.

Lia abriu a bolsa, tirou o espelho, mirou-se e riu:

— Que cara, meu Deus! Também, por onde andámos, quando saímos do Casino? Fomos a quinze, vinte, ou mais lugares?

Puseram-se de novo a discutir e a fazer contas. Apuraram: ao todo nove lugares: o Wonder, o Casino, a leitaria, o cafêzinho, o...

Agitação, agitação, pensava Alvaro. Para que? E a sonhada aventura? Essa só existe mesmo de longe, é miragem, é fumaça. Nem sequer vira a bela Margarida de mais perto, nem lhe ganhara mais sorrisos do que os outros, nada sentira, ou quasi nada, nos fáceis contactos do automóvel. Só um pedaço de chocolate, comido em comum, marcara mais intimidade. Mas que adiantavam cousas comidas, desaparecidas, corpos tocados, depois afastados?

Uma bicicleta passou, tocando a campainha. Lembrou-lhe a campainha do telefone, horas antes, e a carta interrompida. Palpou-a no bolso, amarrotada, quente do calor do seu corpo. Deitou-se de borco na areia, pediu emprestada a caneta do poeta, que agora tinha muito menos das suas belas côres.

Tentou acabar a carta:

“... nem mulher amada, nem não amada, nem apenas as só desejadas. E nem vale procurar a agitação e esperar a aventura. Só dá cansaço e desânimo...”

Ja dizer mais cousas. Mas teve que se levantar dum salto, furioso, enquanto os outros riam. Uma pequena onda traiçoeira, adiantando-se da maré montante, viera devagarinho lhe ensopar os pés.

Só Margarida não riu, e continuou sentada na areia a desenhar cousas vagas. Talvez desenhasse a linha do morro contra o céu, o sol que nascia, glorioso, rompendo a neblina.

Alvaro se aproximou para ver. Ela riscava com um dedo distraído um M, a primeira letra do seu nome.

E ele sentiu de repente que a detestava.

## COUSAS DE CRÍTICA

MOISÉS VELINHO.

Em geral, a preocupação muito nossa de classificar as obras que aparecem no mercado, enquadrá-las dentro de esquemas preestabelecidos, quasi sempre arbitrários, representa um esforço ingrato, porque pouco ou mesmo nada adianta à verdadeira compreensão crítica dessas obras. Pode mesmo acontecer que só sirva para trair-lhes o pensamento ou, quando menos, restringir-lhes o conteúdo ou o sentido. Fora da história literária, admite-se a classificação como simples acidente, nada mais que um ponto de referência que eventualmente se faça necessário a uma exposição interpretativa. Um meio apenas, não um fim. Simples indicação ou ponto de partida. A não ser assim, torna-se dobrado para a crítica militante o risco de uma conclusão falsa ou errônea. De um lado, para catalogar convenientemente uma obra, encaixá-la na medida previamente arranjada, é preciso desprezar-lhe as peculiaridades, pôr de lado justamente os traços que a distinguem e individualizam. De outro lado, a bem de compreendê-la e senti-la na fôrça de sua singularidade, deve-se despojá-la do que tem de genérico, de comum com outras manifestações pertencentes ao mesmo clima estético ou ideológico. Aquí, não menos delicado é o trabalho, exigindo até maior paciência e uma especial capacidade de aceitação. Uma e outra — vejam bem — são operações que em princípio se opõem. Esta será a negação daquela. Se, pois, nos dispensássemos da tarefa de classificar, agrupar, equiparar livros e autores, tarefa tanto mais perigosa quanto nesse domínio nin-

guém se entende, subsistiriam apenas os precalços inerentes a qualquer julgamento. Mas, dos males o menor. Um mau juízo é sempre menos nocivo que uma classificação despropositada...

Decorrente dêsse, há outro vício de que tem usado e abusado a crítica indígena, sem outro resultado que não o aumento da confusão que impera nos tribunais literários do país. Confusão não só de valores, mas também de categorias. Não apenas de quantidade, mas ainda de qualidade. Refiro-me à ligeireza com que entre nós se fazem paralelos e assimilações. Quantos Dostoiéwskis já foram descobertos entre os plumitivos da geração atual? A diferença é que, enquanto o legítimo continua cada vez mais vivo na devoção universal, os nossos encabulam com a violência do confronto e se perdem em vida. Lembro-me de um crítico ilustre, e por sinal dos mais brilhantes, que, traído pela ânsia de descobrir parentescos inverossímeis, não trepidou em colocar o nosso rude Gregório de Matos ao lado de Verlaine, só porque — meu Deus! — ambos um dia se arrependeram de uma existência dissoluta e nenhum dêles pôde levar a bom termo sua vida conjugal...

A facilidade com que se traçam êsses paralelos, com que se ombreiam e equiparam os espíritos mais distanciados, não apenas pela sua desproporção, mas ainda pelas suas características essenciais, induziu a crítica falada e escrita a exagerar a influência que Contraponto, o famoso romance de Aldous Huxley, exerceu sobre Erico Veríssimo em Caminhos Cruzados, seu primeiro romance de porte.

Sente-se essa influência, sem dúvida, mas ela é mais aparente que substancial. Caminhos Cruzados não é, como se disse, uma feliz adaptação do agudo e compacto volume de Huxley ao nosso meio ralo e difuso. E' outra cousa. Sua armação, sua estrutura, a técnica a que obedeceu, serão, em linhas gerais, as mesmas do modelo inglês — intrigas paralelas, situações entrecruzadas, parênteses sem solução, abertos em irônicas ou opressivas reticências, o frequente recurso aos contrastes, o fluxo e refluxo dos temas, dos motivos, dos personagens. Mas fora dêsse terreno

impessoal, puramente técnico, não descubro outras transigências do nosso romancista com a obra prima de Huxley. Aliás, a desarticulação das fórmulas tradicionais do romance provém de uma tendência mais ou menos generalizada, não podendo ser acolhida como receita privativa do terrível ironista de *Contraponto*. Essa tendência tem sido observada por mais de um dos nossos escritores e entre eles se encontra Erico Veríssimo. Além dessa aproximação exterior, puramente formal, não me parece procedente qualquer outro paralelo entre *Caminhos Cruzados* e *Contraponto*. O senso da nossa realidade, tão agudo em Erico Veríssimo, seria o primeiro obstáculo à tentativa de transplantar para os nossos quadros sociais sem profundidade o denso mundo de Huxley. No Brasil, onde os horizontes se sucedem apenas no sentido do espaço, e onde o homem, como ainda entregue à luta com os seres cósmicos, mal começa a deitar sobre as cousas a sombra do seu espírito, sentir-se-iam mal, sem dúvida, os heróis daquele mundo cheio de raízes insondáveis, produto de idades acumuladas umas sobre as outras, — fantasmas a arrastarem consigo o velho pêso do tempo. Sem ressonância para a sua inquietação multissecular, os complexos personagens de Huxley morreriam asfixiados ao pé dos nossos muros sem legenda como sombras perdidas num magnífico deserto de verdura...

No entanto, quanta vida, quanta animação no pequeno mundo pôsto em movimento por Erico Veríssimo! Aquela gente brotou do nosso chão. Não conhece o luxo de outros climas. Nasceu aqui e aqui mesmo deixará os ossos. São criaturas sem passado, vivendo todas de dentro para fora, numa ânsia pueril de ocuparem o maior lugar na paisagem. Nada pedem ao tempo. Não conhecem contrastes irremediáveis, sinão aqueles que solicitam mais o coração que a consciência. Seus problemas perturbam e agitam apenas o ciclo estreito de uma existência. Vidas mediocres a dessas criaturas, almas sem tradição, atiradas a uma existência que se apagará sem rastro nem eco, exatamente como as anteriores, e, como estas, poupando às gerações imediatas

os compromissos irresgatáveis que os filhos das velhas civilizações trazem sempre no fundo da consciência. Em *Caminhos Cruzados*, todas as vidas como que começaram de novo. Cada uma é um dramazinho sôlto, uma experiência inconsequente.

Aí está a diferença, a grande diferença entre êsse livro e *Contraponto*. O romance inglês apresenta, na sua riqueza e complexidade, a envergadura de uma obra cíclica, onde se revê, como num espelho de mil faces, determinado tipo de civilização. O livro de Erico Veríssimo nos mostra uma sucessão de instantâneos cujas figuras se revesam sempre no mesmo plano, representativas que são de um meio social que ainda não ganhou em profundidade as dimensões de sua superfície. Por isso mesmo, por haver cedido mais à imposição do nosso ambiente que às tentações de Aldous Huxley, *Caminhos Cruzados* deixa de ser o que inadvertidamente se pretendeu fazer dêle: apenas um arremêdo de *Contraponto*.

## NOSSOS AUTORES PREDILETOS

(D' *As minhas memórias de Penedo*)

ANTONIO OSMAR GOMES.

Quando eu e os de minha geração, lá na remota e provinciana cidade do Baixo São Francisco, começámos a tomar gôsto pelas letras, os autores que mais nos deslumbraram, foram, entre outros, Eça de Queiroz, Aluizio Azevedo e Coelho Neto, no romance, Castro Alves, Olavo Bilac e Guerra Junqueiro, na poesia, e Albino Forjaz Sampaio, na prosa atrevida e cínica dos seus livros que, então, causavam extraordinário successo.

Isso era pelos anos de 1910 a 1912.

A gente lia, lia muito, e também a gente escrevia. Mas, naquele tempo, havia, geralmente, o máximo cuidado de não atentar contra as regras sagradas da gramática. Os cêrberos da filologia eram implacáveis, não perdoavam o mais pequeno arranhão na sintaxe. De modo que tínhamos de manusear os clássicos como Bernardes, Vieira, Alexandre Herculano e até o arrevezado Bernardim Ribeiro da ingênuia "Menina e Moça". Cada um de nós se mostrava, pois, mais zeloso em cultivar o purismo do idioma.

Assim era que discutíamos, apaixonadamente, os casos controversos da colocação dos pronomes, do infinito pessoal e da aceitação da particula apassivadora *se* como sendo sujeito da oração, e, para tudo isso, iamõs catar exemplos e apóio em velhos e maçudos mestres da língua.

Havíamos saído forrados de definições e mais definições das gramáticas seriadas de João Ribeiro, fazendo a

análise gramatical na "Iracema" de José de Alencar ou no "Coração" de Edmundo de Amicis, que o mesmo João Ribeiro traduzira, com tanto carinho e maestria. Quanto à análise chamada de lógica, o livro adotado era o poema de Camões, "Os Lusíadas", o maior suplício que se poderia imaginar para um estudante daquela época. O genial vate lusitano, certamente, nunca supôs que, com todo o seu engenho e toda a sua arte, torceria a construção de seus versos para torturar, assim, a inteligência e o raciocínio dos meninos, mais tarde, condenados a pôr aquilo tudo na ordem direta, extremado as orações principais e, depois, as que lhes estavam subordinadas, arrumando-as, uma a uma, em seus lugares e com as suas respectivas denominações.

Luiz de Camões, a quem Deus haja, foi, naquele livrinho grosso, de capa de couro amarelo, o nosso pior carasco, e, não raro, entre lágrimas, lhe amaldiçoámos a memória, pelos caprichos, que teve, de escrever tão difícil.

Outro cuidado extremo era-nos o da observância das regras ortográficas. Constitua erros graves e até vergonhosos para quem os cometia, por ignorância ou negligência, a omissão de um inexpressivo *c* em qualquer ocorrência do grupo *ct*, ou deixar de dobrar uma letra, nos casos em que isso se exigia, do mesmo modo que dobrá-la, quando não havia razão de ser, e assim por diante. Na escola primária, fizéramos, obrigatoriamente, exercícios de temas ditados, e o professor, de palmatória em punho, não admitia qualquer transgressão de tais regras, castigando-nos, sem dó nem piedade, si as infligíamos, o que acontecia não poucas vezes. O seu zêlo chegava ao ponto de dissecar vocábulos e mais vocábulos, expondo-lhes as raízes e tudo ao nosso entendimento, para que melhor pudéssemos raciocinar sôbre as razões históricas e glotológicas de sua grafia.

Mais ou menos o mesmo se dava com a prosódia. Havia de ser rigorosamente observada, si aguda, grave ou esdrúxula, denominações estas que, para fazermos praça de erudição, apoiados sempre nas lições do mestre João Ribeiro, substituíamos por *oxítonas*, *paroxítonas* e *proparoxítonas*. E com que ênfase enchíamos a bôca com êsses

vocábulos estrambóticos que, ouvidos pelo vulgo, nos granjeavam fama barata de muito entendidos e inteligentes!...

Assim saímos do curso primário, realmente com alguma base para um curso secundário, sem muitos precalços, o qual, no entanto, só poderíamos seguir onde houvesse ginásio equiparado, que em nossa cidade não havia.

Aliás, isso ocorreu no tempo dos célebres exames chamados propedêuticos, de tão triste memória para os nossos foros culturais, e no tempo, também, dos tais exames seriados, que davam ingresso às escolas superiores do país, independentemente do bacharelato em ciências e letras. Mas, mesmo assim, seria preciso uma viagem e a permanência de algum tempo em cidade estranha, visto que êsses exames se realizavam nos liceus ou colégios oficializados, e a muitos de nós faltavam recursos pecuniários indispensáveis para tal viagem e tal permanência.

Por isso que, enquanto não entrávamos para a "vida prática", como nos fôsse dado vivê-la, dignamente, na sociedade, na luta renhida pelo pão de cada dia, agrupávamos em grêmios literários e jornaisinhos de reduzida tiragem, dando expansão, como podíamos, às nossas tendências ou veleidades de beletristas.

Dai travarmos conhecimento com os escritores e publicistas mais em voga — romancistas, poetas, filósofos, etc.

Foi assim que misturámos o "Cortiço" com a "Relíquia" e, depois, com a "Conquista", de modo que, em pouco tempo, estávamos familiarizados com todas as obras de Aluizio, de Eça e de Coelho Neto, sobretudo a "Correspondência de Fradique Mendes", do segundo, que nos fôra uma como espécie de bíblia. Sabíamos de cor a "Velhice do Padre Eterno" e a "Morte de D. João", e como era moda, sempre que se oferecia oportunidade, recitávamos nos salões festivos, aos sons lentos da "Dalila", os empolgantes versos da "Caridade e Justiça", do "Melro", e outros muitos com que Guerra Junqueiro conquistara a admiração profunda de seus contemporâneos.

E, por conta própria, também fizemos versos, tanto nos falavam aos sentidos e ao coração a poética das rimas

quentes de Bilac, e as arrojadas estrofes de Castro Alves, lírico, igualmente, delicado e fogoso, toda a vez que o quis ser.

Romancistas e poetas foram êsses, com efeito, os mais influentes em nosso meio de limitados recursos para maiores expansões literárias e culturais. Outros houve, ainda, que chegaram ao nosso conhecimento, naquela boa quadra de nossa vida, quadra inicial, de anseios e de esperanças, e que logo conquistaram lugar de predileção ao lado daqueles já citados. Por exemplo, Júlio Ribeiro com "A Carne", Raul Pompéia com "O Ateneu", Graça Aranha com "Canaan", Machado de Assis com "Memórias Póstumas de Braz Cubas", Taunay com "Inocência", e alguns mais que, no momento, nos fogem à memória. Dentre os estrangeiros, citemos, de passagem, Victor Hugo, com "Os Miseráveis", onde a figura impressionante e a história tão humana de Jean Valjean nunca mais pudemos esquecer-las; assim como "Ilusões Perdidas", de Balzac, que nos fazia ver, em cada um de nós, o romântico Luciano de Rubempré, o poeta, o sonhador de Angoulême, a caminho de Paris, abraçando o volumezinho das "Margaridas", certo de encontrar um editor consciencioso, e antegozando o sucesso dos seus versos na Côte.

Quanto aos filósofos e às filosofias, não andávamos lá de acôrdo com as coisas da religião e da Igreja. Queríamos ser livres e bem livres de pensamento, como se nos apresentavam os grandes homens, então em voga.

Grande, pois, era a admiração que nutríamos por Darwin, Haeckel e Renan, cujas principais obras já havíamos digerido e comentado em nossas tertúlias. Só um pouco mais tarde foi que entrámos em contacto com "Assim falou Zaratustra" e "Genealogia da Moral", de Nietzsche, cujas teorias, embora muitas vezes parecessem confusas e impenetráveis, nos impressionaram fortemente.

E' certo que tudo isso já vai indo bem longe, na conta do tempo que passa... Todavia, bem perto e cada vez mais perto sentimos tudo isso, no calor emotivo de nossa saudade. Pois era assim, mesmo assim, que, lá, na sala mal

iluminada a querozene, no pavimento térreo de um vetusto sobradão da velha cidade de minha provincia natal, quantas e quantas vezes nos reuníamos, dois, três, quatro jovens, de não mais de 15 anos de idade, para lermos e discutirmos teorias que, naquela época, revolucionavam o pensamento universal e que, também, de certo modo, revolucionavam o nosso pensamento sequioso de sabedoria, dando-nos rumos decisivos, tanto no vasto mundo das idéias, como nas complexas cogitações da vida.

Sim, porque, quanto a mim, ainda hoje sinto, latentes, as imponderáveis influências intelectuais daquelas leituras, que tanto me impressionaram, quando, lá para os anos de 1910 a 1912, eu e os da minha geração, na provinciana e estremecida cidade do meu berço, nas margens bem brasileiras do Baixo São Francisco, começamos a tomar gosto pelas letras a que chamam de *belas*, e elegemos, por nós mesmos, os nossos autores prediletos.

Baía, novembro, 1941.

## O FIGUEIRÔA DO DIÁRIO 2

ANÍBAL FERNANDES

Redator-Chefe do "Diário de Pernambuco".

Leduar de Assis Rocha, médico e escritor, autor de um trabalho do mais vivo interesse anedótico sobre médicos e boticários em Pernambuco, divulga hoje um livro, destinado a uma repercussão muito mais intensa, que é este sobre *O Figueirôa do Diário*.

Bisneto do Comendador Manuel Figueirôa de Faria, que como sócio da firma Figueirôa & Faria adquiriu em 1831 o *Diário de Pernambuco* a Manuel Antonino de Miranda Falcão, Leduar de Assis Rocha vem projetar sobre essa curiosa figura de jornalista do império, na Província, esclarecimentos que fazem reviver sua curiosa personalidade.

Numa época em que o jornalismo apenas balbuciava, Figueirôa tinha por intuição o sentido do seu ofício, que para ele não era apenas o de informar, mas fazê-lo, sempre, com honestidade e seriedade. Punha o *Diário* ao serviço da coisa pública; e ele mesmo se considerava um homem público, no exercício de sua profissão.

Ao adquirir a exclusividade do jornal, escrevia em circunspecto editorial: "Sempre pusemos a mira na felicidade geral e esta será a nossa bússola".

Não era um homem a reboque de um partido ou do poder.

"Não somos criaturas, nem parasitas do govêrno; não abraçamos partido algum, sinão aquilo que nos parecer honesto".

Ninguém melhor do que Alfredo de Carvalho traçou o retrato moral do velho Figueirôa: "homem de têmpera antiga, laborioso e honesto", o que nos faz lembrar, um pouco, aquele tipo, exaltado pelo poeta quinhentista:

"Homem de um só parecer  
De um só rosto e de uma fé,  
Dantes quebrar que torcer,  
Outra cousa pode ser,  
Mas de côrte homem não é."

Não, o velho Figueirôa não era homem de côrte, e várias vezes disse no seu jornal, reivindicando a liberdade de opinião, que "a censura judiciousa e decente servia para corrigir o vício".

Por isso o *Diário* aceitava correspondências e comunicados contra qualquer empregado público. O que êle exigia sempre era que fôsem redigidos em termos, "com os requisitos legais".

Figueirôa, si não cortejava os poderosos, não os retaliava, também, com anonimatos e perfídias.

Alfredo de Carvalho comparou-o a François de Buloz, da "Revue des Deux Mondes"; e por isso é que em 1830 o *Diário* era colaborado pelas mais brilhantes penas do império: um Sousa Franco, um Nabuco de Araújo, um Lopes Gama, um Regueira Costa, um Jerônimo Vilela.

Figueirôa jamais alterou a feição do seu jornal ao sabor de conveniências partidárias. O que sempre pretendeu foi servir ao país.

— "Se alguma vez o *Diário* soltar um brado, será a bem dos interêsses públicos".

Em 1851, o *Diário* apresentava-se com uma feição "que coisa alguma tinha a invejar aos melhores jornais da Côrte", "órgão genuino de todo o norte brasileiro", como dizia Alfredo de Carvalho.

Deu Figueirôa ao seu jornal, em 1859, o formato do *Times* de Londres e igual número de páginas, porque entendia que "tendo a Providência Divina colocado esta cidade no ponto mais oriental do Brasil, destinou-a para ser

a intermediária entre a Europa e outras cidades do Império”.

Através de longo período de trabalho, conseguiu elevar o *Diário* à categoria de uma das mais sólidas empresas jornalísticas do Brasil. Durante 31 anos dirigiu e superintendeu o seu jornal, que imaginou sempre um órgão moderado, correto, acima de preocupações mesquinhas e pessoais.

E' todo um glorioso passado da vida do *Diário de Pernambuco*, que Leduar de Assis Rocha relembra no seu livro, exaltando a um antepassado, que será sempre, para todos nós, dignificante exemplo.

O editorialista anônimo, que todos os dias, neste ano dramático de 1942, comenta no velho *Diário* os fatos que se sucedem, tem diante de si a advertência cautelosa do mestre Figueirôa:

“Se alguma vez o *Diário* soltar um brado, que o seja sempre a bem dos interesses públicos”.

## DUAS MEDITAÇÕES

(SOBRE O SILÊNCIO E O TEMPO)

OLIVEIRA E SILVA.

1. Em silêncio nos escutam e presentimos. A palavra nos dispersa.

Só alcançamos, plenamente, os cimos do sêr, nas horas em que reconhecemos a inanidade da expressão verbal. Então, surge, de novo, perante nós, a paisagem perdida ou esvaecida, aquela que, um dia, fôra a primeira visão do nosso destino.

Por hábito ou prazer, muitos se dão ao desperdício oral. As vezes, no homem sofredor é um ato de defesa própria, o receio de encontrar-se, e daí perder-se, vulgarizar-se nos outros, diluir-se nos comentários de salão.

Certas dores não explodem, que desconhecem o consôlo da queixa e das lágrimas. Orgulho, pudor, excesso na intensidade, fremem num silêncio heróico. Reparai na mulher que o desespero recôndito crucifica: torna-se pedra onde a paixão, por imensa, crispa-se numa atitude imóvel.

Nos olhos há uma luz, dura ou suave, longínqua, carregada de fôrça ou de sombra, que concentra e define o trágico interior. Na face nenhum músculo se move, e paralizou à bôa inerte alguma cousa de terrível e inacabado, uma palavra não nascida, porém eterna, fixa na magnitude do silêncio.

Recordam, juntos, dois amigos episódios da juventude já distante. Alguns, alegres, bulhentos, outros amargos, melancólicos. De súbito, um clarão, uma cena que se reconstitue, uma dessas lembranças que fazem, cada vez, renascer a tristeza de que brotou.

Insensivelmente começam os dois a falar, em voz baixa, até que emudecem. O que mais se comove à recordação mergulha num dêsse silêncios totais, infinitos, em que submergimos, para, com dificuldade, regressar à superfície do sêr.

A civilização e a vida fizeram-se inimigas do silêncio. Poucos o encontram nas pausas que lhe concedem a rua, o escritório, os contactos cotidianos.

Há uma decepção, um fracasso, um desses acontecimentos que exigem sondagens de consciência, para saber porque falhamos, que circunstâncias, no caso, seriam úteis ao êxito, que lição ou estímulo teremos, porventura, a aproveitar.

O silêncio é uma fortuna, contra a qual todos arremetem, julgando-se com o direito de arrebatá-la. Existe certa desconfiança contra os homens reservados, tidos por insensíveis, incapazes de um gesto de solidariedade ou simpatia moral. Raros aceitam o seu silêncio como um refúgio das lutas e fadigas, uma necessidade imediata de sombra, para avaliação e conhecimento, dos seus atos.

Diante de nós, nada pára. Interessante ou trivial, o espetáculo é sempre movediço. Quando o percebemos, estamos, no turbilhão, a bracejar. Depois, recolhemo-nos à penumbra, à paz isolada com o espírito. Principalmente, quando feridos, sentimos que o consólo de outrem, por mais próximo do nosso sangue ou do nosso afeto, pouco valerá.

Em alguns instantes, cobiçamos a cidade dos desaparecidos. Ali, um passo humano, a estalar na areia, profana o silêncio. E' quasi com ternura que aceitamos a idéia da morte, percebendo nela o gesto doce e maternal que acolhe o combatente baleado e desiludido.

## 2. Vêde como as recordações ganham prestígio no silêncio.

Delicioso evocá-las, apossando-nos delas, pouco a pouco, sentindo-as no seu mistério ou claridade. As palavras, os gestos constrangeriam, quando não evitassem, a aparição de um mundo extinto, onde, às vezes, encontramos um encanto inesperado.

Só depois dos quarenta anos aprendemos a calar. Aos vinte, seria afetação, superfluidade, porque nada ainda tínhamos acumulado ou perdido. A juventude é a idade das aquisições. Somos, então, a torrente que rola, a nuvem que o raio do sol tocou, a impaciência, a ingênua emoção de felicidade diante das cousas.

Chega o outono. Olhamos para trás. Caminho longo, de curvas imprevistas. Muitos pântanos e algumas alamêdas floridas. Dá-nos vontade logo de recolher a sabedoria do sofrimento. A árvore, que cresceu, na planície, rica de sombra e fruto, namora o horizonte azul, a montanha próxima e colorida. Nos seus meses de primavera, julgara fácil projetar-se numa colina ou cordilheira, para daí descortinar o mundo.

Afinal, o outono. A árvore sabe, agora, em seu instinto obscuro, que a encadeam as raízes ao solo, que os seus movimentos fôram, apenas, de superfície, e só as borrascas fustigaram-na, enrijando-lhe o cerne, enegrecendo-lhe o tronco. Caem as fôlhas, uma a uma, com lentidão. Silêncio.

3. Diante da obra de arte, ou da maravilha de uma força da natureza, os que a comentam ou discutem não a sentem ou compreendem.

A beleza impõe o silêncio, porque neste se forma a onda de nossa emoção e prazer. O sinal de que nos comovem o poema ou o crepúsculo na montanha, está no silêncio em que vivemos e possuímos cada uma dessas imagens profundas.

Concebeis o filósofo, o artista, compondo a sua página em meio ao vozerio dos pregões da Bolsa?

Muito raramente fá-lo-á.

No trabalho do criador, tudo é o silêncio. Porque, aí, o mundo das imagens e dos sonhos se dilata, sem fronteiras, para o artista realizar a sua expressão luminosa. A matéria de arte palpita, e, em silêncio, atinge a suprema vibração da vida.

4. Um dos silêncios mais belos, na história, é o de Cristo, à hora do seu julgamento.

Desvairada, praguejante, a multidão reclama o suplício do Inocente. Pilatos interroga-o. E, quando lhe fala Cristo na verdade e pureza de sua pregação pública, o governador-juiz, perplexo, indaga: — “Que é a verdade?”

Impassível, o Mestre é o silêncio obstinado, que afronta, súplica ou ameaça não violarão. Silêncio que constitui a mais eloquente defesa, imobiliza os gestos do ódio farisaico, espanta a hipocrisia dos sádicos de sangue. Silêncio da justiça que mostra ao julgador a altivez da dignidade e se impõe como uma luz, uma certeza.

5. Reparai como ganha, em poder emotivo e comunicante, a oração, quando em silêncio.

Quem reza, e, assim, procura o Senhor, deverá fazê-lo mais com o pensamento do que com a voz. Adquirem as palavras de fé maior gravidade si se confundem com o ritmo do nosso coração e apenas estremecem nos lábios.

Num templo, onde se curvam as cabeças e não se eleva canto ou ladaíinha, a prece equivale ao ato mais profundo e ardente de uma vida. E' a criatura que se aproxima, compreensiva, do Criador, num esforço para a libertação do contingente. A tentativa humana de tocar e sentir Deus.

6. Olhai o céu estrelado. Embora se mova tudo no espaço, visionamos uma solidão infinita, cravejada de luzes e poeiras radiais, perdida na altura, a face do mistério, imóvel, impenetrável.

Diante do céu estrelado, toda a alma se aprofunda e silencia. É o espetáculo mais intenso que nos entremostra o desconhecido. A palavra se faz frívola e vã. Nas pupilas deslumbradas recebemos a revelação da humildade do nosso destino.

7. Comparai os lábios vivos, alegres, dos que riem, àqueles que a morte imobilizou.

Uniu-os o silêncio, para selá-los na grande mudez. Nunca mais dêles partirão as pequenas hipocrisias, as palavras astutas, convencionais. Com o silêncio dignificou-os a morte.

No silêncio existe o irrevelado de nós mesmos, o cume que pretendemos alcançar, o limite de nossa capacidade no sentimento e no pensamento. O silêncio é uma elevação. Fogem dêle os que recusam a avistar-se. Como remédio moral, nada melhor. Ensina-nos a perdoar as próprias fraquezas e as dos outros, e, ainda, diante da tolice humana, a indiferença que é o silêncio dos fortes.

## SÔBRE O TEMPO

1. Superficial o provérbio de que os extremos se tocam. Uma geração, cada vez mais, se distancia da seguinte.

Velhice e infância não se entendem. Só lhes concede o espírito do tempo alguns contactos e compreensões quando se trata da criança curiosa, ainda sem raciocínio, a interrogar, vivamente, o avô.

Verifica uma geração, às vezes, inquieta ou desesperada, que a antecessora vivera tranquila ou feliz. A dôr de uma raramente explicará ou entenderá a ventura, integral ou parcial, da outra. Entre as duas articulam-se e não cedem os equívocos, quando não se multiplicam as incompatibilidades.

Hão de parecer as idéias, os sentimentos, os costumes de uma época, aos da futura, mesquinhos, grotescos ou triviais.

A mocidade esportiva e gozadora de hoje ri daquela que, há meio século, ignorava a ginástica, a semi-nudez dos banhos de mar, entregue à cultura humanística e à correção da sobrecasaca e do colarinho duro.

Por sua vez, os velhos de agora lamentam o destino de moças e rapazes, para quem a existência é um exercício ao ar livre e a mulher um simples camarada que concorre na caça ao emprêgo, e, por isso, o outro não lhe cederá o lugar no bonde ou no cinema.

2. Reparai como o neto, de quinze ou dezoito anos, observa, quasi sempre irônico, os movimentos do avô.

Surdamente reprova-lhe conceitos e opiniões, toda a sua maneira de viver. Sem que o autorize a isso, começa a julgá-lo com

uma certa frieza analítica, porque a sua mentalidade — que, por sinal, julga perfeita — está em conflito com a que se formara cinquenta anos atrás. Zomba, sem o querer, de outra geração, quando, à socapa, escarnece do avô.

Não poderão se entender, ajustar e desculpar?

Não. Devido à intolerância. O rapaz, que tem a paixão do futebol e dos artistas de cinema, não compreende a época distante do noivado no sofá de família e da quadrilha.

Os velhos só dispõem do passado, em que se refugiam, sem transigir. Ê-lhes indiferente, quando não odiosa, uma geração, cuja vida moral se faz accessória e o indivíduo dispara, ofegante, para o dinheiro e o poder.

O tempo, assim, coloca o neto em face do avô, como um desconhecido. Por sua vez, o avô compara-o com a sua mocidade, e sente-se infeliz. O que o aflige é a ausência do princípio moral na construção da vida. Vê tudo, em redor, confuso, numa desordem que o irrita. Êle refletirá: — “Não há salvação. O mundo está perdido”.

Solitário, impertinente, restringe-se o avô ao seu círculo de giz, como também o neto estouvado e esportivo. Um e outro não percebem um olhar misterioso, que os acompanha: o do tempo, em suas infinitas ações e reações.

A juventude, quando medita nas idéias e sentimentos da velhice, não se furta à tentação de filiá-los à decadência física daquela.

A experiência do avô é sempre inútil, porque não poderá transmití-la ao neto que não aceita a sua advertência ou conselho. O moço não prevê que o equívoco e a incompreensão continuam, e, ao chegar ao têrmo do caminho, encontrará na face do descendente um espanto talvez maior.

Engana-se o sexagenário quando pensa que o mundo está perdido e a degradação dos costumes será vertiginosa e total.

O tempo reage através das gerações, melhorando-as espiritual ou moralmente, quando deformadas, ou tocando-as de cepticismo e lassidão si requintam ou se esterilizam na cultura.

No indivíduo, o grande segredo é adaptar-se à hora nascida após a sua formação e amadurecimento. Si a repele, fingindo ignorá-la, não ressôa a sua voz. Lembra um dêsse surdo-mudos que, após sacrifícios tremendos, adquirem a palavra rouca, artificial, mas não consegue comunicar-se com o mundo.

Que mutações formidáveis objetiva o tempo! *Os fatos verdadeiros* de um século deixá-lo-ão de o ser no seguinte que sofrerá, por sua vez, a mesma contingência. Não há verdades irremovíveis, eternas, porém atuais.

Si, nos últimos anos do século dezenove, um leitor, abrindo o seu jornal, encontrasse, na secção de viagens, anúncios de partidas

e chegadas de aviões de passageiros, certamente arregalaria os olhos, ou, então, gozando a pilhéria, explodiria em gargalhadas.

Esse leitor desprevenido, alheio ao secreto labor do tempo, encontraria, também, a mesma reação em quem saboreasse tal notícia. No entanto, qualquer de nós boceja diante da nota trivial da viagem aérea.

3. Há personalidades que rompem selvas, rasgam túneis, adiantam a vida, audaciosamente, pelo que inspiram nas massas um certo mal estar e apreensão. Homens que, não raro, subvertem ou precipitam as leis do tempo, e provam, com o êxito incontestável, que tinham razão em sua coragem desbravadora.

Um invento. Uma nova teoria. Uma descoberta na arte de curar. A primeira atitude da ciência oficial é o sorriso, o combate ou a negação. Nenhuma verdade, por mais impressionante, que se imponha, por si própria, como a beleza. E' preciso que o tempo, silencioso, discreto, consiga, pouco a pouco, amansando os ódios, transformar a idéia em sentimento.

Talvez um milagre? De forma nenhuma. O tempo é, sobretudo, conservador.

4. Doloroso, na esfera do pensamento e do sentimento, o seu processo dentro de nós. Quasi não lhe percebemos a marca, o estigma. Contudo ninguém mais observa e segue, com atenção, os nossos passos, do que o tempo. Ninguém mais nos envolve e arrebatava com tão viva rapidez.

Não é raro que, aos cinquenta anos, assaltem-nos remorsos ao remexer antigos papéis. Que surpresa a leitura de uma opinião ou a lembrança de um sentimento! Inquirimos a nós mesmos: seria eu quem pensava assim? Possível que amasse ou odiasse com semelhante violência?

Nossa sensação, decerto, a de que o *outro* — êsse indivíduo jovem, impetuoso, transbordante — é um desconhecido, de tal maneira longe de nós, que não o reconheceremos.

5. O tempo consome as energias que criaram e alimentaram o nosso ideal. Por mais profundos ou luminosos, a alma perdera todos os seus contactos, desligando-se de seu sentido e substância.

Daí os velhos não serem optimistas. Confinam-se em seu passado. O tempo torna-os cépticos, vazios, intransigentes nos hábitos, assemelhando-os a certas plantas aquáticas que rolam na correnteza, levando as raízes.

Certa vez, um dos meus camaradas avista, na multidão, reconhecendo-o, imediatamente, um dos melhores amigos de sua juventude, de quem se afastara há vinte anos. Não lhe veio o mínimo

impulso de chamá-lo, detê-lo. Fôrça estranha inibe-lhe os movimentos.

A sua sensação moral é de que as diversas direções tomadas, sobretudo o tempo, haviam tornado um estranho ao outro. Si falassem, após as primeiras efusões, ficariam quasi sem conversar, separados por "idiomas" diferentes.

Não lhe ocorrera, após êsse encontro frustrado, a idéia de alguma perda. Êle prossegue o seu caminho, julgando-se intacto, quando a tirania do tempo fizera na sua alma a irremediável devastação do cansaço do sentimento.

Ninguém, de seu rumo, desviará o tempo. Embora consôlo triste, si um homem, cheio de paixão, sofre o desdém da criatura eleita, poderá escrever-lhe: — "Minha vingança consiste em que tua beleza não resistirá aos anos que abrirão as tuas rugas e matronizarão as linhas delgadas do teu corpo. O tempo é uma decomposição inevitável. Chegará o dia em que aceitarás a imagem que te oferece o espelho. Tenho, por mim, o tempo..."

## VELHOS LIVROS E NOVAS LEITURAS

MARIO SETE.

De quando em vez retomo da estante um daquêles livros já há muito tempo lidos e quase esquecidos na nossa memória. Não os percebemos no seu canto de morada, silenciosos e modestos, senão um dia quando vamos por perto à procura de outro tom mais prestadio e mais buscado na ocasião. Ou quando, na ânsia de conseguir espaço para novos volumes que nos chegam de companheiros, pomos a vista nessas brochuras distantes da lembrança e dos olhos.

Há, no entanto, numa estiada curta do labor quotidiano tão avêssos a concessões de repouso para tais caprichos, ou seja num dia de convalescença que tolhe a atividade dos músculos consentindo-a à do espírito, ensejo que nos conduz ao desejo de um novo contacto com umas páginas antigas de livro assim abandonado. São companhias de 20, de 30 ou mais anos a representarem cada um dêles uma idade, uma época, um local, uma opinião, um projeto, uma ventura, uma lágrima... Ai de nós, uma saudade!... Abrimo-los, folheamo-los, relêmo-los.

Pouco importa a vetustez da capa, as rendas das traças, o amarelado do papel, a antiguidade dos pensamentos. Pouco importa! Que não nos ofereçam uma renovação emotiva, um motivo de comparação, uma recidiva de encantamento, ou, talvez, uma decepção da lembrança deixada pela primeira leitura. Pouco importa. Os velhos livros guardam, para nós, já quase velhos homens, outras delícias. Porventura menos ou nada literárias, mas delícias. Ao reabri-los e ao relê-los não é bem o prazer intelectual a se nos oferecer, muitas vezes, e sim a expressão de outros sentimentos, um sentido afetivo e íntimo.

Enquanto os olhos forçam a atenção para a beleza do poema ou do romance, os pensamentos se nos voltam para outras sugestões — as de uma evocação do tempo em que tivemos êsse volume nas mãos trazido de uma livraria ou ofertado por alguém. Há nele uma data, escrita num espaço em branco de fim de capítulo ou na página de título. Há entre as fôlhas uma marca que é um cartão,

que é um retrato, que é uma flor. Há às margens do texto uma anotação, um nome, um traço que é uma idéia, que é uma lembrança, que é uma compreensão ou uma discordância...

Inda outro dia, num tomo de Alencar, encontrei um postal com uma data. 1900, a dos meus 15 anos. Um buço a apontar, uma namorada, uma preocupação de exames, um desejo de ser poeta... E essa outra banal reunião de algarismos a despertar nova série de recordações? Encontro-a num volume de Maupassant: 1917. A do primeiro livro publicado com toda a vibratibilidade dos momentos em que lhe vemos as páginas impressas, a capa pronta, a aparição na livraria, o elogio do leitor benévolo... E de par com essas datas de adolescência ou de mocidade, as que já vêm se mostrando menos alvorotadas, mais refletidas, muito introspectivas. A de uma opinião que se teve e agora repudiamos ou modificamos; a de uma temporada de repouso para os nervos cansados ou o fígado indolente num recanto sertanejo; a de uma viagem por mar com a companhia da saudade a aumentar a monotonia dos dias de bordo; a de uma pessoa querida que se nos apresentou à vista e ao coração quando passávamos por aquele mesmo capítulo há uma década ou mais... Quantas delicadas emoções e quantas penetrantes reminiscências acodem diante de um volume de nossas estantes a dormir numa prateleira e repentinamente acordado para nossa inteligência e para nossos sentidos!

Esses livros marcam, também, nossas preferências de leitura. Balizam nosso gosto de autores e de gêneros. Este, querido outrora, hoje já não nos prodigaliza idêntica satisfação mental; aquele, porém, nunca deixou de nos ser simpático. O volume de agora, numa nova leitura, revela-nos uma expressão e uma beleza de que não nos apercebêramos em moços. Há mesmo, confessemos, uma brochura ou outra, lida até ao meio, tendo ficado de fôlhas fechadas dali ao fim, e que, afinal, lemos sôfrega e deliciosamente com pena de que tão depressa termine êsse prazer. Em contraste, para aquela brochura amarela de Paris, tão de aprêço há 25 anos, hoje não tivemos fôrça de atenção além das vinte primeiras páginas... Os velhos livros como que refletem as nossas almas. O interêsse das leituras modifica-se num processo crescente e intensivo dentro de nós próprios à medida que avançamos no tempo. O gênero de eleição antigamente deixa de ser o preferido de agora; deixâmo-lo para uma oportunidade, sôbre a mesa, e acontece por vezes não se apresentar êsse vagar. Em compensação, ressaltam a nossa avidez de leitura obras de um caráter que dantes nos teriam merecido a prevenção do fastio. Há como que um trânsito prevalecedor da ficção para a história, no termômetro de nossa curiosidade intelectual. Sobretudo a história social que se copie nos volumes dos antigos cronistas ou dos atuais ressuscitadores. Saboreamos com a gulo-

dice de uma criança diante de um dôce as páginas de Koster e Luiz Edmundo, de Debret e de Rodrigo Octávio, de Watjen e de Pedro Calmon, de Frei Vicente do Salvador e de Mota Maia, de Mary Graham e de Gustavo Barroso. Nesses criadores de um ambiente remoto ou de um cenário pouco distante, das suas e das vias alheias, reside agora, por exemplo, nossa maior sêde de conhecimento e nosso mais elevado grau de ansiedade ledora.

E' a miragem do passado para os que vão ficando de cabelos brancos. E' o ouro-velho das molduras que as saudades e as recordações põem nas telas de nossa infância e de nossa juventude. Poderá sê-lo, em parte. Não o contesto. Todavia, êsse passado, êsse ontem para que se curva nossa atenção, atualmente, não será a "múmia" que se presume na sua imobilidade e na sua duração fictícia síntese e perfeição de uma época. Não. O passado que nos atrái será o movimento, o colorido, a transitoriedade de quadros e de figuras representativos e determinadores dos novos aspectos que o presente põe diante de nossas vistas. Há, assim, o complexo sentido de existência em várias épocas: a de nossos avós, a nossa e a que já vai sendo mais dos netos do que dos próprios filhos...

Tranquemos a estante. Deixemos por lá, até outra visita fortuita, os antigos e olvidados volumes. Êles são amigos, é verdade, mas de origem humana, são também irônicos. Tanto nos podem fazer chorar como fazem a seu jeito sorrir...

## O M NA MÉTRICA

ALFREDO DE ASSIS.

Merece calorosamente louvada a secção *Autores e Livros* que constitue o suplemento do jornal *A Manhã*. Devem-se-lhe notícias e estudos de preço com relação a eminentes figuras de poetas e prosadores nacionais, ai também revividas mercê da transcrição de produções bastantes a documentar-lhes o talento e a cultura. Dirige-a o acadêmico sr. Múcio Leão, e nela algumas vezes colabora com a dêste a pena de outros escritores.

Trouxe o concurso do seu muito saber ao suplemento de 26 de outubro do ano passado o sr. dr. Sousa da Silveira, nome dos mais ilustres da Filologia em terras do Brasil. Esse mestre, em "Notas à linguagem de Casimiro", o poeta das *Primaveras* e de *Camões e o Jau*, acrescentou interessantes considerações às com que aumentara o valor à sua bem cuidada edição das obras do malgrado fluminense. Trata-se de análise tendente a corroborar a conclusão anteriormente exposta e eruditamente justificada: que "Casimiro de Abreu é tão correto como qualquer dos nossos melhores românticos".

Frisou uma das referidas "Notas" não haver nenhuma irregularidade no decassilabo

Que enfeitam a minha ilha tão formosa.

Para isso bastou-lhe ponderar que *minha ilha* poderá ler-se *minhilha*. Com efeito, nada melhormente autorizado que semelhante contração, verdadeira sinalefa, como a que

transforma em uma sílaba somente as duas primeiras do verso. A hipótese, olhada em relação à métrica, é a mesma de *minha alma*, expressão que os poetas já vão utilizando sem qualquer modificação formal, assim deixando para melhor oportunidade o apóstrofo com que indicariam a supressão do *a* de *minha*. Porém o escritor não se limitou a lembrar a legítima redução de *minha ilha* a três sílabas poéticas. Esclarece matéria talvez mais importante porque menos conhecida, quando acentua que o verso estaria bem metrificado mesmo sem essa redução, porquanto, na leitura, o *m* de *enfeitam* poderia ser tido por inexistente, donde *tam a* tornar-se apenas uma sílaba. Semelhantemente, no decassílabo de Camões

O Império tomaram a Constantino

e no alexandrino de Machado de Assis

e se quebras um olhar és tudo isso e és amor

o *m* do verbo e o do determinativo não impedem a fusão das vogais imediatamente anteriores e posteriores a um e outro. Tal espécie de sinérese sempre foi raramente empregada, em razão de jamais haver sido agradável a ouvidos portugueses e brasileiros. Não se encontra modernamente na obra de artistas de apurado escrupulo, *v. g.* o nosso primoroso Olavo Bilac; e o seu emprêgo em poesia do autor das *Falenas* é de todo em todo excepcional. Como quer que seja, tem por si o amparo de altos modelos, e erraria quem, desconhecendo-a, julgasse metro exorbitante o que se houvesse composto consoante a lição de tais paradigmas. Da mesma sorte não saberia escandir este asclepiadeu de Horácio

*Ezegi monumentum aere perennius*

quem não considerasse ortoèpicamente nulo o *m* da sílaba que se segue ao primeiro coriambo, e que forma com a palavra subsequente o troqueu do segundo. E neste ponto vem a propósito mencionar que, embora a versificação dos Ro-

manos, fundada na quantidade, essencialmente divirja da portuguesa, que se baseia na acentuação, não se pode dizer tenha a última inteiramente esquivado a influência da primeira.

Outra conjunção de vogais com a eliminação prosódica do *m* interposto é a que se vê duas vezes na presente estância da *Carta* do grande Sá de Miranda ao fidalgo João Ruiz de Sá de Menezes:

A fortaleza louvada  
 Anda em braços *com a* prudência  
 Irmã sua muito amada;  
 Põem-na avante a experiência:  
 Tudo sem govêrno é nada.  
*Coas* fôrças pouco podemos,  
 Isso que é, do saber veu:  
 O êrro jaz nos extremos,  
 O bem todo está no meo.

"*Coas* fôrças (= *com as* fôrças) não serve melhor à perfeição da sexta redondilha do que serve "*com a* prudência" à da segunda, visto como, em caso contrário, também nesta redondilha teria o poeta conservado inalterada a preposição. A presença do *m* neste caso não se opôs à realidade da ecllipse, tal qual se observa neste verso d' *Os Lusíadas* (c. III, 23), onde a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> palavras representam apenas uma sílaba métrica:

E com um amor intrínseco acendidos...

Esta, não outra, é a prática dos nossos melhores poetas posteriores ao Romantismo. Comprovo-o, recordando, de Alberto de Oliveira, a 1.<sup>a</sup> quadra do soneto *A entrada da primavera*; o 1.<sup>o</sup> terceto do soneto *Galatêa*; o 2.<sup>o</sup> do soneto *Vaso chinês*; a 2.<sup>a</sup> quadra do soneto *Só*; os três primeiros sonetos da série *Mortos para sempre*, do segundo dos quais convém trasladar quasi todo o primeiro terceto:

Disse *com os* olhos húmidos, da fala  
*Com as* tremuras, *com o* gesto doloroso,  
 Disse tudo...

Citarei, de Olavo Bilac, a 1.<sup>a</sup> quadra da inesquecível *Profissão de Fé*; *A morte de Tapir* (9.<sup>o</sup>, 32.<sup>o</sup>, 34.<sup>o</sup> e 79.<sup>o</sup> verso); os sonetos *Guerreira*, *O incêndio de Roma*, *Pecador*, *O voador*, *A Iara*, *Samaritana* e *Os amores da aranha*; a 8.<sup>a</sup> estância de *A um grande homem*; a 10.<sup>a</sup> quadra de *O sonho de Marco Antônio*; o 47.<sup>o</sup> alexandrino d'*A missão de Purna* e a 11.<sup>a</sup> sextina de *Noite de inverno*:

Dormiriam, querida...

E en, guardando-te, bela e adormecida,  
Orgulhoso e feliz com o meu tesouro,  
Tiraria os meus versos do abandono  
E êles embalaríam o teu sono  
Como uma rêde de ouro.

Lembrarei finalmente, de Humberto de Campos, recorrendo à segunda série da *Poeira*, a 1.<sup>a</sup> quadra de *Alonso de Herrera*; a 1.<sup>a</sup> oitava de *Ilhas fugitivas*; a penúltima estrofe de *Vitória-Régia*; o soneto *Na tua ausência*; os dois intitulados *Monólogos de um mártir*; a 9.<sup>a</sup>, 18.<sup>a</sup> e 22.<sup>a</sup> quadras de *Juventude*, uma das quais aqui se reproduz:

Quem pode, no deserto, entre as fulvas areias,  
Sob a cólera hostil do largo firmamento,  
Domar o temporal ou, com os braços, pôr peias,  
No seio da amplidão, à asa doida do vento?

Nenhum dêsses assinalados versificadores adotou jamais o costume de suprimir na escrita o *m* de *com* afim de obter a mencionada sinérese, muito ao contrário do que praticaram ainda os mais admiráveis desde Camões até Gonçalves Dias. Ela se manifesta, por exemplo, cinquenta e cinco vezes no poema *D. Branca*, de Garrett, e vinte e duas no *Doente de Cisma*, de Castilho, traduzido de Molière, sem que entretanto, ou nesta ou naquela obra, nem ao menos uma vez apareça com o sinal nasalador do connectivo. A elegância, o donaire da arte parnasiana julgou inútil suprimi-lo, ou conveniente conservá-lo, e dêsse modo assume o caráter de verdadeira e estranha raridade a au-

sência dêle no segundo terceto do soneto *Banzo*, de Raimundo Correia (*Poesias*, 4.<sup>a</sup> ed., pg. 191).

Vai co'a sombra crescendo o vulto enorme  
Do baobab...

Pergunto agora a mim mesmo se nas poesia e livros acima nomeados cheguei a aproveitar tudo quanto podia convir ao assunto dêste pequeno escrito. Creio que sim, porém acho possível que não. E' realmente difficil ir demorando a vista em accidentes mínimos da estrada, quando esta se desdobra em campo florido e povoado de gorgeios.

## A DANSA DOS TAPUIOS, FOLGUEDO TRADICIONAL GOIANO

RENATO ALMEIDA.

Por seus movimentos e efeitos coreográficos, a *Dansa dos Tapuios* é deveras interessante e cheia de sugestões curiosas. Assisti-a nas demonstrações folclóricas havidas recentemente em Goiânia e creio será achega valiosa aos nossos estudos de arte popular a descrição que tento, a ser esclarecida com os discos gravados pelo professor Luiz Heitor Correia de Azevedo, para a Escola Nacional de Música.

Não se trata de bailado legítimamente indígena, embora tenha tido essa origem e mantenha os motivos da vida tribal. Mas a realização, a música, os instrumentos e mesmo algumas cenas revelam o sincretismo com outros elementos folclóricos, bem como influências modificadoras do que teria sido outrora o brinquedo, quando feito pelos Carajás. E' preciso notar, desde logo, que essa dança é representativa e os índios não dançam para simular ou divertir-se, mas para cumprir os seus ritos. Quero crer, portanto, que nunca foi autênticamente indígena, mas é simples reminiscência da vida dos selvícolas, inspirada ou organizada por índios já absorvidos pela civilização.

O único informe que colhi foi o que me deu o organizador do folguedo, o sargento da policia goiana, Wadjou Manuel Paixão, caboclo, com 41 anos de idade e natural da cidade de Goiaz, onde sempre conheceu essa dança. Disse-me que de há muitos anos se fazia êsse bailado e a sua última exhibição foi em 1929. Quando garoto, em 1909,

tomou parte, pela primeira vez, nos Tapuios, fazendo o papel de Cacique. Representou outras vezes, até chegar a ser chefe de fila e diretor do conjunto. Explicou-me que o brinquedo vinha de tradição indígena, embora não participem mais selvícolas, e apenas seus descendentes, como êle próprio, neto de Carajá. Não sabia outros pormenores, dando-me assim a impressão, confirmada pelo espetáculo, de que o bailado de hoje está extremamente mestiçado, mantendo, contudo, a idéia central com certa fidelidade, sobretudo na pantomima.

Americano do Brasil, no *Cancioneiro do Brasil Central*, menciona a *Dansa do Tapuio*, como “arremêdo fiel do catera indígena e varia muito conforme os lugares e as tribus de que foi tomada de empréstimo”. E, na realidade, assistiu a uma representação, cuja segunda parte é bastante diferente da que se fez agora em Goiânia. Naquela, a luta acaba com a vitória de uma tribo e a prisão dos vencidos, que “dansam ladeados em círculo pelos vencedores ao som das vaias e assobios de um côco pequeno com dois buracos, colhido da palmeira denominada *chodó*”, enquanto, na versão que descrevo, a guerra não termina com a vitória de nenhuma das alas, mas numa reconciliação geral. No seu livro *Folclore Goiano*, o sr. José A. Teixeira cita as letras das melodias de uma *Dansa de Tapuios*, das quais somente algumas coincidem com as do bailado que presenciei. Sobre essa dança, escreve êsse autor: “Outrora bem disseminada em várias regiões de Goiaz. E’ uma dança complicada e de muita duração. Tem nove partes. Penso que a dificuldade e a complexidade da execução da mesma — são necessárias vestimentas características de índios, com instrumentos e armas, orquestra ensaiada — concorreu para ir tornando-se rara, sobrevivendo hoje em Jaraguá, onde há um conjunto treinado. Nos aspectos tomados que vão junto a estas páginas, poderá o leitor apreciar a curiosidade da referida dança, cujo estudo reservo para o próximo trabalho de — “Coreografia e Linguística”.

A música nada tem de indígena. E’ muito melodiosa, às vezes chega a ter uma certa ênfase, mas é sempre agra-

dável. A única coisa digna de particular menção é que os dansarinos iniciam o bailado cantando uma toada — *Arirê-cum-cum* — em pianissimo, o que é raro em cantos populares. Certos gritos e exclamações acentuam o ambiente selvagem, mas êsse não resulta nunca da música, que é sempre doce sem aquela monotonia discursiva do canto indígena. Os instrumentos não têm nada de característico: uma sanfona de oito baixos, que lá se chama *Pé de Cabra* ou *Pé de Bode*, bombo e um tambor surdo. Portanto, nada de índio. Ajuntarei que algumas melodias são magníficas, como o *Arirê-cum-cum*, o *Jaburê-quá-quá* e a cantiga de remar *Escondumba-a-rê*.

Trata-se de uma dança cerimonial, simulando uma guerra e depois uma festa de amizade. E' legitimamente um bailado e as cantigas têm apenas valor sonoro, para acompanhar os movimentos e sem qualquer relação ou mesmo alusão ao sentido das cenas. As evoluções coreográficas, mímicas e interpretativas, são bem ritmadas, sendo que, para acentuar a marcação, se utilizam dos bastões de ritmo, arcos, flechas e batidos dos pés. Os passos são primários e às vezes descontraídos — o que pode ser aliás devido a ensaios deficientes — mas não notei que isso prejudicasse o ritmo. O mais comum é o pulo com uma das pernas no ar. Dansam invariavelmente curvados, como é prática indígena.

Os Tapuios se vestem de índios, com penas na cintura e nas pernas, vistosos cocares, colares e chocalhos nos tornozelos. Pintam o rosto, usam camisa e dansam de pé-no-chão. Trazem uma imitação de arco e flecha e um legítimo bastão de ritmo. Os exemplares dêste eram decorados e pintados, quasi todos ornados com penas. Não ultrapassavam um metro, salvo o usado pelo sargento Wadjou, que era uma peça esplêndida, com cêrca de dois metros e de grande efeito, parecendo mais uma lança. Julguei que aquele bastão fôsse indicativo da chefia do grupo, mas êle negou, explicando o fato como mera coincidência.

Entram os Tapuios para o bailado, marchando em fila dupla, vindo à frente dois garotos, que são os Caciques de

cada ala, que representa uma tribo. Logo atrás, os capitães ou guias. Ao todo eram quatorze, além de três músicos, que precedem o grupo, mas não se vestem a caráter e, durante toda a representação, ficam sentados, não participando, pois, de modo algum, do bailado. Um dos capitães, o que comanda, usa apito, para marcar o início e o final de cada cena.

A representação se desenvolveu muito bem, revelando os participantes ensaio cuidadoso, embora o Sargento me tenha dito que tudo fôra feito um pouco às pressas, tanto que algumas cenas se haviam suprimido. Quasi todos os Tapuios eram jovens e bastante ágeis, movendo-se com desenvoltura, o que não tira contudo ao bailado uma certa monotonia, vinda talvez da circunstância de cada evolução ser muito repetida, de sorte que, depois da segunda ou terceira vez, começa a tornar-se enfadonho.

Dispõem-se os Tapuios em duas fileiras. Soa o apito, os músicos começam a tocar e êles, curvando-se, iniciam o canto, a princípio em pianissimo, alteando depois a voz e apressando o andamento, até ganhar certa imponência. Cantam o *Ariré-cum-cum*, virando-se para a direita e para a esquerda, batendo com os pés e os bastões no chão. E' o cerimonial do preparo para a guerra entre as duas tribus que se defrontam. E a luta começa a seguir. Como os índios pelem dois a dois, sai cada qual de fila, encontram-se, batem os bastões, o que significa combate, voltando depois ao lugar primitivo, enquanto saem outros dois e assim sucessivamente. Os últimos são os gurís, representando, como ficou dito, os Caciques das tribus. Depois, com o bastão, cada um por sua vez, procura bater na canela do adversário, com quem finge lutar. Êste pula a tempo. E' ainda representação do combate, feito dois a dois e ficando para o fim os Caciques.

A evolução seguinte consiste em passar os bastões pela cabeça do adversário, com o que finda a guerra. Finda simbòlicamente, sem a vitória de ninguém. Como já disse, é antes uma reconciliação geral, com a volta da paz. Cantam então, com vivacidade e bom ritmo, uma das mais bonitas

melodias do bailado, o *Jaburé-quá-quá*, e fazem roda unida, que se move com lentidão para a direita e para a esquerda, dispondo os bastões de tal sorte que neles erguem, acima das cabeças, os pequenos Caciques. Um dêles diz o seguinte, que o meu informante afirmou serem palavras xerentes — *Sinurijarim, Bacupurú, Uiapiçam, Cicaclibé Alcubá, Alcú* e que significarão: *O cavalo, o burro, o cão, o frango foi embora, correu.*

Dissolve-se a roda e refazem-se as fileiras. Começa então o que chamam descarga de combate e consiste em baterem continuamente os bastões uns nos outros, apertando o ritmo, o que é de efeito interessante e vivíssimo. Depois, abrem uma grande roda, na qual cada tapuio se coloca em frente a um companheiro, mas de lado para o centro do círculo. Simulam uma luta, segurando com uma das mãos o bastão do adversário e apertando as mãos livres. Depois se abraçam celebrando a paz e soltam exclamações de alegria, mas que dão a impressão, a mim pelo menos deram, de gritos lascinantes.

Depõem os bastões no chão e, entoando uma cantiga movida e muito doce — *Tapuranga matô mia fia?* (José A. Teixeira grafou Japuranga) — tomam os arcos e flechas e evoluem lentamente, levantando uma das pernas e batendo com os arcos uns nos dos outros, no que gastam algum tempo e terminam com um grito de alegria. A evolução seguinte — são agora dansas de paz — cantada com a melodia *Jacú já veio* — é bem movimentada. Em roda, pulam para a direita e para a esquerda, para frente e para trás. Depois, pondo as mãos nos ombros uns dos outros, como em “caminho da roça”, saltam para a frente, fazendo girar a roda com muito ritmo.

Novamente em fila dupla, cantam o *Aricum Cadiamam*, trançam os bastões nos braços e avançam para a frente para a perna do lado de fora no ar e encostando o ombro no do companheiro lateral. Voltam à roda, que é a formação mais habitual das dansas primitivas — e, como se está vendo, a mais repetida nesse bailado — e evoluem com os bastões, a um andamento rapidíssimo de valsa. De

súbito, um dos Caciques cái ao centro. Está morto! Entram os Tapuios em lamentações, que duram aliás bem pouco, porque logo o outro Cacique corre e, ao ouvido do que morreu, segreda alguma coisa. O morto ressuscita! Cessa o lamento e, ao som da valsinha apressada, continuam fazendo roda, a baterem com o bastão ora no do companheiro da frente ora no do que está atrás.

Essa cena é muito comum nos bailados populares brasileiros, significando a morte e a ressurreição do herói ou do totém. Assim, no *Bumba-meu-boi*, nos *Cordões de bicho*, nos *Congos* e nos *Cucumbis*, em que se celebram e exaltam as virtudes do que representa um principio criador, seja o animal-totém, seja o chefe. Nos Tapuios, um dos Caciques cai e o outro o ressuscita. E o herói sai glorificado e redimida a tribu.

Mudam a toada e continuam a roda, com os bastões ao ombro, levantando uma das pernas para um e outro lado, e cantando *Ana-Bicó-ê-ê*. Depois, mais ou menos com a mesma evolução, batendo, porém, o pé e o bastão no chão, cantam *Axinim*. Iniciam um ruidoso sapateado, entoando *Cambrea-naneia* com muito vigor, enquanto gingham com o dorso e terminam a cena fazendo um giro completo sobre os pés. O interessante é ser de todo o corpo a coreografia nesse ponto, o que é raro, pois os movimentos são de pernas e pés, ficando os figurantes em posição sempre recurvada, como já ficou dito.

Segue-se uma das partes mais interessantes do bailado. Um dos guias finca o bastão na terra, simulando a zinga, pau comprido com que os índios encostam ou afastam as ubás. Depois disso, os Tapuios fingem que entram para a embarcação e começam a remar, cantando uma canção no ritmo do movimento compassado dos remos:

*Escondumba-a-rê*  
*Zumba-rê — Zumba-rá*  
*Ei... Eê... Eê...*

Afinal desembarcam da ubá, firmados nos bastões que, durante a cena, serviram de remos, e são postos depois ao

centro da roda. Evoluem em tórno dêles, em movimentos laterais e de fundo, e os retomam afinal, cantando uma melodia muito suave *Compadre já veio, compadre já vai*, enquanto levantam descansadamente ora uma ora outra perna. Em seguida, marcham e cruzam os bastões, formando V com vértice para cima, à guiza de arco, debaixo do qual passam os dois que vêm atrás, repetindo-se a evolução para todos, sendo os últimos os Caciques-piás.

Finda essa última cena, os Tapuios, ao som de uma marcha executada pelos instrumentos, saem, garbosos, a passos curtos e arrastados, em formação por dois. Terminaram a exibição ingênua e curiosa, mais coreográfica do que dramática, porque não há pròpriamente enrêdo e os episódios significam apenas pretexto para as dansas ginásticas e às vezes mímicas, que nem sempre se sucedem na ordem acima indicada. Não têm uma grande desenvoltura, mas, graças ao colorido da indumentária e à sugestão musical, com melodias suaves e ritmo bem vivo, são agradáveis e de certo efeito decorativo. Como reminiscência de dansas cerimoniais, as dos Tapuios guardam um ar religioso e solene certas vezes, não dando nunca a idéia de que estejam êles aí se divertindo em esporte ou folguedo, mas cumprindo ritual severo.

Liga-se a *Dansa dos Tapuios* a uma série de bailados de origem ameríndia e que perduram com uma larga mestiçagem. Noto que neles a influência indígena se faz principalmente na indumentária, pelo vistoso das penas, tanto que, em bailados sem qualquer ligação com a vida dos índios, como nos *Congados*, em vários lugares, inclusive em Goiaz, os participantes trazem imponentes cocares. Os selvícolas não nos legaram, porém, dansas dramáticas, no sentido exato da palavra, autos populares com enrêdo, mas simples bailados, alguns dos quais movimentadísimos, como os *Cabocolinhos* pernambucanos, cuja coreografia é de excepcional importância, revelando os dansarinos qualidades extraordinárias de agilidade e destreza.

Não têm os Tapuios goianos tais méritos, mas fazem uma dansa atraente, que guarda muito, nos passos e evo-

luções, da legítima tradição ameríndia. A representação será ingênua, os movimentos e a música não terão maior originalidade, mas há um irrecusável encanto, nesse bailado, sem dúvida muito sugestivo. Essa sugestão é o lirismo mesmo do folclore, no qual não devemos buscar apenas o documento, mas a emoção profunda que brota das camadas secretas da alma popular e flue como inspiração de arte e motivo de beleza.

## NOTÍCIAS

### INFORMAÇÕES LITERÁRIAS

O ritmo da nossa produção literária, no primeiro trimestre dêste ano, foi intenso e numeroso. Além disto, nem sempre destituído de interesse. Embora as traduções de todas as categorias tenham predominado na massa total dos livros publicados, é lícito registrar o aparecimento de algumas obras brasileiras dignas de leitura, quer no terreno do romance e do conto, quer no da poesia, da crítica e da sociologia, o que significa que apesar das inquietações e dificuldades do momento, as nossas atividades culturais não sofreram colapso nem estagnação.

O movimento editorial do país nesses meses iniciais de 1942, tendo sido regular e brilhante, merece um inventário tanto quanto possível minucioso, para que se possa avaliar não só a vitalidade do espírito nacional, senão também, e sobretudo, para que se possa medir com exatidão o esforço e a boa vontade da indústria brasileira do livro, que não hesita nem se retrai diante das graves circunstâncias da atualidade mundial.

— Os amigos do sr. Abgar Renault reuniram em elegante volume, muito bem impresso e bem apresentado, as suas belas traduções dos "*Poemas Ingleses de Guerra*". O livro tem um duplo interesse: o dos poemas ingleses em si, que são, muitos deles, excelentes, e o das traduções, que são em geral admiráveis.

— Duas conferências pronunciadas pelo Padre Leopoldo Fernandes Pinheiro, com Prefácio do sr. Quixadá Felício, chegaram-nos do Ceará, com um cunho de grande atualidade: "*Os Estados Unidos em face do Cristianismo e da Democracia*" e o "*Totalitarismo e a Guerra. Posição do Brasil*".

— O sr. Gabriel de Rezende Passos, procurador geral da República, publicou em uma elegante plaquete o seu discurso de paraninfo dos bacharéis da Faculdade de Direito de Campos, que abordou tese do mais palpitante interesse: "*O Direito no Mundo Atual*".

— O sr. Osvaldo A. Cabral publicou um livro com o seguinte título: "*Medicina, Médicos, Charlatães do Passado*".

— Da Baía manda-nos o sr. Pinto de Aguiar curioso e instrutivo trabalho sobre "*Função dinâmica das bibliotecas*".

— O sr. Afonso de Carvalho deu-nos uma biografia oportuna e bonita: a de "*Olavo Bilac*", edição José Olímpio.

— "*Babel*" é o título do romance em que o sr. Cláudio de Araujo Lima fixa, com nitidez e intensidade, alguns aspectos da vida carioca.

— Do sr. Augusto de Lima Júnior tivemos um livro muito curioso — "*O Aleijadinho e a arte colonial*", no qual o autor defende os seus pontos de vista pessoais sobre o assunto.

— "*Pensamento vivo de Machado de Assis*" é uma coletânea de frases e pensamentos do autor de "D. Casmurro", com prefácio do sr. Hélio Sodré, edição da Editorial Curiosidade, "Coleção Nacionalista".

— As letras brasileiras — e sobretudo a história da nossa vida econômica — estão devendo ao sr. Cláudio Ganns um alto e oportuno serviço: a publicação, com prefácio e anotações, da "*Autobiografia*" ("exposição aos credores e ao público") do Visconde de Mauá, seguida de um ensaio "*O meio circulante no Brasil*".

— Com o título de "*Matemática divertida*", o prof. Melo e Souza (Malba Tahan) publicou um livro muito interessante de problemas curiosos, anedotas, recreações geométricas, frases célebres, erros, disparates, subtrações poéticas, imagens numéricas, etc. Um livro que ensina divertindo.

— O sr. Basílio de Magalhães publicou no começo deste ano uma pequena "*História do Brasil*" de 220 páginas, edição da Livraria Francisco Alves.

— Já em 2.<sup>a</sup> edição, apareceu nos primeiros dias deste ano a obra em que o sr. Xavier de Oliveira estuda o sentido político-militar da colonização japonesa nos países do Novo-Mundo: "*O problema imigratório na América Latina*" (Coelho Branco, Editor).

— "*Canto do cisne*" — poemas de amor — é o título do livro de poesias do sr. José Pereira de Lima, editado pelos Irmãos Pongetti.

— Do sr. Guilherme de Almeida, da Academia Brasileira, tivemos este ano um novo livro de poesia — "*Cartas do meu amor*", com ilustração de Noêmia, edição da Livraria Martins, S. Paulo.

— A sra. Iolanda Jordão ~~de~~ Breves publicou um livro de poemas: *Campos cercados*.

— Com "Introdução e notas" do sr. Afrânio Peixoto, a Editora Nacional lançou a 2.<sup>a</sup> edição das "*Obras completas*" de Castro Alves, em 2 tomos.

— "*Equador*" é o nome do romance do sr. Hamilton Barata, que apareceu este ano, em edição dos Irmãos Pongetti.

— Fixando a situação econômica do médico na atualidade brasileira, o sr. Moacir Navarro, de S. Paulo, publicou um ensaio admirável de lucidez e penetração sobre a "*Socialização da Medicina*".

— Aos seus versos, publicados em edição de "A Noite", o sr. Orlando de Moraes deu o título de "*Mãe d'água*".

— Deu-nos o sr. Alceu Amoroso Lima, da Academia Brasileira, um livro admirável de ensaios da maior atualidade, no começo deste ano: "*Meditação sobre o mundo moderno*". Edição José Olímpio.

— Na Coleção Documentos Brasileiros tivemos um importante estudo do coronel Mário Travassos: "*Introdução à geografia das comunicações brasileiras*".

— "*Mundo ajoelhado*" é o título do último livro de contos do sr. Osvaldo Orico, da Academia Brasileira de Letras, aparecido no começo deste ano.

— Chama-se "*Reprêsa*" o romance que o sr. Océlio de Medeiros publicou este ano.

— O sr. José Montelo, que já nos havia dado, além do romance "*Janelas fechadas*", alguns estudos esparsos de crítica e pedagogia, publicou este ano, na Coleção "Bibliografia" (Publicações da Academia Brasileira) um modelar ensaio bio-bibliográfico sobre — "*Gonçalves Dias*".

— Aos seus poemas o sr. José Tavares de Miranda deu o título de — "*Alambôa*".

— "*Balada de Campos do Jordão*" é o título do livro de poesias que o sr. Ari de Andrade publicou este ano.

— Nos primeiros dias do ano corrente apareceu — Edição José Olímpio — um interessante ensaio do sr. A. L. Nobre de Melo sobre "*Augusto dos Anjos e as origens da sua arte poética*".

— Mais um livro de viagens publicou o sr. Herman Lima: "*Outros céus, outros mares*" — Edição José Olímpio.

— O sr. Armando Louzada deu o título de "*Cortina sonora*" ao livro que publicou este ano.

— Nos primeiros dias de 1942 a Livraria José Olímpio Editora lançou mais um livro de poemas do sr. Augusto Frederico Schmidt: "*Mar desconhecido*".

— "*Alvorada*" é o título do livro do sr. Sílvio Moreaux, aparecido no primeiro trimestre do corrente ano.

— O sr. Luiz Martins publicou em S. Paulo, este ano, um pequeno volume de ensaios sobre artes plásticas: "*Arte e polêmica*".

— Tivemos êste ano um volume de estudos de literatura e história do sr. Castilhos Goycochêa: "*Homens e idéias*".

— Veio-nos do Rio Grande mais um livro do sr. Erico Veríssimo: "*Gato preto em campo de neve*" (crônica de uma viagem aos Estados-Unidos). Edição da Livraria do Globo de Pôrto-Alegre.

— A Livraria José Olímpio Editora publicou já, êste ano, uma 2.<sup>a</sup> edição do último romance do sr. José Lins do Rêgo: "*Água mãe*".

— Edição do Instituto Nacional do Livro, tivemos êste ano um livro do maior interêsse: "*Bibliografia de Gonçalves Dias*", do sr. M. Nogueira da Silva.

— Um acontecimento literário importante, êste ano, foi o aparecimento dos dois volumes do romance cíclico do sr. Octávio de Faria — "*O lódo das ruas*" (Os Paivas I), que é o III romance da "*Tragédia Burguesa*".

— "*Vida maravilhosa e burlesca do Café*" é o título do livro do sr. Teixeira de Oliveira, editado pelos Irmãos Pongeti.

— Com prefácio do sr. Tasso da Silveira, foi publicado êste ano (edição póstuma) o livro de ensaios de Henrique Abílio: "*Crítica Pura*".

— "*Como se deve curar*" é o nome do curioso volume que o sr. Júlio Chaves publicou êste ano, com prefácio do prof. Maurício de Medeiros.

— Infatigável no estudo, no trabalho e na pesquisa, o sr. Nelson Werneck Sodré, cuja obra, da maior significação, o situa entre os nossos críticos e sociólogos do maior prestígio, deu-nos êste ano mais um livro: "*Orientações do pensamento Brasileiro*".

— Do sr. Aluízio de Almeida saiu êste ano um livro da mais palpitante atualidade: "*A Revolução liberal de 1842*".

— As "*Reminiscências do Barão do Rio-Branco*", — publicadas — Coleção Documentos Brasileiros — por seu filho, o sr. Raul do Rio-Branco, constituiram motivo de viva curiosidade histórica nos nossos círculos culturais.

— A Livraria José Olímpio Editora está anunciando para êste ano, na "Coleção Documentos Brasileiros", os seguintes livros: "*Diogo Antônio Feijó*", do sr. Octávio Tarquínio de Souza; o segundo volume da "*Formação da Sociologia Brasileira*", do sr. Almir de Andrade; a "*Geografia dos mitos brasileiros*", do sr. Luiz da Câmara Cascudo; "*Gonçalves Dias*", da sra. Lúcia Miguel Pereira; "*A vida exuberante de Olavo Bilac*", do sr. Eloi Pontes; "*Estudos sociais*", de Sílvio Romero; e "*O Rio de Janeiro no século XVII*", do sr. Vivaldo Coaraci.

— "*A tragédia ocular de Machado de Assis*", é o título de um ensaio do sr. Hermínio de Brito Conde, no qual o autor do "*D. Casmurro*" é estudado, na sua vida e na sua obra, do ponto de vista da oftalmologia.

— O sr. Luiz Aníbal Falcão deu-nos este ano dois livros muito interessantes: um ensaio sobre o "*Conto Brasileiro*" e um volume de "*Teatro e Literatura*".

— Comemorando o centenário de Prudente de Moraes, o sr. Rodrigo Octávio Filho publicou um livro sobre o estadista brasileiro: "*Glória e sofrimento de um govêrno*".

— Apareceu afinal, em edição da Livraria José Olímpio Editora, o romance do sr. Cecílio J. Carneiro — "*A fogueira*", prêmio de romance da União Pan-Americana.

— "*A noiva do tropeiro*" é o nome do romance em que o sr. Abílio Barreto fixa costumes e cenas da vida mineira.

— O sr. Edmundo Moniz publicou um romance: "*Branca de Neve*".

P. J.

## REVISTA DAS REVISTAS

### AMÉRICA

Das revistas recebidas pela Biblioteca da Academia, no ano corrente, extraímos as seguintes notas:

*Boletim da União Panamericana* — Maio, 1942. — E' supérfluo encarecer o valor dêsse Boletim pelo seu caráter oficial. Cada número nos dá sempre a visão panorâmica da América, e todos os artigos dêsse número, como as secções permanentes, apresentam interesse singular na hora em que vivemos. Abre o Boletim uma compilação de um trabalho de Minneman, publicado em *Foreign Agriculture* de fevereiro dêste ano, sobre *Aspectos da Economia Cubana*, onde deparamos problemas tão parecidos com os nossos, com produtos tropicais que tão bem conhecemos, saindo de uma monocultura açucareira para uma policultura que vai além do fumo, importando petróleo, carvão e trigo... Cuba é um centro de mineração importante, é o maior produtor de manganês, depois do Brasil. A dominicana Silvéria Rodriguez Demorizi publica um artigo sobre a maior poetisa de sua pátria, Salomé Ureña, "poetisa, mestra e mãe", é a quarta de uma série de biografias de "mulheres da América". A poesia de Salomé Ureña (1850-1897) é um cântico de amor à sua *Quisqueya* (nome indígena da ilha de S. Domingos). Outro artigo de interesse é o de Henry Cowell, notável musicista americano, sobre o Centenário da Sociedade Filarmônica Sinfônica de New York, onde acentua o signo de renovação, sob o qual nasceu esta organização musical, que é "a mais rica de toda a América do Norte, tendo sido a que maior número de regentes já trouxe ao país e a que lançou maior número de primeiras audições". Com efeito, em 1842, numa época em que Brahms e Tschaiowsky se achavam na infância, Wagner e Verdi

começavam, Schubert era um desconhecido e Beethoven "um selvagem demolidor das formas clássicas", com a Quinta Sinfonia, realiza-se o concerto inaugural! *Novas indústrias na América Latina* é um artigo da sra. Dorothy Tercero, cheio de informações curiosas sobre construção, mineração, e indústria frigorífica na América Latina, merecendo o Brasil referências especiais.

O Boletim publica a Parte II de *América e a Guerra*, em que são publicadas todas as medidas oficiais dos países americanos, a respeito da defesa do Hemisfério.

As notícias panamericanas cingem-se à *Segunda Conferência Interamericana de Agricultura, Estrada de Rodagem Interamericana, Cooperação Interamericana no domínio da Arte e Segundo Concurso Literário Latino-Americano*.

O necrológio é dedicado ao nosso grande Epitácio Pessoa, a Arno Konder e a Percy Alvin Martin. Este último, notável historiador norte-americano, em relação ao Brasil, foi sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Histórico do Rio Grande do Norte, Comendador da Ordem do Cruzeiro do Sul e escreveu: *La Esclavitud y la Abolición en el Brasil*.

\*

*American Literature* — March 1942 — E' uma grande revista, publicada pela *Duke University Press*, Durhan, North Carolina. E' uma revista de história literária, crítica e bibliográfica, fiel expressão da cultura norte-americana. Tem-se, através dela, um retrospecto do que vai pelo mundo das letras na pátria de Washington. Um simples anúncio de um livro da mesma fonte da revista é uma tentação: *Return to the fountains* de John Paul Pritchard, sobre a influência de Aristóteles e Horácio em nomes como o de Poe, Emerson, Longfellow...

Um artigo sobre George Ripley, de Arthur Scultz e Henry Pochmann, da Universidade de Wisconsin, abre esta magnífica revista.

Destaca-se ainda um estudo de Allen Morris, em torno da figura de William Gilmore Simms, êsse grande poeta americano, que, ao morrer em 1870, deixava 19 volumes de poesias, 28 novelas, dramas, três histórias, uma geografia da Carolina do Sul e outros escritos.

Não menos interessantes são: um estudo profundo, em muitas páginas, do discutido "Boston Hymn" de Emerson; um trabalho de Louise Dauner sobre Robinson, poeta tão pessimista, e, na excelente e "exemplar" (exemplar para nós!) secção *Notes and Queries*, algumas páginas notáveis sobre Poe: *Dostoiévsky on Edgar Allan Poe*.

A interpenetração desses dois gênios de duas diferentes literaturas é estudada com agudeza e documentação. Há Poe em Dostoiévsky e há Dostoiévsky em Poe. Há situações idênticas em *Crime e Castigo* e em *The Tell-Tale Heart*...

Aliás, o argumento inicial, mesmo em relação à literatura russa, é de peso: "The influence exercised by Edgar Allan Poe on the Russian literature

of the nineteenth and twentieth centuries deserves more attention than it has hitherto been given. At least of Poe's preeminent characteristics, his *psychological* subtlety and his fantastic *realism* (or realistic fantasticalness), are intrinsically akin to the Russian mind."

\*

*Ultra* — Mayo, 1942, Num. 9 — La Habana-Cuba — Nós fazemos uma revista de revistas, num artigo; *Ultra* é uma revista-revista de revistas...

Como sempre, bons artigos uns, outros infelizes.

Há, por exemplo, uma crítica que se aplica a dois artigos de publicações protestantes americanas (*Falangismo, sinarquismo y ultramontanismo* e *Enigma jesuíta*) e a um livro do americano Lewis Mumford — *Faith for Living* — de onde alguns trechos aparecem na secção *Correo de Libros*.

Todos êles, sob pretexto de atacar o Eixo, desandam em calúnias contra a Igreja, imaginando uma igreja política autora de fascismos... Só a ignorância ou a má fé podem engendrar tal atitude, pois a encíclica contra o nazismo do grande Pio XI, por si só, é uma resposta permanente contra tão perversos equívocos... Aliás, o crítico da útil revista cubana cita tais trechos também para censurá-los, por isso que a idéia do sr. Mumford é a de criação de uma espécie de fascismo, para defender a Democracia...

Entretanto, há excelentes artigos, como o de Mrs. Roosevelt, cheio de grande simpatia humana pelos estrangeiros que vivem e trabalham pela grandeza da democracia americana, condenando os anúncios de "não se aceitam empregados estrangeiros". Aliás, o título do artigo é expressivo: *Uma nação de nações*...

Um trabalho digno de citação é o do grande criminalista argentino Mariano Ruiz Funes, publicado na *Revista de Psiquiatria y Criminologia* e também escolhido entre as seleções de *Ultra: Actualidad de la venganza*. É uma séria e profunda análise do direito penal nos estados totalitários, tendo o autor uma concepção verdadeira do problema da personalidade humana. Para mostrar a segura orientação do autor, basta que, ao lado dos clássicos do Direito em geral e do Direito Penal, cite Ruiz Funes um Bergson, um Dante, e dêles retire o seu conceito de Justiça. Um pequeno trecho definidor do nacional-socialismo e do comunismo reflete ainda melhor a posição certa em que se encontra o penalista platino:

"El nacional-socialismo es una biología, edificada sobre los conceptos de la raza y de la sangre. El comunismo ruso, una mística cuyo extraño carácter, infrahumano a veces y respectivamente "subhumano" para o "coro", ha señalado Berdiaeffe en un libro admirable. La idea de justicia es sustituida en ellos por otros valores a veces útiles, con una utilidad actual y pasajera; a veces evanescentes, como verdaderos mitos de una total indigencia moral."

\*

*Anales de la Sociedad de Geografía e Historia de Guatemala* — Tomo XVII — Marzo de 1942 — Número 5 — E' uma revista trimestral, excelente repositório de documentos sobre a história da Guatemala. Traz a apologia do indígena guatemalteco Manoel Tot, que teve papel tão influente na independência de sua pátria, feita por Fernando Juárez Muñoz, na sessão comemorativa do CXX aniversário da independência da Guatemala. O resto é documentação: *Instrucciones dadas por el Ayuntamiento de Guatemala al diputado a Cortes, Canónigo D. Antonio de Larrazábal; Rabinal Achí*, peça dos antigos quiches de Rabinal, adaptada ao castelhano por Antonio Villacorta e *Autos acerca de que la Universidad de San Carlos Borromeo sea trasladada a la casa que habia ocupado don José de Alcántara, ubicada al Sur de la Catedral* — Guatemala — 1763.

Aliás, a propósito desses autos, trazem os *Anales* uma interessante fotografia, onde aparece, em suas linhas graves, o edificio da Universidade de São Carlos Borromeu, que, construido desde 1763, resistiu aos terremotos de 1773.

\*

*Studium* — revista universitária de Guatemala — N. 5 — Enero. 1942 — Ainda um encontro cultural com a Guatemala. Não temos igual, talvez por sair tal revista trimestralmente. Entre nós, a ambição de se fazer uma revista mensal, ou às vezes quinzenal, tem resultado na precariedade de nossas revistas universitárias. E' o órgão dos estudantes universitários da Guatemala. A revista é compacta, com perto de cem páginas e tem tudo que pode interessar a um universitário: secções médica, odontológica, de engenharia, de ciências sociais, etc.

A nós, particularmente, interessaram as secções: *Ciencias Jurídicas y sociales* e *Extensión Cultural*, apesar de haver em outras secções estudos interessantíssimos, como os sobre Pasteur e Galileu. Na primeira das secções citadas, há o "ensaio" de José Roiz Bennett — *Indicación sobre la Filosofía de Edmundo Husserl* — que é um resumo admirável da filosofia do grande existencialista, aquele que na Universidade de Friburgo foi substituir Rickert e foi continuado, de certo modo, por Heidegger.

\*

*Extensión Cultural* é dedicada a vários poetas do continente e vem, em primeiro lugar, como é natural, o grande Ruben Dario, que pertence a Nicaragua, à América e ao mundo. Há poemas de Jorge Carrera Andrade, equatoriano; da grande Juana de Ibarbourou, honra do Uruguai e da América; do argentino Leopoldo Márechal; do columbiano Porfirio Barba Jacob; de Nicolás Guillén, cubano, e do chileno Salvador Reys, com um belo poema a Antofagasta:

*"Puerto anhelante, iluminado, ebrio,  
Entre la acritud del mar e de la Pampa,  
escucha la tonada triste y salobre  
de Antofagasta."*

## BRASIL

## DOS ESTADOS

*Revista da Academia Piauiense de Letras* — Maio de 1942 — Ano XXV — N. 19 — Realmente, temos um grande desconhecimento do que vai pelos Estados... Tantos nomes, para nós desconhecidos, e tanta vida, que essa revista exprime!

Entre as colaborações distinguimos a do sr. Simplicio Mendes, sobre Osvaldo Spengler e a de Martins Napoleão: *Semeadora de Felicidade*, que outra não é senão Selma Lagerlöf. Entre os discursos, sobressai o do sr. Martins Vieira, ao tomar posse na Academia Piauiense. O sr. Martins Napoleão, aliás, publica bons versos e há versos a êle dedicados. Vê-se que é grande o seu prestígio no Piauí. E êle o merece. Aliás Gastón Figueira, poeta uruguaio, traduziu alguns de seus poemas. E nós, que já criticámos alguém que citou Tristão de Ataíde, numa tradução francesa, vamos citar o sr. Martins Napoleão em espanhol. Mas é que só assim encontramos êstes belos versos na revista:

*“Nuestros antiguos hermanos, los salvajes de la tierra,  
hijos del sol, amamantados por la luz,  
sentiam miedo de la máscara negra de la noche.”*

\*

*Valor* — Abril — 1942 — Ano V — Fasc. 1 — N. 24 — Continua sempre combinando o nome e a matéria a conhecida revista cearense. Tudo o que é do Ceará, tem um certo sabor para nós.

“*Valor* surgiu para refletir o momento brasileiro nas letras e nas artes”...

Em tantos nomes, desconhecidos, por culpa nossa, os nossos bem conhecidos Luiz Sucupira e Tristão de Ataíde. Luiz Sucupira, com aquele bom catolicismo, que é dêle e do Ceará, escreve sobre os deveres cristãos do homem casado, debatendo o tema do casamento, a que Claudel chamava “sacrifício do prazer” e a atitude do homem perante êste conceito, em que deveres aparecem ao lado de direitos... No artigo de Tristão de Ataíde, estranhámos aquele “Especial para *Valor*”, pois cremos já ter lido essa página magnífica em tórno de Nina Federowa, que veio marcar uma evolução no romance russo, levando à lembrança do maior dos nossos críticos o nome de Alia Rachmanova, a autora de *Diário de um Estudante*.

Também, em *Valor*, aparecem traduções do poeta uruguaio Gastón Figueira, que tem uma predileção especial e confortante por nossa poesia (poemas de Aluizio Medeiros).

\*

*Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul* — Ano XXII — Jan. 1942 — N. 85 — A excelente revista trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul vem cheia, em suas 258 páginas, de artigos bem documentados, transcrições bem escolhidas e noticiário amplo e interessante. Abre a revista o necrológio sobre Alfredo Ferreira Rodrigues, o completo historiador das coisas do Rio Grande do Sul, autor da *Grande Revolução Farroupilha*. Os escritos que se seguem, todos, apresentam um interesse singular: a conferência do sr. Darcy Azambuja sobre *O Brasil e a Companhia de Jesús*, em que pinta, com vigor, as desgraças que advertiram os beleguins de Pombal, levando-os a um juramento de que agiriam com justiça, em relação aos formadores de nossa nacionalidade, juramento cumprido por um deles apenas; *Notas para a história das ferrovias sul-riograndenses*, de Átila do Amaral; *Tricentenário da Batalha do Mboré*, do Pe. Luiz Gonzaga Jagger S.J., seguido do documento *Relação da Guerra e vitória dos aborígenes* (por Cláudio Ruyer, que Capistrano escrevia Rurger...), em que os bandeirantes derrotados sofreram o castigo de terem procedido como conquistadores violentos. O sr. Raul Panatiéri escreve *Contribuição aos estudos dos problemas de alimentação no Rio Grande do Sul*, um estudo que é um verdadeiro ensaio pela extensão e profundidade.

Entre as transcrições, destaca-se um artigo do sr. Castilhos Goycochea, publicado no *Jornal do Comércio*, aqui do Rio, sobre *Maragatos e Gaúchos*. O A., documentadamente, procura provar, depois de estudar os *maragatos*, povo de descendência árabe e curioso que habita o Norte da Espanha, a influência de tal povo sobre os costumes dos gaúchos do Sul de nosso continente. As bombachas e o *tranco* (intermediário entre o passo e o trote) revelam, segundo o A., as relações entre dois povos cavaleiros: o gaúcho e o árabe.

\*

*Vozes de Petrópolis* — Ano XXXVI — Fevereiro de 1942 — Abril 1942 — Junho 1942 — A conhecida revista católica tem mais êsse sentido universal de seu pensamento religioso que qualquer expressão localista.

Em o número de fevereiro, dstingue-se o artigo de Vilhena de Moraes sobre *O Processo dos Távoras*; em o número de abril, o artigo de Jônatas Serrano sobre *A Atualidade de Farias Brito*, autor que o ilustre historiador conhece como ninguém e, finalmente, merece citado *O mistério poético*, de Tasso da Silveira, em o número de junho.

Comentando o livro que é o título de seu artigo, de Pierra Trahard, o grande crítico paranaense emite conceitos profundos sobre a essência e o sentido da poesia na estética de nosso tempo.

#### DISTRITO FEDERAL

*A Ordem* — Maio 1942 — Ano XXII — N. S. — E' uma revista irmã das *Vozes de Petrópolis* — Fundada pelo grande Jackson e dirigida por Alceu de Amoroso Lima, é a maior expressão da cultura católica em nossa terra.

Com uma feição material toda nova, apresenta a revista um *Registro*, de grande influência no pensamento católico e uma secção moderna de *Livros e revistas*. A crítica filológica desta última secção, a cargo de Sílvio Elia é, no género, a mais significativa de nossos meios culturais. Basta ler a dêsse número sôbre *Novos rumos em Filologia* do jovem e talentoso professor Almir Câmara de Matos Peixoto. Entre os artigos, além do de Frei Sebastião Tanzim O.P., a respeito de *O conhecimento por conaturalidade*, sobressai e conforta a alma o do sr. Francisco Mangabeira, *Que é ser católico?* Não esperamos nada mais do sr. Francisco Mangabeira, para alegria do Senhor, do que a mesma mística que o antigo *leader* da Aliança Nacional Libertadora certamente possuía como sem-Deus. Há uma tal simpatia humana na catolicidade do "atual" Francisco Mangabeira que dá vontade de bem-dizer a época do afastamento de Deus, porque, como aprendera Maritain, é bem da língua portuguesa o *Deus escreve por linhas tortas...*

\*

*Revista Brasileira de Geografia* — Janeiro-Março de 1942. — Ano IV — N. 1 — Como sempre, a Revista oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística vem cheia de artigos e comentários especializados, noticiário e documentação. O Eng. Vergílio Correia Filho escreve sôbre Cuiabá, *afluente do Paraguai*; merecem especial menção ainda *Geopolítica e Geografia Política* de Everardo Backeuser e *O Estado atual dos solos no município de Campinas*.

O artigo de Everardo Backeuser tem a sua contundência característica. Com a sua profundidade conhecida, estabelece os limites convenientes da Geopolítica, de um lado, da Geografia Política, de outro, e da Política, em geral, ainda de outro lado. Mostra a confusão entre êsses conhecimentos distintos e, até mesmo conflitos da Geopolítica com a História, fazendo um estudo completo do criador da Geopolítica, Rudolf Kgelén, cujas idéias tem sido por êle divulgadas no Brasil, desde 1925.

\*

*Novas Diretrizes* — 1.ª quinzena de junho de 1942 — 2.ª quinzena de 1942 — É uma revista de política, cultura e economia, dirigida por Azevedo Amaral. Em o número da 1.ª quinzena, há um artigo do Padre Arlindo Vieira sôbre *O Ensino da Matemática*, em que o ilustre pedagogo patricio escreve com a sua veemência característica, sempre em benefício da cultura clássica, de que S.S. é um defensor famoso. Aliás, na 2.ª quinzena, o Padre continua... com *Os programas de matemática*. Neste número, entre as "páginas antigas", encontramos um artigo do grande Jackson de Figueiredo. *O partido da experiência*, em que surge o Jackson de sempre, defensor da ordem e da Igreja Católica, inimigo da Revolução e da falsa liberdade.

\*

*Boletim da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais* — Março e Abril de 1942 — O *Boletim* nos dá uma visão panorâmica de todas as atividades do teatro, do rádio e do circo, no Brasil. Os assuntos são todos palpitantes e de utilidade para o meio teatral. Há estatísticas de peças de teatro representadas, de espetáculos de circo, etc. A secção “Esboços biográficos de autores teatrais” traz dois nomes vivos, o do sr. Abadie Faria Rosa e o do sr. Paulo de Magalhães... — O. C.

## ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Faleceu em Portugal, no mês de janeiro último, o sócio correspondente José Maria Rodrigues, que se especializara em estudos relativos a Camões e sua época.

— Em sessão de 15 de janeiro foi eleito membro correspondente da Academia, na vaga aberta por morte de Carlos Malheiro Dias, o sr. Egas Moniz, médico e escritor português.

— A Academia concedeu Palmas Acadêmicas de ouro ao sr. Franklin Delano Roosevelt, presidente dos Estados Unidos da América do Norte.

— Em 21 de janeiro, à noite, realizou a Academia uma sessão solene em homenagem aos Delegados à III Reunião de Consulta dos Chanceleres Americanos. Falaram os srs. Acadêmico João Neves da Fontoura, pela Academia, Enrique Guñazú, ministro das Relações Exteriores da Argentina, em espanhol, Sumner Welles, sub-secretário dos Estados Unidos da América, em inglês, Dantès Bellegarde, delegado do Haiti, em francês, e, por último, o sr. Osvaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores do Brasil.

— Em sessão pública de 30 de abril comemorou a Academia o centenário de Antero do Quental, tendo sido orador o sr. Clementino Fraga.

— Em 16 de junho realizou a Academia sessão pública em memória de Amadeu Amaral, cujo retrato foi inaugurado em uma das salas da Casa. Falaram os srs. José Carlos de Macedo Soares, presidente, Guilherme de Almeida, sucessor de Amadeu Amaral na cadeira n. 15, Altino Arantes, presidente da Academia Paulista de Letras, Sud Menucci, membro dessa mesma Academia, e os acadêmicos srs. Ribeiro Couto e Gustavo Barroso.

— A Academia comemorou o centenário de François Coppée realizando sessão pública aos 25 de junho, em que ocupou a tribuna o sr. Roquette-Pinto.

— No dia 29 de junho, em sessão pública, foram distribuídos os prêmios aos laureados nos concursos literários da Academia em 1941, a saber: — “Primeiro Prêmio da Academia Brasileira”, ao sr. Menotti del Picchia, pelo seu romance *Salomé*; “Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira”, ao sr. Alphonsus de Guimaraens Filho, autor do livro de poesia *Lume de estrêlas*; “Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira”, à sra. Tetrá de Teffé,

autora do romance *Batí à porta da vida*; "Prêmio Coelho Neto da Academia Brasileira", ao sr. Paulo de Oliveira Lima, autor do livro de contos e novelas *Ibraim*. Falaram na mesma sessão o presidente sr. José Carlos de Macedo Soares e o laureado sr. Menotti del Picchia.

— A sessão de 29 de janeiro compareceu o sr. Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde, que expôs à Academia um plano para realizar a unidade ortográfica entre Brasil e Portugal, tendo a Academia Brasileira aprovado que "a base da organização do Vocabulário seja o da Academia das Ciências de Lisboa".

— O pintor português, residente em Santos, sr. Comendador Rodrigo Soares, ofereceu à Academia os retratos a óleo de Amadeu Amaral, Humberto de Campos e Guerra Junqueiro, membros falecidos da Academia, efetivos os dois primeiros e correspondente o último. O sr. Olegário Mariano ofereceu também um retrato a óleo de Castro Alves, trabalho do pintor brasileiro Joaquim da Rocha Ferreira, e um medalhão de Casimiro de Abreu.

— Na Faculdade de Direito de S. Paulo foi inaugurado, aos 19 de maio, o busto do falecido professor Alcântara Machado, ex-diretor daquela Faculdade e membro efetivo desta Academia. Falaram nessa ocasião os srs. professor Cardoso de Melo Neto, diretor da Faculdade, e Leví Carneiro, que proferiu uma conferência acerca do saudoso professor e acadêmico.

— A Academia no corrente ano publicou os seguintes volumes:  
*Gonçalves Dias* (Ensaio bio-bibliográfico), por Josué Montelo.  
*Anais da Academia Brasileira de Letras*, vol. 63 (janeiro a junho de 1942).  
*Raimundo Correia* (O homem e o artista), pelo Cônego F. M. Bueno de Sequeira.

Acham-se no prelo o *Panorama da Literatura Estrangeira Contemporânea* (1914-18 a 1941), conferências realizadas na Academia Brasileira de Letras, em 1941; e o *Anuário de 1942*.

## REVISTA BRASILEIRA

Em consequência da renovação da Diretoria da Academia, o novo Presidente sr. José Carlos de Macedo Soares comunicou em sessão de 30 de abril que o sr. Leví Carneiro, antigo Presidente, acedera ao seu convite, continuando como diretor responsável da "Revista Brasileira". Anteriormente, havia o sr. Aloysio de Castro renunciado a seu cargo de membro da Comissão Diretora da Revista.